

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

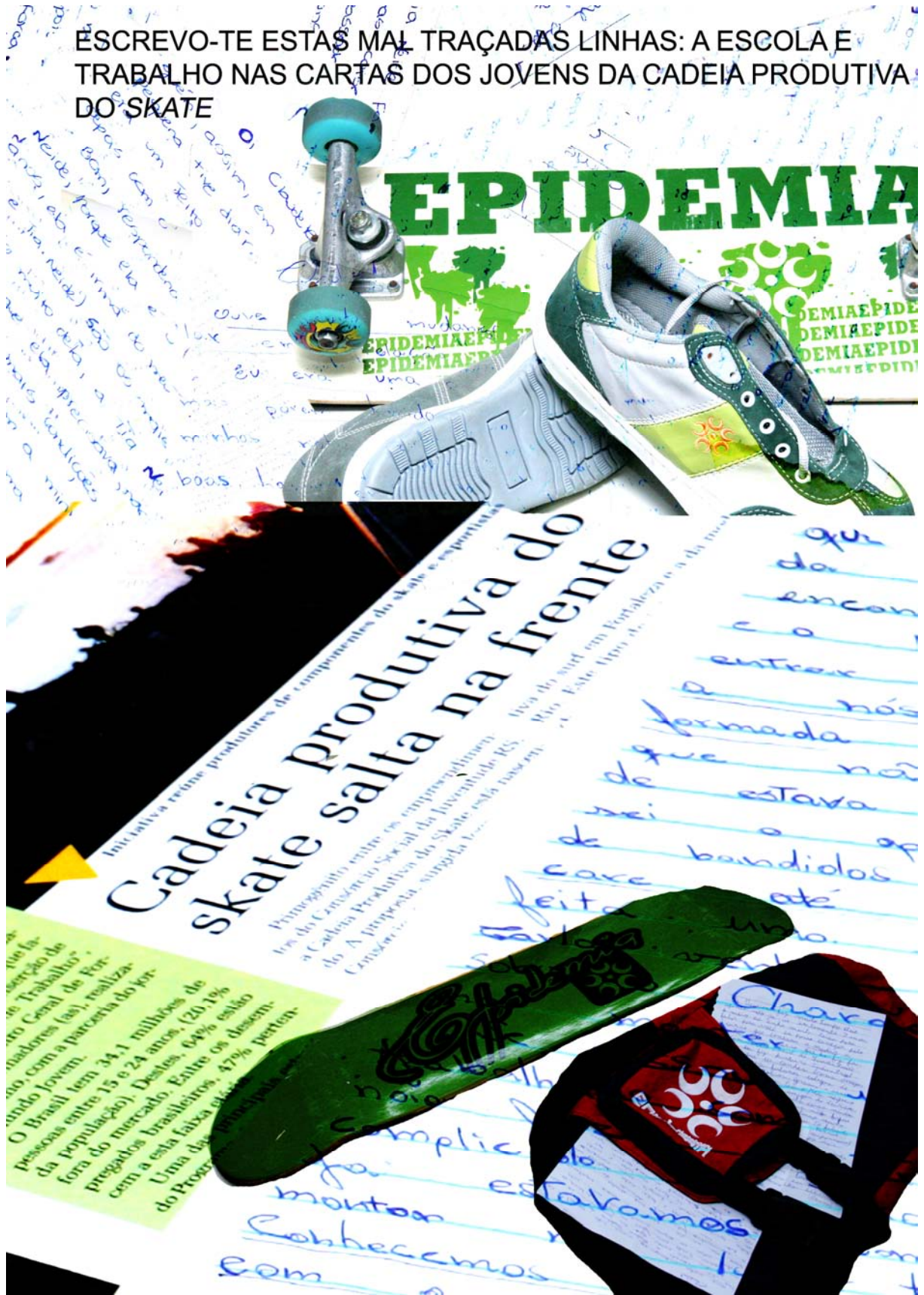
CLAUDETE SOUZA OLIVEIRA

**ESCREVO-TE ESTAS MAL TRAÇADAS LINHAS:
A ESCOLA E O TRABALHO NAS CARTAS DOS JOVENS
DA CADEIA PRODUTIVA DO *SKATE***

Porto Alegre

2009

ESCREVO-TE ESTAS MAL TRAÇADAS LINHAS: A ESCOLA E TRABALHO NAS CARTAS DOS JOVENS DA CADEIA PRODUTIVA DO SKATE



CLAUDETE SOUZA OLIVEIRA

**ESCREVO-TE ESTAS MAL TRAÇADAS LINHAS:
A ESCOLA E O TRABALHO NAS CARTAS DOS JOVENS
DA CADEIA PRODUTIVA DO SKATE**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Naira Lisboa Franzoi

Porto Alegre

2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O48e Oliveira, Claudete Souza

Escrevo-te estas mal traçadas linhas : a escola e o trabalho nas cartas dos jovens da cadeia produtiva do skate / Claudete Souza Oliveira ; orientadora Nara Lisboa Franzoi. – 2009.

194 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, BR-RS, 2009.

1. Educação. 2. Juventude – trabalho. 3. Política Pública para a Juventude. 4. Cadeia Produtiva do Skate. I. Franzoi, Nara Lisboa. II. Título.

CDU 37

CLAUDETE SOUZA OLIVEIRA

**ESCREVO-TE ESTAS MAL TRAÇADAS LINHAS:
A ESCOLA E O TRABALHO NAS CARTAS DOS JOVENS
DA CADEIA PRODUTIVA DO SKATE**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

Aprovado em 11 de setembro de 2009

BANCA EXAMINADORA

Marilis Lemos de Almeida - UFRGS

Componente da Banca Examinadora – Instituição a que pertence

Carmem Maria Craidy - UFRGS

Componente da Banca Examinadora – Instituição a que pertence

Maria Clara Bueno Fischer - Unisinos

Componente da Banca Examinadora – Instituição a que pertence

Dedico este trabalho:

Especialmente aos cinco jovens que fazem parte dele do início ao fim. Pela ternura de sempre, por me permitirem compartilhar das suas histórias sempre muito verdadeiras, pela confiança incondicional que sempre depositaram em mim. Este trabalho é de vocês e para vocês, na esperança de que ele possa mostrar que tudo que fizemos juntos não foi em vão. Permitam-me deixar para vocês uma frase de um grande autor que se chama Eduardo Galeano, que diz assim: *"A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar"*. **Adilson, Aline, Alex, José e Thüran** nunca deixem de sonhar com a esperança jovem que vocês trazem no coração que encanta e nos chama para sonhar junto com vocês. Obrigada por me permitirem sonhar com vocês!

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho quero agradecer:

- Às minhas filhas Manoela e Gabriela pela capacidade de me ensinarem tantas coisas, pela compreensão, pelo apoio nos momentos difíceis, pelo silêncio e pela alegria. Obrigado pela vida, vocês são a minha vida.
- Ao João Batista meu amor querido, companheiro, amigo, encorajador e parceiro em momentos difíceis, motivador dos meus sonhos.
- À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Naira Lisboa Franzoi, pela paciência e incentivo, pelo respeito, pela amorosidade, pelo exemplo de pesquisadora e de ser humano, pela escuta, pela disponibilidade incondicional.
- Ao grupo de pesquisa: Danise, Edenilson, Rita, Cláudia, Israel, Anália, Carla, Clarice, Margarete e Maria do Carmo pela amizade, pelas contribuições, pelas palavras, pelas sugestões, pelos olhares de apoio, pela disposição em contribuir e pela solidariedade.
- À banca de qualificação do projeto de pesquisa, pelo incentivo e sugestões na continuidade da pesquisa.
- À minha família: meu pai e minha mãe, obrigada pela vida; à minha irmã, Marilene, que pela sua valentia e vontade de viver me permitiu ver a vida com os olhos da esperança, tu és um exemplo para mim! Ao Thione, Simone e Thione Augusto pelo companheirismo de sempre.
- Aos meus colegas de trabalho da Escola Técnica Mesquita, principalmente ao Rafael, Paulo Renato e Paulo Thomassim pelas longas conversas, reflexões, pelo cotidiano alegre e reflexivo que construímos, pelo respeito, pelas contribuições e pela amizade.
- Ao Jurandir Damin, diretor da Escola Técnica Mesquita, pela compreensão, pelo incentivo, pelas sábias palavras, pelo ser humano íntegro, ético e companheiro.

- Ao Claudir Nespolo, homem de luta e de coragem, obrigada pela confiança e pela esperança de um outro mundo.
- Aos educadores da Escola Técnica Mesquita pelos questionamentos, pela amizade, pelo profissionalismo, pela solidariedade.
- Aos jovens que passaram e que estão nos Projetos Especiais da Escola Técnica Mesquita, obrigada por me transformarem em uma pessoa mais humana, por me fazerem acreditar que ainda é possível sonhar. Obrigada por me fazerem pesquisadora.
- Ao amigo Gerson Almeida pela iniciativa e empenho em transformar a idéia do Projeto da Cadeia Produtiva do *Skate* em realidade.
- Ao grupo que elaborou e às entidades que assumiram a execução do Projeto da Cadeia Produtiva do *Skate*, especialmente ao amigo Mauricio Klein, Isabel e Carla Zito.
- À Maria Clara Bueno Fischer, pelo incentivo, pelo resgate, pelos exemplos de amor à educação e à pesquisa.
- Aos ex-colegas e sempre amigos do Instituto Integrar, obrigada por me permitirem ser educadora, obrigada pela oportunidade.
- A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em especial à Prof^a. Dr^a. Vera Peroni, à Prof^a. Dr^a. Maria Stefanou e ao Prof. Dr. Jorge Ribeiro pelas sugestões, pela atenção e disponibilidade.
- Ao Prof. Dr. Danilo Streck por tudo, pela paciência e principalmente por me apresentar o Livro o Mundo de Sofia.
- A todas as pessoas que, na sua singularidade, contribuíram para me constituir no que sou e que durante os dois últimos anos fizeram parte da minha vida.

Que elemento poderoso são as cartas! Pelo trabalho que comprometem, sua natureza nunca pode ser acusada de leviana, produto que é do esforço da reflexão que se transformou em escrita. Logo, não existem – ou não deveriam existir – cartas em vão: elas são feitas para ser lidas, clamam por interlocução, por escuta atenta e, se possível, solidária. Cartas são apostas que, uma vez consideradas, mostram-se capazes de estabelecer pactos, os mais diversos, entre o autor e o leitor, entre aquele que, ao se interar dessa expressão, e mesmo contra sua vontade, acaba por se tornar uma espécie de co-autor do que leu. [...] Esses jovens escrevem. Esses jovens falam... E uma vez conhecedores de seus anseios, quem de nós, dentro do seu raio de ação e influência, será capaz de continuar ignorando os seus desejos tão legítimos?

Fernanda Montenegro

RESUMO

Este estudo trata de temas importantes tais como: juventudes, mundo do trabalho, políticas públicas voltadas para a juventude e escola. Estes se cruzam a partir da pesquisa realizada com os jovens do Projeto da Cadeia Produtiva do Skate, que procurou analisar o significado do trabalho e da escola para estes jovens a partir do momento que passam a fazer parte do Projeto da CPS. Na revisão bibliográfica: conceituo as juventudes no contexto mais geral, analisando as mudanças e os desafios que estão colocados para este segmento; apresento as políticas públicas para a juventude, procurando analisar o contexto histórico em que as mesmas ocorreram, e identificando a concepção de juventudes que as informa; lanço mão de um estudo sobre as juventudes e sua relação com a escola e com o trabalho; incorporo elementos das reflexões sobre o trabalho como princípio educativo, e sobre a forma de trabalho associativo que é a proposta do Projeto da CPS. Metodologicamente, a preocupação central foi a de dar vez e voz para os cinco jovens que fizeram parte deste estudo. O principal instrumento utilizado para coletar os dados foram as cartas escritas por eles, através das quais foram contando suas histórias de vida, os significados do Projeto nelas e os significados do trabalho e da escola para eles. Considero a metodologia um ponto forte do trabalho, pois para além de um mero instrumento de coleta de dados, foi uma oportunidade de os jovens refletirem sobre si mesmos configurando-se também em um instrumento pedagógico, propiciando aprendizagem para os jovens. As considerações finais retomam as preocupações que motivaram esta pesquisa e mostra que o Projeto da CPS, entre outras coisas, permitiu aos jovens uma formação mais abrangente, possibilitando uma qualificação que ultrapassou o saber fazer, permitindo a vivência de novos conhecimentos e novas experiências. Em relação ao trabalho, o estudo mostra que o seu significado para a vida dos jovens é múltiplo e diverso, assumindo um papel fundamental de transformação. Quanto à escola, este estudo mostrou que muitos deles a abandonaram durante sua permanência no Projeto, levando-me à hipótese de que esta não conseguiu acompanhar as mudanças e o momento intenso que os jovens estavam vivendo ali. Mas é importante destacar que todos demonstraram em suas falas que mesmo o CPS sendo um espaço de muitas aprendizagens, estas não substituíram o papel da escola, e aqueles que estavam afastados da escola sabem que a ela precisam retornar, fazendo parte de seu projeto de futuro, depositando nela uma grande esperança.

Palavras-chave: Juventudes; Trabalho e Educação; Políticas Públicas para as Juventudes; Cadeia Produtiva do Skate.

ABSTRACT

This study deals with important subjects as: youths, the world of work, public policies directed to the youth and schooling. These subjects have a crossed link starting at the research done with the young people of the Projeto da Cadeia Produtiva do Skate (CPS) – Project of the Skate Productive Chain - which has tried to analyze the signification of the work and the school for these youngsters from the moment they started to take part on the CPS Project. In the bibliographic revision: the concepts of youths are in a more general context, analyzing the changes and challenges that are given to this segment; the public policies for youth are presented trying to analyze the historical context in which they occurred as well as, identifying the conception of youths which informs them; herewith I begin a study on the youths and their relation with the school and the work; adding elements of the reflections on work as an educational principle and about the associative work which is the proposal of the CPS Project. Methodologically, the core preoccupation was to give chance and voice to the five young people who took part on this study. The main instrument used to collect data were the letters written by them, in which they tell their life stories, the significations of the Project in them and the signification of work and school for them. I consider the methodology a strong point of the work, since further than a mere instrument of data collecting; it was an opportunity for youngsters to reflect about themselves, becoming as well a pedagogical instrument, enabling learning to these youngsters. The final considerations resume the preoccupations that have motivated this research and show that the CPS Project, among other points, has allowed the youngsters a broader education, accrediting a qualification that has overcome the know-how, allowing the acquaintance of new knowledge and new experiences. In relation to the work, the study shows that its signification to the life of the youngsters is multiple and diverse, assuming a fundamental role in transformation. As to the school, this study has shown that many of them have quit while in the Project; leading me to the hypothesis that they have not been able to cope with the changes and the intensity of the moment the youngsters were living there. Though it is important to highlight that all of them have shown in their speeches that even CPS being a space of much learning, this does not substitute the role of the school, and those who were away from the school know they need to return, being this, a part of their future plans, laying on it a great hope.

Key words: Youths, Work and Education, Public Policies for Youths, Skate Productive Chain.

LISTA DE SIGLAS

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

CSJ – Consórcio Social da Juventude

CPS – Cadeia Produtiva do *Skate*

MTE – Ministério do Trabalho e Emprego

FACED – Faculdade de Educação

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

PEC – Programa de Educação Continuada

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PNAD - Pesquisa Nacional de Amostra a Domicílio

FUNABEM – Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor

CONANDA – Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente

ONG – Organização Não Governamental

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

DRT – Delegacia Regional do Trabalho

EJA – Educação de Jovens e Adultos

CORSAN – Companhia Riograndense de Saneamento

EUA – Estados Unidos da América

INSS – Instituto Nacional de Seguro Social

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
1.1	APRESENTAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO.....	19
1.2	SITUAÇÃO ATUAL DO PROJETO DA CADEIA PRODUTIVA DO SKATE	24
1.3	JUSTIFICATIVA	26
2	PERGUNTAS, INQUIETAÇÕES E OBJETIVOS DO TRABALHO.....	30
3	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	33
3.1	CONCEITUANDO JUVENTUDES	33
3.2	AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA AS JUVENTUDES.....	42
3.2.1	A História das Políticas Públicas para a Juventude.....	45
3.3	JUVENTUDES E A ESCOLA.....	49
3.4	JUVENTUDES E O MUNDO DO TRABALHO.....	53
3.5	O TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO	57
3.6	O TRABALHO ASSOCIATIVO	60
4	O CAMINHO METODOLÓGICO	63
4.1	O CAMINHO ESCOLHIDO.....	65
4.2	INSTRUMENTOS UTILIZADOS.....	66
4.2.1	As Cartas: por essas “mal traçadas linhas”	66
4.2.2	Diário de Campo	71
4.3	METODOLOGIA DE ANÁLISE.....	73
4.4	A APRESENTAÇÃO DA CARTA COMO EXPRESSÃO DE SI	75
4.5	LAPIDANDO AS CARTAS	79
5	APRESENTANDO OS JOVENS	82
5.1	HISTÓRIAS DE VIDA.....	82
5.2	COMO OS PERCEBO	90
6	A RELAÇÃO COM O PROJETO CADEIA PRODUTIVA DO SKATE.....	94
6.1	O PULO DO GATO: INSTRUMENTALIZAR-SE PARA O MERCADO DE TRABALHO.....	107
6.1.1	Andar com as próprias pernas.....	113

6.2 A RELAÇÃO COM A ESCOLA: O SALTO PARA O FUTURO?	117
7 CONCLUSÃO	126
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	133
ANEXOS	139
ANEXO A – TABELA DAS CATEGORIAS	140
NEXO B – CARTAS DOS JOVENS	158
ANEXO B – CARTAS DOS JOVENS.....	159

1 INTRODUÇÃO

O Brasil ingressou neste novo século com uma grande dívida social e continua apresentando muitas dificuldades para atender às necessidades da grande maioria da população, tais como: alimentação, saúde, moradia, educação, segurança e trabalho - o que podemos chamar de direitos básicos, que cotidianamente são negados a milhões de brasileiros. Para Sposito (2003a):

Apesar de constituir uma poderosa economia, que se situa entre as 15 maiores do planeta, o traço característico do País é a enorme desigualdade social, convivendo com uma distribuição de renda extremamente injusta e com índices de bem-estar social muito menores do que em outros países do continente latino-americano (p. 07).

Se olharmos para a sociedade hoje, através dos números¹, podemos perceber a desigualdade entre as pessoas e o quanto isso tem mobilizado diversos segmentos que tentam superar essas diferenças, trazendo reflexões a partir da realidade sistematizada e, assim, propondo ações que visam à superação dessa condição.

Algumas discussões têm demandando atenção da sociedade como um todo nos últimos tempos. A juventude é umas das questões que ganhou espaço na academia, nas religiões, nos movimentos sociais, nos sindicatos e principalmente nas ações governamentais, tanto no âmbito Federal como no Municipal e Estadual. Dessa forma, o tema juventude passa a fazer parte também das ações públicas, traduzido em Políticas Públicas, tema que será aprofundado no capítulo três deste trabalho.

Alguns fatores são relevantes para pensarmos no segmento juvenil, o primeiro são os dados do IPEA na PNAD de 2007 que mostram que os jovens de 15

¹A dívida social é de R\$ 7,2 trilhões; 40% da riqueza nacional são controlados por 5 mil clãs de famílias; 10% da população rica apropriam-se de 75% da riqueza nacional; 90% do povo brasileiro ficam apenas com 25% dessa riqueza (SANTOS, Igor Felipe. Disponível em <www.vermelho.org.br/diario/2006/0208> Acesso em 17 de junho de 2007).

a 29 anos somam 50,2 milhões de pessoas no Brasil e representam 26,4% da população. Diante desse número, várias são as demandas, entre elas, está a ausência de oportunidades de emprego.

Segundo Pochmann (2007b), o maior índice de desemprego do País está entre os jovens de até 25 anos, e, se fizermos um corte de raça, gênero e classe social, a população jovem negra e pobre é aquela que tem a menor possibilidade de ingressar no mercado de trabalho. Assim, é preciso não só garantir o acesso à escola, mas também preparar a escola para receber os jovens, com seus conflitos, signos, cultura e dificuldades características dessa fase da vida, pois só acesso não significa a permanência dos jovens na escola. Em 2001, ainda estavam fora da escola 60% dos 34 milhões de jovens. É importante ressaltar que, segundo projeção do IPEA, em 2050, a juventude vai representar 19,1% da população no País. Nesse sentido, é verdadeiro afirmar que nunca tivemos e, no futuro, não teremos mais um número tão grande de jovens no País. Portanto é preciso pensar ações para o segmento juvenil agora para não comprometer mais ainda toda uma geração futura.

O mundo do trabalho e a escola são os dois maiores desafios colocados para a sociedade como um todo, mas, para a juventude, eles são essenciais na transição dessa fase para a idade adulta, ou seja, os jovens precisam ter a oportunidade de passarem tanto pelo mundo do trabalho como pela escola para adentrarem na fase adulta. É claro que outros fatores sociais também contribuem significativamente para isso, como a constituição de uma família, por exemplo. Mas a experiência advinda do mundo do trabalho e da escola é determinante nessa transição. Todos os outros fatores que demandam atenção em relação à juventude são desdobramentos destes, a violência, a defasagem, o abandono escolar, etc.

A pesquisa que a partir de agora passo a sistematizar dialoga com os quatro temas brevemente introduzidos aqui: política pública, juventude, mundo do trabalho e escola. Esses temas perpassam do início ao fim as reflexões feitas, portanto o aprofundamento virá a partir do cruzamento da teoria com o campo empírico.

Este trabalho de pesquisa foi realizado com jovens que possuem nome, endereço, sonhos, histórias para contar e experiências, portanto são jovens que

podemos ver e ouvir. São jovens que pertencem a uma classe, à classe daqueles que precisam lutar cotidianamente por um espaço na sociedade, na escola, na família. No grupo de amigos ao qual pertencem, são jovens que, como Frigotto (2004) diz, “têm rosto definido. Pertencem à classe ou fração de classe de filhos de trabalhadores assalariados, ou que produzem a vida de forma precária, por conta própria” (p. 180).

A estrutura deste trabalho está organizada em Introdução, capítulos e anexos. Na introdução, faço uma apresentação do Projeto da Cadeia Produtiva do Skate, trazendo todo o seu detalhamento sua dinâmica de implementação e o cenário atual do Projeto da Cadeia Produtiva do *Skate* (CPS daqui em diante será explicitado com esta sigla), para situar o leitor no contexto em que se dá a pesquisa.

Na sequência, apresento a justificativa social, explicando a importância da pesquisa, que traz elementos para uma reflexão no campo das Políticas Públicas para a juventude, a partir dos temas trabalho e escola e o significado que essas temáticas assumiram na formação dos sujeitos que fizeram parte desse projeto. Apresento também a minha trajetória pessoal, mostrando que as definições e escolhas feitas partiram das inquietações e da necessidade de reflexões para além do espaço de atuação.

O capítulo 2 apresenta as perguntas que foram sendo construídas a partir dos estudos feitos e da minha prática. Partindo das indagações, elaborei os objetivos da pesquisa que passo a sistematizar.

Nos capítulos 3, apresento a revisão bibliográfica, procurando entender as juventudes em relação às mudanças e aos desafios que estão colocados para esse segmento, passando por uma leitura histórica das Políticas Públicas para a juventude, bem como pelo contexto em que foram formuladas. Trago também uma reflexão acerca do que tem sido dito na sociedade em relação à juventude e a escola, à juventude e o mundo do trabalho, visitando a discussão do trabalho como princípio educativo e o trabalho associativo. Esses dois temas partem de sugestões da banca de qualificação, tomando forma na ida a campo, onde senti a necessidade

de buscar os autores que discutem essa temática para compreender e analisar as cartas dos jovens.

O capítulo 4 traz a metodologia utilizada na pesquisa, passando pela concepção metodológica e os instrumentos utilizados. A banca de qualificação sugeriu explorar a metodologia como o ponto forte da pesquisa, portanto descrevo o passo a passo com o objetivo de também contribuir em outras pesquisas. Além disso, pretendo mostrar que alguns segmentos exigem do pesquisador o desafio de pensar instrumentos próprios para os mesmos, como foi o caso da juventude e a opção por trabalhar com cartas², acreditando que esse instrumento é instigante e animador tanto para o locutor (os jovens) como para a interlocutora (a pesquisadora).

É no capítulo 5 e 6 que bate o coração da pesquisa, é quando a ingenuidade do papel ganha sentido e as estampas passam a ser coloridas, cheias de vida, de esperança, de emoção, de denúncias e de anúncios. É chegado o momento de, a partir do que foi visto nos capítulos anteriores, analisar os dados pesquisados. Depois, conto quem são os jovens que fazem parte deste trabalho, suas histórias de vida, a maneira de apresentação das cartas e a forma escolhida para definir as categorias que fazem parte de análise neste estudo.

Nas considerações finais, procuro resgatar os elementos desenvolvidos nos capítulos anteriores, relacionando-os com as perguntas, inquietações e os objetivos definidos no capítulo 2 deste trabalho. Além de mostrar as conclusões feitas a partir da produção de dados, também procurei mostrar os limites encontrados, indicando possíveis novas investigações no campo da juventude, ainda tão carente de pesquisas que buscam ser propositivas. Neste sentido, as considerações finais sintetizam o trabalho, propondo novas reflexões e compromissos nessa temática.

² Instrumento utilizado na pesquisa que será apresentado no capítulo oito deste trabalho.

1.1 APRESENTAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

O presente trabalho tem como sujeitos da pesquisa, cinco jovens que, de alguma forma, envolveram-se e estão envolvidos com as políticas públicas de formação profissional voltadas para a juventude, desde 2002, aqui no Brasil.

A pesquisa foi realizada com cinco jovens que atualmente estão no projeto da Cadeia Produtiva do *Skate* – CPS: Adilson, Aline, Alex Charão, Thüran e José. Cabe ressaltar que esses cinco jovens participaram, em 2005, do Consórcio Social da Juventude – CSJ³ e que, embora esse não seja o objeto de estudo, de alguma forma ele está presente, pois foi a partir dele que se elaborou e implementou o projeto da CPS.

A Secretaria Nacional da Juventude, em 2006, criou o Programa Empreendedorismo Juvenil, justamente para poder abarcar e financiar projetos voltados para jovens oriundos das Políticas Públicas Juvenis, que tivessem como objetivo o trabalho associativo, entre eles o CSJ. Foi através desse programa que a CPS foi financiada. Também contou com todo o apoio nacional tendo acompanhamento efetivo durante o período de execução.

A justificativa para a criação da CPS está baseada em três pontos principais: a) na necessidade de oferecer para os jovens um espaço onde fosse possível desenvolver com o protagonismo juvenil, a partir de um exercício de produção, alguma coisa que pudesse contemplar o perfil da faixa etária que estava sendo atendida, e por isso a escolha pelo *skate*; b) na concepção de algumas entidades executoras, que acreditavam que era necessário propor outra forma de inserção dos jovens no mundo do trabalho, que não fosse somente a formal com a carteira assinada. Além disso, uma discussão forte no interior das executoras, que tinham uma identidade voltada para a formação profissional e a certeza de que o papel das

³ O Consórcio Social da Juventude - CSJ era um projeto que fazia parte do Programa do Primeiro Emprego que estava voltado para a qualificação de jovens entre 15 a 24 anos em vulnerabilidade social. O objetivo principal deste projeto era a inserção dos jovens no mercado de trabalho ao término dos cursos de qualificação profissional. Os responsáveis por esta inserção eram as entidades que executavam o projeto, cada entidade executora tinha a obrigação de inserir um percentual de 30% de jovens que estivessem sob a sua responsabilidade.

mesmas não era apenas de buscar uma vaga para aqueles jovens, mas de pensar alternativas, de criar novas possibilidades de inserção dos mesmos no mundo do trabalho, pois introduzir um jovem significava aumentar a fila daqueles outros tantos jovens e adultos que também estavam buscando essa inserção; c) na constatação da dificuldade de inclusão dos jovens no mercado de trabalho formal. Então, era preciso buscar alternativas no âmbito das entidades que estavam executando o CSJ.

Para fazer parte do projeto da Cadeia Produtiva do *Skate* era necessário ter concluído o CSJ e, preferencialmente, dar continuidade aos estudos. O objetivo geral da CPS é, segundo o seu projeto:

[...] proporcionar a criação de empreendimentos juvenis, baseados nos princípios da economia solidária, contemplando a fabricação de pistas e *skates*, roupas, acessórios, serigrafia e calçados, gerando empregabilidade para 30 jovens, oriundos do Consórcio Social da Juventude, revelando a sua capacidade de protagonismo e autogestão, resultando em uma cadeia produtiva de *skate* juvenil (CPS, 2005, p. 07).

E os objetivos específicos⁴, segundo o mesmo documento, são:

a) estruturar os empreendimentos locais com equipamentos e suporte técnico pedagógico, para que possa garantir, em médio prazo, autonomia total de produção por parte dos jovens;

b) contribuir para a gestão comercial dos produtos oriundos dos empreendimentos juvenis;

c) criar marca (grife) comum a todos os produtos da cadeia;

d) promover a capacitação dos jovens para a gestão administrativa, comercialização e produção de *skate*, pistas, vestuário, calçados, serigrafia e acessórios para a prática esportiva do *Skateboard*;

⁴ Os objetivos específicos constam no CPS. *Projeto da Cadeia Produtiva do Skate*, 2005, p. 07.

e) constituir uma central de gestão empresarial, integrando os núcleos de produção de skate, pistas, vestuário, calçados, serigrafia e acessórios, visando à gestão mercadológica;

f) construir uma base social de apoio ao projeto, articulada com as entidades e movimentos da juventude que promovam a cultura e a prática esportiva do *Skateboard*;

g) contribuir para ampliar a cultura e a identidade dos jovens que praticam o *Skateboard*.

O convênio com o MTE foi semelhante ao convênio do CSJ. Existe uma entidade âncora, que é a Escola Técnica José César de Mesquita, que contratou as outras quatro entidades oriundas do CSJ para também serem as executoras na CPS. A Escola Mesquita, além de ser a entidade âncora, é também executora, compondo o universo de cinco entidades que desenvolveram esse projeto.

A estruturação dos núcleos de produção estava distribuída da seguinte forma: na Fundação Pão dos Pobres, que durante a execução do CSJ ofereceu o curso de Marcenaria, foram produzidos os *shapes* e os módulos de pista; no Instituto Leonardo Murialdo, que durante a execução do CSJ ofereceu o curso de Costura em Bolsas e Acessórios, foi estruturado o núcleo de confecção de mochilas e acessórios; na Escola 8 de Março, que durante a execução do CSJ ofereceu o curso de Costura de Calçados, foi estruturado o núcleo do tênis específico para a prática do *skate*; na Associação Reviver, que durante a execução do CSJ ofereceu o curso de Confecção de Roupas, foi montado o núcleo da confecção voltado para o público que pratica *skate*; e na Escola Técnica Mesquita, que durante a execução do CSJ ofereceu o curso de Pintura Industrial, foi organizado o núcleo de produção da serigrafia e montagem final do *skate*. Entre as tantas tarefas dos jovens nesse projeto, uma era a escolha da marca que acompanharia os produtos feitos por eles. Após um encontro com todos os trinta jovens, foi escolhido o nome da marca: *Epidemia Skateboard*.

A principal tarefa dessas entidades era, segundo o projeto, apoio técnico para a produção, compra de materiais e equipamentos; capacitação e apoio político-pedagógico. No que tange à especificidade da produção e à capacitação técnica, cada um desses núcleos funcionou de forma autônoma.

A proposta de gestão do projeto era um consórcio entre as cinco entidades executoras. Cada entidade indicou um profissional para compor a coordenação, que foi composto por quatro coordenadores: coordenador financeiro-administrativo, coordenador comercial, coordenador de comunicação e marketing e coordenador geral. Cada núcleo definiu, dentre os jovens, um para acompanhar cada uma das coordenações por um período definido - inicialmente, por dois meses - mas que poderia ser alterado. A intenção era de que os jovens pudessem ir ampliando as habilidades de gestão através de sua integração nos diferentes núcleos e, gradativamente, tivessem condições de assumirem o gerenciamento total de seus empreendimentos.

Na estrutura de gestão geral do projeto, também foram constituídos dois conselhos. Um deles é o Conselho de Gestão do Projeto, composto por um representante de cada entidade executora, dois jovens de cada núcleo de produção e a Delegacia Regional do Trabalho, que é a representante do MTE no Rio Grande do Sul. O outro conselho é o Conselho Juvenil, do qual participam só os trinta jovens. Desse conselho sai o representante dos jovens, que participa do conselho de gestão com os demais representantes do projeto.

Conforme a determinação do próprio Ministério, a previsão de duração do projeto, era de doze meses. Essa fase da implementação seria basicamente para a formação e experimentação da produção. A expectativa era de que ao término desse período iniciaria a fase de comercialização propriamente dita. Para tanto, seriam criadas as condições para a estruturação de uma central de gestão composta pelos jovens os quais seriam responsáveis pela gestão e continuidade dos empreendimentos juvenis. Sairiam de cena, então, as executoras e as coordenações, ficando o Conselho Político, que seria formado por representantes das entidades executoras e pela Delegacia Regional do Trabalho – DRT, para fazer o acompanhamento junto aos jovens.

O Consórcio Social da Juventude tinha dentre seus objetivos a inserção no mercado de trabalho de 30% dos jovens dele egressos. A CPS cumpria com este objetivo, ou seja, o ingresso no Programa foi considerado inserção no mercado de trabalho. Essa inserção é singular – ela traz o desafio de uma formação permanente para esses jovens, além de propor um empreendimento que seja totalmente gerido por eles, dentro da lógica da economia solidária e da autogestão. Nesse sentido, ela foi especial e desafiadora tanto para os jovens como para as entidades que executaram esse projeto.

A pesquisa foi realizada com o núcleo da Serigrafia, que está sob responsabilidade da Escola Técnica Mesquita. Dos seis jovens integrantes do núcleo, uma não passou pelo CSJ, mas foi chamada para fazer parte do grupo em função da relação com outros projetos sociais que a Escola Mesquita oferece. Os jovens reúnem-se diariamente no período da manhã, e, dependendo da demanda de produção, essa dinâmica pode ser alterada. Eles possuem um espaço cedido pela Escola. Nesse, há uma infraestrutura que compreende todo o maquinário necessário para uma serigrafia, somados a computador, impressora e móveis de escritório, e todo esse material foi adquirido com recursos do MTE. A Escola Mesquita disponibiliza telefone, apoio técnico e pedagógico para atender às necessidades diárias dos jovens.

É importante registrar que o meu compromisso com esta pesquisa passou, em primeiro lugar, pelo respeito que tenho por esses jovens, e foi esse respeito que me mobilizou neste estudo, procurando analisar esse projeto com o distanciamento ético e necessário para perceber os limites e avanços, descobrindo, juntamente com eles, o significado do projeto no contexto do mundo vivenciado, experimentado e refletido pelos jovens, e, conseqüentemente, para mim, enquanto profissional.

Entre tantos projetos que coordenei (com jovens) entre o ano de 2000 e 2008, escolhi o da Cadeia Produtiva do Skate que iniciou em 2007, pois nele estão presentes as duas categorias – escola e trabalho – que tenho me mobilizado para compreender. Nesse projeto, essas duas categorias estrategicamente se entrecruzam, misturam-se, tanto na proposta teórica como no espaço físico onde se

desenvolve, por ser uma escola técnica que compreende que não basta apenas a formação profissional desvinculada da elevação de escolaridade.

1.2 SITUAÇÃO ATUAL DO PROJETO DA CADEIA PRODUTIVA DO SKATE

Com o objetivo de situar o leitor, vou fazer um breve relato da situação atual do Projeto da CPS.

Em dezembro de 2007, foi enviada para o Ministério do Trabalho a segunda fase do Projeto da Cadeia Produtiva do *Skate*, pois o período de validade da primeira fase do Projeto era de 12 meses, o que estaria vencendo no final de 2007. Nesse mesmo período, houve a mudança do secretário no Ministério do Trabalho, saindo Luiz Marinho e entrando Carlos Luppi. Foi um período longo para a transição dos secretários e, durante o mesmo, tivemos que ficar esperando. Seis meses se passaram e o novo Secretário nem sabia da existência da primeira fase do Projeto, muito menos da segunda, que daria continuidade ao Plano/Projeto.

Enquanto isso, os núcleos foram se desestruturando, pois na primeira fase, havia recurso para manter uma pessoa por entidade. Esta seria a responsável pelo projeto juntamente com a direção geral da instituição, que não receberia pelo mesmo, somente os instrutores recebiam, e mais os quatro coordenadores do projeto, que eram contratados pela entidade âncora. Essa coordenação concluiu as suas atividades junto do encerramento do Projeto em dezembro de 2007, e os instrutores também, pois após o término do contrato não se tinha mais recurso para pagar pelos serviços.

Ficaram, então, as pessoas que trabalhavam nas entidades com outros projetos, e que recebiam através das verbas dessas instituições e não pelo Projeto da CPS, mesmo assim muitos saíram, pois das entidades que faziam parte a grande maioria se sustentava com recurso público, e isso é irregular, ora se tem verba, ora não. As pessoas que foram entrando nas entidades não conheciam o Projeto e, como não se tinha recurso, as instituições praticamente abandonaram os jovens. Houve entidade que até proibiu a entrada dos jovens no espaço que havia sido

montado para eles, pois não havia um educador responsável para acompanhá-los. Dessa forma, o abandono que se seguiu foi o dos jovens. Em alguns núcleos, havia muita rotatividade dos jovens. Na Escola Mesquita, um jovem foi trocado e outro pediu para sair, os demais ainda são os mesmos desde o período do Consórcio Social da Juventude em 2005.

Na primeira fase do Projeto, o recurso foi destinado à formação dos jovens e à produção de um lote experimental de 100 peças de cada produto que compunha a cadeia. Não foi permitida, por parte do MTE, a comercialização dos produtos, pois segundo o Ministério não se pode comercializar artigos oriundos de recurso público. A segunda fase seria, então, a da comercialização, seria a fase mais esperada pelos jovens, só que até hoje ela ainda espera pela aprovação do MTE.

Os jovens não resistiram à espera, nem as entidades que faziam parte do Projeto, desmobilizaram-se e foram “tocar a vida”. As instituições buscaram novos projetos. Na Escola Mesquita, o espaço dos jovens continua montado, com toda a infraestrutura que havia no início. A bolsa que os jovens tinham da Corsan⁵ acabou no início deste ano e, com isso, ficou difícil mantê-los frequentando regularmente a Escola Mesquita. Fizeram alguns trabalhos, mas atualmente como não estão indo, o trabalho também não aparece.

Durante a execução do Projeto da CPS, os jovens traziam uma preocupação: será mesmo que esse projeto vai dar certo? Essa era uma pergunta constante. Eu sempre devolvia o questionamento, e eles sempre respondiam a mesma coisa: “vai depender de nós!” Confesso que essa resposta deles nunca me convenceu, porque eu nunca tive tanta certeza assim, de que dependia só deles.

⁵ Esta foi a empresa que cotizou os jovens durante dois anos do Projeto da CPS, através da Lei do Jovem Aprendiz. No item 9.6 este tema também é discorrido.

1.3 JUSTIFICATIVA

Atualmente, devido ao grande volume de informações produzido diariamente, é praticamente impossível ler tudo sobre um determinado assunto. É também difícil selecionar, entre tantas publicações, aquelas que são realmente relevantes. Nesse sentido, é difícil definirmos temas de pesquisa que venham ao encontro de interesses mais gerais, não só do pesquisador. Quando o tema surge a partir de um acúmulo teórico e de uma prática que faz parte da trajetória de quem se interessa pela pesquisa, por si só, justificar-se-ia a pesquisa, mas, além disso, neste caso específico, o tema proposto apresenta uma importância muito grande por ser atual e ainda muito pouco explorado.

A relevância deste estudo dá-se principalmente por existir uma lacuna sobre os temas: juventude, política pública, mundo do trabalho e escola, tanto na academia como na sociedade em geral, e nesse último, em específico, faz-se necessário um estudo que mostre as interfaces que envolvem esta etapa da vida chamada juventude, pois no senso comum a concepção que existe sobre os jovens é carregada de preconceitos oriundos da pouca discussão relacionada ao tema.

As pesquisas feitas sobre a juventude contribuíram muito para entender e, ao mesmo tempo, instigar novos estudos. Pesquisas como a da UNESCO, Instituto Cidadania, Ibase e de alguns pesquisadores como Sposito, Abramo, Carrano, Mellucci, José Machado Pais, Maria das Graças Rua, Pochmann, Craidy entre outros são fundamentais e foram determinantes para se pensar a juventude e suas demandas, as questões ligadas à cultura juvenil, à violência, à relação dos jovens com a escola e com os conflitos que demandam dessa relação, às Políticas Públicas para a juventude e à forma de se pensar essas ações e juventude e mundo do trabalho. O estudo aqui apresentado vem ao encontro dessas discussões, mostrando dados que podem contribuir significativamente em todos esses campos citados, procurando aprofundar e suscitar novas reflexões principalmente no campo do mundo do trabalho e juventude.

A opção feita neste trabalho, principalmente na metodologia, de ser uma escrita comprometida com os fatos acontecidos, tendo o cuidado em detalhar os

procedimentos, deixando os dados perceptíveis ao olhar, permitindo imaginar as etapas que estavam sendo executadas, também pode contribuir em novas pesquisas, no sentido de que o trabalho com as cartas permite uma abrangência muito grande de assuntos que podem ser analisados. O olhar para as cartas se deteve nas questões relacionadas aos significados do projeto, do trabalho e da escola para os jovens, mas muitas outras coisas poderiam ser discutidas a partir das cartas, o que permite novas pistas para futuras pesquisas.

Este trabalho também apresenta relevância tanto no campo social como acadêmico, pela sua atualidade e pelas contribuições nas reflexões acerca da juventude atuando em uma proposta de trabalho coletivo. E, por fim, a inserção e o meu envolvimento com o campo empírico, mostra que é possível pesquisar o seu próprio campo de atuação, utilizando-se do distanciamento necessário. Quando isso acontece, a pesquisa torna-se um tratado de aprendizado tanto para o pesquisador quanto para os sujeitos pesquisados.

Antes de detalhar as diretrizes do trabalho, convém destacar o percurso formativo que venho traçando desde o período da graduação e que demonstra os motivos e o interesse pelo objeto pesquisado.

Quando fui buscar, na minha trajetória, os motivos que me aproximaram do tema escolhido para esta pesquisa, ou seja, juventude e política pública de educação profissional voltada para o público jovem, cheguei ao lugar em que, de fato, tudo começou: a minha experiência como bolsista de iniciação científica na pesquisa “Iniciativas sindicais no campo da formação técnico-profissional e educação básica para enfrentar os desafios decorrentes das transformações nos mundos do trabalho”, na UNISINOS, com orientação da prof^a. Dr^a. Maria Clara Bueno Fischer. Durante essa pesquisa, tive encontros que me ajudaram a definir as escolhas no campo da educação: autores como: Marx, Gramsci, Paulo Freire, Miguel Arroyo, Frigotto, Kuenzer e outros. Tais autores não só pareciam me entender, ou eu os entendia e através deles me entendia, mas também me permitiram encontrar algumas respostas e trouxeram-me novas perguntas. Após a conclusão daquela pesquisa, fato que se deu juntamente com a conclusão do curso de Pedagogia, eu

tinha claro o caminho que queria seguir: trabalhar com a educação de jovens e adultos que estivessem afastados dos bancos escolares.

Outro fator que contribuiu para a minha aproximação com o tema da pesquisa foi a experiência que tive como aluna PEC – Programa de Educação Continuada da FAGED – Faculdade de Educação da UFRGS - em 2006. Na disciplina⁶ cursada, dois autores foram fundamentais para as minhas definições em relação à pesquisa. Um desses autores foi Castel, que me permitiu ampliar a visão em relação às questões sociais e o entendimento histórico dos motivos que levam ao desequilíbrio social, e, principalmente, entender a condição de assalariado, o que, para esse autor, é o “cerne da questão social” (CASTEL, 1998, p. 146). O autor também discorre sobre como o capitalismo e as ineficiências do Estado foram tomando forma e fortalecendo-se cada vez mais ao longo da história, desafiando-nos a refletir principalmente sobre o trabalho e o significado desse na vida do ser humano.

Para compreender um pouco mais, foi preciso estudar o histórico da estruturação e do desenvolvimento da educação profissional. Através dos estudos apresentados por Manfredi, é possível perceber o “distanciamento entre o que é ensinado na escola e os desafios a serem enfrentados no mundo do trabalho” (MANFREDI, 2002, p. 31). Outra contribuição importante dessa autora são as relações entre trabalho, escolarização e profissionalização que, segundo ela, “resultam numa complexa rede de determinações, mediações e tensões entre as diferentes esferas da sociedade, bem como não espelham de modo nítido as ligações existentes entre as estruturas, os processos e os interesses dos sujeitos envolvidos” (MANFREDI, 2002, p. 32). Entender essa rede complexa é fundamental para compreender a crise vivida pela nação. Crise que se arrasta ao longo de mais de uma década, atingindo e marginalizando a todos, principalmente a população jovem.

Essas duas experiências acadêmicas ajudaram-me a montar um quebra-cabeças e, ao mesmo tempo, constituíram-me educadora, oportunizando o desenvolvimento do trabalho que realizo atualmente e que está imbricado com o

tema da pesquisa. Coloco a pesquisa e a experiência como aluna PEC em primeiro lugar, porque é o que se destaca quando penso em minha trajetória: foi esse o meu ponto de partida para o percurso formativo que venho construindo, e elas serviram de chave para descobrir novas possibilidades. Entre as novas possibilidades está o segundo motivo que me aproximou do tema da pesquisa: o trabalho que desenvolvo há mais ou menos seis anos na Escola Técnica Mesquita, uma escola do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Porto Alegre. Minha função é a coordenação pedagógica dos projetos especiais, que envolvem projetos de inclusão para jovens e adultos em vulnerabilidade social. A convivência diária com jovens possibilita-me uma renovação permanente, permite-me ter esperança, e, como diz Freire (2001), “minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da esperança crítica, como o peixe necessita da água despoluída” (p. 10). É essa esperança que renovo a cada dia, baseada na crítica do trabalho que procuro desenvolver.

Os autores citados contribuem efetivamente para o meu desenvolvimento profissional e também para a decisão em torno do assunto escolhido para a pesquisa, porém compreendo que tenho um universo de estudos teóricos necessários à trajetória que quero sistematizar e refletir durante a construção deste trabalho. A definição por realizar a pesquisa no núcleo que está na Escola Mesquita é pelo fato deste fazer parte da minha trajetória profissional dentro da escola. Esse grupo é responsável pelas minhas inquietações referentes à temática da juventude, pois é com ele que convivo diariamente, não só coordenando o projeto junto com os jovens – é nesse convívio que surgem as minhas incomodações e as minhas acomodações.

⁶ Seminário Políticas atuais de educação profissional brasileiras em debate, oferecido pela Prof^ª Dra. Naira Lisboa Fronzoi

2 PERGUNTAS, INQUIETAÇÕES E OBJETIVOS DO TRABALHO

A partir desse convívio, surge o desejo de analisar a relação desses jovens que já passaram por uma proposta diferenciada de formação profissional através do CSJ e que, atualmente, estão no projeto CPS, com a escola e com o trabalho, procurando compreender o significado dos mesmos nas suas vidas. No decorrer da pesquisa, a partir dos dados coletados e do aprofundamento teórico, alguns questionamentos foram levantados: qual o significado da escola para os jovens que estão envolvidos com Projetos Sociais? Qual o significado do trabalho? E como isso volta para a vida vivida desses jovens? De que forma esses jovens que estão nos Projetos Sociais se relacionam com as escolas de origem e com o trabalho proposto nos próprios Projetos? O que muda, tanto para a escola como para os jovens? Essas perguntas rondam diariamente o meu fazer pedagógico: na convivência com os educadores, nos momentos de reflexão e, principalmente, no convívio com os jovens, com os seus sonhos, que acabam fazendo parte dos meus; com os seus sentimentos, facilmente manifestados após um período de convivência e de respeito absoluto às suas histórias, aos seus mundos.

A pergunta principal que a pesquisa procurou responder é: *qual o significado do trabalho e da escola na trajetória dos jovens durante os diferentes momentos do Projeto da Cadeia Produtiva do Skate?* Nunca esquecendo que o pano de fundo que orientou essa indagação e a tornou ainda mais forte é que esses jovens eram oriundos de uma proposta de política pública⁷ específica para a juventude, e que a Cadeia Produtiva do Skate - CPS, embora seja um projeto pensado e elaborado pela sociedade civil organizada, também está no “guarda-chuva” das políticas públicas voltadas para a juventude, visto que ela é um projeto que recebeu recurso público para a sua implementação e foi acompanhada pelo Governo Federal através do Ministério do Trabalho via Secretaria Nacional da Juventude.

⁷ O Consórcio Social da Juventude – CSJ

A revisão da literatura mobilizou-me a compreender algumas indagações que foram ganhando espaço também dentro das minhas inquietações. Uma delas é de que a educação não acontece só na escola, mesmo sendo este um espaço definido por excelência para tal; a outra é que a escola é o espaço privilegiado para a socialização juvenil.

Por outro lado, minha prática nos projetos especiais para as juventudes, foi me mostrando situações até então desconhecidas, e essas foram também me inquietando, exigindo um estudo para poder compreendê-las. Através destas situações, fui percebendo que:

- a) O significado que o trabalho assume na vida dos jovens é múltiplo;
- b) Há um distanciamento entre a escola e o mundo do trabalho e vice-versa;
- c) A partir do momento em que os jovens começam a ter a formação voltada para uma qualificação específica, eles passam a não ver sentido em frequentar a escola;

É importante explicitar essas percepções, indagações e inquietações, pois as mesmas atravessam todo o trabalho e imbricam-se em minha análise final.

A partir dessas percepções e dos questionamentos levantados, foram estabelecidos os seguintes objetivos para a pesquisa:

Objetivo geral:

Analisar e compreender o significado do trabalho e da escola na vida destes jovens a partir do momento que passam a fazer parte do Projeto da Cadeia Produtiva do Skate.

A partir deste foram definidos os objetivos específicos:

- a) Conhecer a trajetória de escolarização e de trabalho dos jovens que atuam no Projeto Cadeia Produtiva do *Skate*;
- b) Compreender a relação que os jovens estabelecem com a Cadeia Produtiva do *Skate*;
- c) Investigar a relação que os jovens que atuam no CPS estabelecem com a escola e o mundo do trabalho;
- d) Analisar de que forma a participação dos jovens no CPS afeta sua relação com a escola e com o mundo do trabalho;

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Enquanto estava pensando e vivendo a escrita deste trabalho, senti a necessidade de definir um ponto de partida, um lugar onde as formulações ganhassem sentido. Era preciso organizar o pensamento e, ao mesmo tempo, buscar mais informações referentes ao tema que estava sendo pesquisado. Precisei de instrumentos para continuar “brincando” com as ideias. Entender a fase da vida denominada juventude era fundamental, bem como estudar sobre as políticas públicas oferecidas para essa categoria ao longo da história, podendo, então, lançar um olhar, o mais abrangente possível para num determinado momento ir compreendendo a trajetória dos jovens da CPS.

Também se fez necessário refletir sobre a escola e o trabalho e a dimensão que essas duas categorias têm para os jovens.

Diria que a discussão proposta para os próximos capítulos poderia ser um breve levantamento teórico referente aos temas de interesse. Cabe ressaltar que, na análise dos dados produzidos durante a pesquisa, esses temas ganham vida e se incorporam nas reflexões feitas a partir do que foi vivenciado, ou seja, a teoria ganha vida no trabalho de campo. Por isso, desde o início, mesclo as reflexões teóricas com as inquietações advindas da minha vivência e trago as falas dos jovens com a intenção de relacionar e dar sentido aos dois campos: teórico e empírico.

3.1 CONCEITUANDO JUVENTUDES

Neste capítulo, pretendo conceituar as juventudes, procurando encontrar e compreender os cinco jovens que fazem parte deste estudo e romper com a obviedade em que o tema tem sido trabalhado, assim como diz Abramo (2005):

Juventude é desses temas que parecem óbvios, dessas palavras que se explicam por elas mesmas; é assunto a respeito do qual todo mundo tem algo a dizer, normalmente reclamações indignadas ou esperanças entusiasmadas. Afinal, todos nós somos ou fomos jovens (há mais ou menos tempo), convivemos com jovens em relações mais ou menos

próximas, e nas últimas décadas eles têm sido tema de alta exposição nos diferentes tipos de mídia que atravessam nosso cotidiano (ABRAMO, 2005, p.37).

No entanto, quando se pretende conceituar esse período pelo qual todo ser humano passa, as dificuldades são grandes, pois, na verdade, trata-se de um período, no ciclo da vida, que apresenta muitas diversidades e transformações. Em documento da UNESCO (2004),

O termo juventude refere-se ao período do ciclo da vida em que as pessoas passam da infância à condição de adultos e durante o qual se produzem importantes mudanças biológicas, psicológicas, sociais e culturais, que variam segundo as sociedades, as culturas, as etnias, as classes sociais e gênero (p. 23).

Ao longo do tempo, na nossa sociedade, muitos temas foram exigindo reflexões e elaboração de novas configurações, como por exemplo, a questão de gênero. Entre esses temas que levaram a sociedade a refletir, está a juventude, que no decorrer dos tempos foi-se configurando como um período específico e de destaque. A partir do século XVII, as crianças deixaram o mundo adulto, e de serem educadas diretamente por ele, e passaram a frequentar a escola. Com isso, as etapas intermediárias entre infância e o mundo adulto passaram a ser definidas. No século XX, houve uma crescente ampliação da condição juvenil, possibilitando a compreensão dos limites etários. A dificuldade que os jovens demonstravam em se ajustar ao mundo vinha do próprio modelo de integração existente na sociedade e não somente pela condição de ser jovem. Estudos realizados nos anos 60 mostram que as gerações e a juventude passam a ser vistas como fator de inovação social, e é nesse período, de acordo com Abramo (2005), que:

[...] a visibilidade é priorizada para jovens escolarizados e de classe média, situação que condensava o significado da condição juvenil; o debate se dirigia então para o papel que os jovens (principalmente por intermédio dos movimentos estudantis, da contracultura e do engajamento em partidos políticos de esquerda) jogavam na continuidade ou transformação do sistema cultural e político que recebiam como herança (p. 38).

Dessa forma, o debate sobre juventude ficou fora das intenções e de ações voltadas para o campo dos direitos e cidadania. Abramo (2005) mostra que há uma concepção recente, que concebe a juventude “para além da adolescência em risco e

para além dos setores de classe média” (p. 39). Essa percepção emergiu com mais força de uns dez anos para cá, e é nesse período que as ações vão-se ampliando para jovens das camadas populares, que, segundo Dias:

São classificados como de risco e vulnerabilidade, compreendidos pelos parâmetros institucionais das políticas públicas como aqueles que estão no limiar da marginalidade, requerendo intervenções assistenciais e educativas para reintegrá-los à sociedade (DIAS, 2005, p. 10).

Sujeitos que, a partir do (ECA) Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei Federal n° 8.069, promulgada em 1990, passaram a ser reconhecidos como um segmento de sujeitos de direitos. Foi na metade dos anos 90, que, de acordo com SPOSITO (2003b), o tema da juventude começou a ganhar projeção e complexidade no espaço público brasileiro. De modo geral, os jovens passaram a ter centralidade sob dois aspectos: vítimas ou protagonistas de problemas sociais.

Em 2002, a preocupação era olhar e pautar a juventude no campo da política, articulando ações propositivas, pois, mesmo com a conquista do ECA, ainda estava longe de os jovens serem reconhecidos como sujeitos de direitos e incluídos ativamente no processo democrático. Era preciso reconhecer a juventude como um problema político, que exigia tomada de posição e novas definições.

Para Abramo (2005), os estudos realizados tempos atrás se baseavam no alerta de que não existe somente uma juventude, ou seja, uma é constituída pelos filhos dos trabalhadores e desempregados que estão desprovidos de recursos materiais, em que o trabalho é o que move e o que mobiliza, seja pela busca ou pela permanência nele. Para essa juventude, a necessidade de buscar um emprego está sempre em primeiro lugar, ficando a educação sempre em segundo plano - é preciso, primeiro, garantir a sobrevivência. E a outra juventude é constituída por jovens da burguesia, cujos pais suprem-lhes todas as necessidades, cultivando os desejos e os sonhos, dando-lhes total apoio para a realização dos mesmos. Geralmente, estudam por longos períodos, preparando-se para disputar as melhores oportunidades, e a entrada no mercado de trabalho é, dessa forma, pretensamente adiada, pois a prioridade é o estudo, para mais tarde buscarem a sua inserção.

Estudos recentes sobre os jovens nas sociedades contemporâneas - Sposito (2003, 2005); Abramo (2000, 2003, 2005); Carrano (2000, 2003, 2005); Abad (1994, 2003, 2004) - mostram que, para além da questão de classe, é preciso considerar a diversidade das condições materiais e simbólicas vivenciadas cotidianamente pelos diferentes grupos juvenis (DIAS, 2000). Abramo (2005), citando as reflexões de Abad (2003) e Sposito (2003a), diz que:

O modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo de vida juvenil alcança uma abrangência social maior, referida a uma dimensão histórico geracional, e situação que revela o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc (ABRAMO, 2005, p. 42).

Essa diversidade acaba por consagrar o termo juventudes no plural e não mais no singular, pois não se pode mais desconsiderar a diversidade nessa etapa de vida. A partir desse novo olhar sobre as juventudes e de todas as considerações que emergem dessa condição, algumas reflexões são importantes na sua definição. Além de se considerar juventudes no plural, é necessário, também, relativizar a idade, que, nas pesquisas já citadas, é referida aos modos de transição para a vida adulta. Para Abramo (2005),

[...] estudos têm mostrado modificações nesses processos, trazidas em grande parte pelas mudanças no mundo do trabalho e nas possibilidades e padrões de inserção no “mundo adulto”. Sobre o pano de fundo de uma relativa descronologização do percurso das idades, e uma dificuldade geral de lograr inclusão plena, a entrada no mundo adulto se faz cada vez mais tarde (estendendo ainda mais o tempo da juventude), segundo etapas variadas e desreguladas, sem uma linearidade padrão (p. 44).

Com esse olhar, sem os homogeneizar e partindo do pressuposto de que as juventudes, no mais amplo sentido, são sujeitos que fazem história, independente do grupo ou redes sociais⁸, e também considerando os momentos diferenciados pelos quais passam as juventudes, a preocupação é, conforme Abramo (2005), “examinar as condições da vivência juvenil e não apenas os modos de passagem para a vida

⁸ Que Bourdieu define como sendo “uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimentos, ou, em outros termos, a vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente os unidos por ligações permanentes e úteis (BOURDIEU, 1998, p.67).

adulta” (p. 45), analisando minuciosamente esse momento importante e decisivo na vida dos jovens com realidades e vivências diferentes e singulares.

Segundo Sposito (2003a):

[...] o País superou a marca de 170 milhões de habitantes, e, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), metade da população é constituída por crianças e jovens com menos de 25 anos. Desses, 81,25% vivem em zonas urbanas, e a composição da população é multiétnica: brancos 53,6%, negros 45,3%, orientais 0,65% e indígenas 0,5% (p. 07).

Nunca se teve, na história, um número tão grande de jovens em nosso país. Atualmente, temos 34 milhões de jovens com idade entre 15 e 24 anos⁹, sendo aproximadamente 17 milhões de mulheres e 17 milhões de homens (IBGE, 2000).

A grande maioria desse contingente juvenil é encontrada nas áreas urbanas das cidades, enfrentando as dificuldades que tal condição impõe a todos, especialmente às juventudes, pelas suas especificidades, pois, além dos desafios que essa condição impõe, precisam conviver com as contradições do processo de modernização da sociedade brasileira das últimas décadas, que possibilita aos jovens experimentarem os dois universos no padrão de suas vidas: a melhoria no padrão de vida da população em geral e as desigualdades cada vez mais crescentes nas suas vidas.

Como já dito, o recorte social é o que difere o modo como as juventudes são definidas, mas, independente de classe social, as juventudes vivenciam momentos semelhantes. Para Singer (2005),

Isso acontece porque nasceram em um mesmo período histórico, portanto é de se esperar que a maioria vivencie a realidade brasileira ao mesmo tempo, e como estão na mesma faixa etária, [...] estão fadadas a passar a vida juntas, atravessando as mesmas vicissitudes políticas e econômicas (SINGER, 2005, p. 27).

⁹ Essa é a idade admitida convencionalmente, principalmente em pesquisas recentes. Não desconhecendo as ressalvas anteriores baseadas em Abramo (dentre outros, como Sposito, 2003, Pochmann, 2004), essa será a idade a que vamos nos referir neste trabalho. No CSJ, essa é a idade considerada pelos documentos oficiais para contemplar os jovens com o projeto.

O mesmo autor diz que:

O mundo em que vive a atual coorte de jovens é o resultado de uma evolução histórica que as coortes de pais e avós construíram. A história sempre é feita por coortes. Embora elas se misturem em festas ou comemorações cívicas, nas famílias, no trabalho, a história, em cada período, é o resultado de coortes de adultos e velhos que desfrutam de poder político e/ou econômico, sendo desafiadas e denunciadas por coortes de jovens que deles dependem (SINGER, 2005, p. 28).

Dessa forma, é preciso considerar a existência de duas coortes¹⁰ importantes: uma que tem poder econômico e poder político, e outra que não possui esses poderes. Singer (2005, p. 28) diz que esses são “os que não têm renda abundante ou ao menos suficiente para satisfazer suas necessidades e anseios, encontram-se diante do dilema de submeter-se aos que possuem mais ou revoltar-se e fazer voto de pobreza”.

Para uma boa parte da juventude, sobra, muitas vezes, como diz Singer (2005, p. 29), a “submissão e as imposições do mundo adulto, ou mergulham na delinquência, nas drogas e na morte prematura”, pois muito pouco resta, as alternativas são poucas. Diante disso, os desafios são grandes, e não dependem somente da organização e vontade dos jovens. O mundo do trabalho configura-se como um dos grandes desafios para a população em geral e para as juventudes, seja pela dificuldade de inserção ou pela permanência nele. Brenner, Lânes e Carrano (2005) mostram que:

[...] em 2001, os índices totais de desemprego chegaram a 27,3% para os jovens entre 15 e 19 anos e 18,9% para aqueles entre 20 e 24 anos de idade. Os jovens representaram 62,2% no montante global dos que perderam emprego assalariado (p. 196).

Os mesmos autores, citando uma pesquisa do Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio - PNAD de 2002 mostram que “entre os jovens desocupados, em 2001, aproximadamente 50% deles estavam à procura do primeiro emprego” (BRENNER; LÂNES; CARRANO, 2005, p. 197). Outro desafio grande é também o acesso à educação, como mostra a pesquisa do Instituto Cidadania, de 2005. Entre

as grandes preocupações citadas pelos jovens, estão a falta de trabalho e a educação. Ainda segundo Brenner, Lânes e Carrano (2005), cujas afirmações baseiam-se em dados do IBGE (2001/2002):

No ano de 2000, havia mais de 18 milhões de jovens fora da escola. Desses, quase dois milhões eram analfabetos, 91,9% viviam em famílias com renda per capita de até um salário mínimo e 70% habitavam a região mais pobre do país, a região nordeste. Dos quase 16 milhões matriculados nas diversas escolas brasileiras, no censo de 2000, 66,3% estavam na faixa etária entre 15 e 19 anos e 24,3% entre 20 e 24 anos. No ensino superior estavam apenas 10,9% desse total (p. 196).

O resultado desses processos de exclusão e negação para a maioria dos jovens torna-se perigoso, pois os mesmos encontram-se no momento de organização pessoal e social. Os autores chamam a atenção para o fato de que “é nessa faixa etária que a socialização dos jovens ocorre de forma intensa, e que esse quadro de escassez de alternativas para satisfação de necessidades e desejos pessoais e coletivos, em ambientes saturados de signos, é mediado pela sociedade de consumo” (BRENNER, LÂNES E CARRANO, 2005, p. 197).

A leitura feita por esses jovens, segundo os autores e facilmente verificada através do contato com os jovens na CPS, “é que são uns fracassados em relação a sua trajetória escolar e profissional” (BRENNER, LÂNES E CARRANO, 2005, p. 197). O sentimento mais forte é a frustração, e, em muitos casos, o que resta como saída é a violência. Conforme Craidy e Gonçalves (2005, p. 20), “a insegurança e o sentimento de vulnerabilidade são mais intensos entre os jovens que estão a buscar seu lugar na sociedade, pois deixaram a dependência infantil e buscam ocupar uma função como adultos”.

De acordo com dados trazidos por Brenner, Lânes e Carrano (2005), através de estudo realizado pela UNESCO (Mapa da Violência 2002):

[...] a taxa de mortalidade por homicídio de jovens entre 15 e 24 anos, no Brasil, era a terceira do mundo, ficando atrás apenas da Colômbia e Porto Rico. Os homicídios, em especial, incidem diretamente sobre a população

¹⁰ Segmento de pessoas que estão na mesma faixa etária, digamos dos 16 aos 24 anos. E, portanto, nasceram entre 1980 e 1988 e por isso fazem parte de uma coorte. (SINGER, 2005).

jovem dos setores mais marginalizados social e economicamente da sociedade brasileira (p. 197).

Outros dados trazidos pelos mesmos autores mostram que:

Em 2001, mais de 10 mil adolescentes estavam em situação de privação de liberdade, cumprindo medidas socioeducativas, [...] sendo que desses 90% eram do sexo masculino, 76% encontravam-se na faixa etária de 16 a 18 anos, 60% eram negros e 51% não freqüentavam a escola ou trabalho no momento em que cometeram o ato infracional (BRENNER, LÂNNESE E CARRANO, 2005, p. 197).

As pesquisas mostram que, de fato, há um desencadeamento de outras situações colocadas para os jovens, independente de escolha, mas por falta dela. Segundo Craidy e Gonçalves (2005):

Pode-se afirmar que a violência social é a grande preocupação da sociedade brasileira e que os jovens são vistos como seus principais protagonistas. Temidos e ameaçados, eles buscam um lugar que lhes é negado (p. 20).

Os jovens que fazem parte da CPS sabem que as oportunidades são limitadas, o acesso ao lazer, arte, cultura, bens e serviços não é para todos. Eles sabem que estão “fora”. Um fato que me chamou atenção foi durante a execução do CSJ, quando os jovens foram ao banco para receberem a primeira Bolsa Auxílio¹¹. A maioria foi, à mesma hora, ao Shopping que fica próximo da escola para comprar roupas de uma marca famosa, reconhecida por eles como sendo marca de “playboy”. O uso de roupas e tênis de marca, mesmo falsificados, é muito comum entre eles, mas, como dizem: usar “um puro é da hora, agora sim eu tô bacana”. Para Craidy e Gonçalves (2005):

Consumir a qualquer preço torna-se decisivo no sentimento de sentir-se importante, de ter um lugar social, sobretudo para aqueles que se sentem à margem. Essa é uma das causas da violência social, não a única, e talvez nem a principal. O que produz a violência é uma maior consciência das possibilidades e dos direitos, uma inconformidade em ficar “fora do baile”. A melhora dos níveis de escolaridade, do acesso ao consumo, da consciência de direitos terá exercido um papel na configuração da violência (p. 21).

¹¹ Bolsa Auxílio era o recurso que o jovem recebia mensalmente durante o período do curso.

A história de um jovem ilustra os números e mostra quem está por trás dos índices:

“Gaúcho, criado em Brasília, atualmente morador da zona sul de Porto Alegre. Antes disso, morei seis anos na periferia de São Paulo, mais precisamente zona norte.

Fui camelô, diretor de Grêmio Estudantil. Morei toda minha vida na periferia; em livros passava meu tempo descobrindo sobre meus antepassados. De olho no futuro com experiências do passado. Tive experiência com o crime, mais precisamente o tráfico. Perdi amigos e acordei a tempo de construir um futuro para mim, para ser motivo de orgulho para minha família e para os meus: meu povo, meus parceiros, meus amigos, para aqueles que deixei para trás. Mas, estou vivo e orgulhoso, pois superei as estatísticas.

Pretendo na metade deste ano, cursar Administração com ênfase em Marketing.

Conheci o Rap aos nove anos de idade. Comecei a escrever com dezessete. Troquei o vídeo-game e ‘a moda’, por livros, conhecimento, por simples e modestas, porém saborosas vitórias.

Sou herdeiro da senzala, filho da favela! Prazer em conhecer.

De coração - Pedro Mayela¹².

A trajetória de Pedro é uma história de recortes, de momentos difíceis, mas de superação, o que não é a realidade da grande maioria. É visível que Pedro teve acesso a livros, teve a oportunidade de fazer escolhas. Mas o que é mais forte, nessa história, é o que ele chama de “modestas, porém saborosas vitórias”. O sentimento é de conquista, de vitória, de superação, e isso lhe permite pensar no futuro, fazer planos.

Singer (2005) demonstra otimismo, e para ele a juventude brasileira tem possibilidade pelo seu perfil de ir “à luta por um Brasil melhor, desde que obtenham

¹² Pedro Mayela tem atualmente 25 anos, foi aluno do Consórcio Social da Juventude na Escola Técnica Mesquita. Concluiu o CSJ e continuou na CPS. Esteve por um semestre no curso de Administração de Empresas na FAPA – Faculdade Porto Alegre. Suspendeu o curso, pois não conseguiu pagar. Está tentando entrar pelo ProUni, e já experimentou mais dois empregos informais no período de 2006/2007. Essa história foi relatada em uma atividade em que foi solicitado aos jovens escreverem as suas histórias, como uma dinâmica de apresentação dos mesmos.

as bases materiais mínimas de sobrevivência. Essa, sim, deve ser a prioridade zero de qualquer programa público para a juventude” (2005, p. 35).

3.2 AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA AS JUVENTUDES

A desigualdade social no Brasil ainda está no patamar do desafio, ou seja, precisamos vencê-la. As políticas públicas¹³, definidas por Rua (1998) “como conjuntos de decisões e ações destinadas à resolução de problemas políticos” (p. 01), surgem como alternativas que visam dar respostas às demandas apresentadas pela sociedade. Considerando que as políticas públicas são respostas, para que elas ocorram é preciso haver as perguntas, as provocações. De acordo com a autora,

Em linguagem mais especializada, as políticas públicas se destinam a solucionar problemas políticos, que são demandas que lograram ser incluídas na agenda governamental. Enquanto essa inclusão não ocorre, o que se tem são “estados de coisas”: situações mais ou menos prolongadas de incômodo, injustiça, insatisfação ou perigo, que atingem grupos mais ou menos amplos da sociedade sem, todavia, chegar a compor a agenda governamental ou mobilizar as autoridades políticas (RUA, 1998, p. 732).

Portanto, somente quando se atinge a condição de problemas de origem política e, a partir do momento em que esses passam a fazer parte da agenda política governamental, é que as alternativas passam a ser implementadas. Sposito e Carrano (2003), baseados em Rua, afirmam que “somente quando alcançam a condição de problemas de natureza política e ocupam a agenda pública é que os processos de origem social abandonam o estado de coisas” (SPOSITO; CARRANO, 2003, p. 17). Assim, a mobilização da sociedade civil é sempre decisória e importante, tanto na formulação das políticas públicas como na implementação.

¹³ Para Sposito e Carrano (2003), a idéia de políticas públicas está associada a um conjunto de ações articuladas com recursos próprios (financeiros e humanos), envolve uma dimensão temporal (duração) e alguma capacidade de impacto. Ela não se reduz à implementação de serviços, pois engloba projetos de natureza ético-política e compreende níveis diversos de relações entre o Estado e a sociedade civil na sua constituição. Situa-se também no campo de conflitos entre atores que disputam orientações na esfera pública e os recursos destinados à sua implementação (2003, p. 17).

Essas definições e observações ajudam a compreender a trajetória recente das políticas públicas voltadas para os jovens brasileiros. Como mostra o documento da UNESCO (2004), essa é

[...] uma população vulnerável em várias dimensões, figurando com relevo nas estatísticas de violência, desemprego, gravidez não-desejada, falta de acesso a uma escola de qualidade e carências de bens culturais, de geração de empregos, previdência e segurança, ou seja, demandam direitos iguais. Os dados atuais mostram situações que estão longe de atender uma geração com necessidades no presente e, fundamentalmente, uma geração estratégica no processo de desenvolvimento de um país (UNESCO, 2004, p. 15).

Mesmo com esse quadro de vulnerabilidade, os jovens mobilizam-se – eles querem ser ouvidos. Às vezes, é através de atos socialmente não aceitos, como a violência. Craidy e Gonçalves (2005) trazem uma reflexão sobre as diferenças em relação à violência dos jovens dos anos 60 e à dos de hoje, e dizem que:

[...] a diferença entre os dois movimentos juvenis, o de 60 e o de hoje, não está apenas na sua composição social, já que em 60 os jovens em luta eram os universitários e hoje são, sobretudo, os “excluídos”, “os marginalizados” (ou que se sentem como tal), mas no fato de que os primeiros eram movidos pela esperança e os atuais são movidos pelo desespero (p. 22).

Alguns fatores tornam-se relevantes na formulação de ações voltadas para a juventude. Um deles é a ideia de que as ações trazem consigo representações e imagens de como a sociedade percebe os seus sujeitos jovens, mas também é preciso provocar mudanças na imagem que a sociedade constrói sobre os jovens. Sposito (2003b) diz que, no Brasil, existem, simultaneamente, percepções em relação à juventude, que se situam em campos distintos e, muitas vezes, opostos, que não se limitam apenas ao recorte etário, como se os jovens, obrigatoriamente, construíssem percepções homogêneas sobre si mesmas em oposição ao mundo adulto. Na sociedade brasileira, de maneira geral, “os jovens ainda são tematizados como problemas sociais – os problemas da violência, do consumo de drogas e do desemprego” (SPOSITO, 2003b, p. 62). Os segmentos dominantes defendem a integração dos jovens nos processos modernos através do acesso à escola e da ocupação do seu tempo livre com atividades esportivas, entre outras, como na década de 1950, como será visto no tópico seguinte.

Segundo Sposito (2003b), certas propostas que historicamente foram surgindo apoiam-se em “mecanismos específicos de controle social” (p. 62), com destino diferente quanto ao público. A autora diz que:

Não mais seriam os estudantes, oriundos das classes médias, potenciais ameaças pelo caráter contestador de sua ação. Nesse momento, o interesse desloca-se para os jovens pobres, marginalizados e moradores das periferias das grandes cidades (SPOSITO, 2003b, p.62).

Sposito considera os jovens como um segmento cada vez mais rentável, através de investimentos que possibilitam melhor qualificação, entre eles, o educacional. Segundo ela, outros autores defendem um mecanismo de inclusão de jovens através de “políticas compensatórias ou de ampliação das possibilidades de integração no mercado de trabalho” (SPOSITO, 2003b, p. 62). A autora salienta que, nesse campo conflitivo, há outra concepção, que está ligada a um conjunto de atores de jovens e instituições da sociedade civil, o qual, embora não sendo hegemônico, defende ações políticas voltadas para um amplo conjunto de direitos de juventude, dentre eles, “o próprio direito a essa fase de vida” (2003b, p. 62).

Se as políticas públicas para a juventude configuram-se através das várias percepções sobre a juventude, é legítimo pensar que elas também se configuram no terreno da disputa na sociedade. Para Sposito (2003b),

[...] se as políticas de juventude espelham, mas não exclusivamente, o conjunto de percepções dominantes sobre o que é ser jovem, suas demandas, necessidades e relações com o mundo adulto e com as instituições, é preciso admitir que tais percepções são objeto de disputa no interior da sociedade pelos diversos grupos sociais que falam em nome desses atores ou por meio dos próprios coletivos juvenis, também heterogêneos (p.63).

De fato, essa percepção de que as políticas públicas possibilitam novas configurações traduz-se na história das políticas públicas voltadas para a juventude. Um exemplo histórico importante da sociedade brasileira, para Sposito (2003b), “reside nas lutas em torno dos direitos da infância e da adolescência, e está expresso na conquista de um novo ordenamento jurídico-legal – o ECA” (p. 63). A discussão que ocorreu a partir do Estatuto, segundo Sposito (2003b),

[...] constituiu novos significados para a fase de vida instituída como infância e adolescência, ancorada em uma concepção plena de direitos e em contraposição às imagens dominantes que atribuíam às crianças pobres uma condição de existência inferior e depreciativa, pois a elas incidia a condição de “menor”, “infrator” ou “delinqüente” (SPOSITO, 2003b, p.63).

Portanto, essas percepções estão presentes na sociedade, configurando um campo conflituoso, e sempre podem estabelecer limites, tanto às conquistas já garantidas - até mesmo de natureza legal - como às novas pelas quais a juventude luta. As formas como tais concepções foram-se alterando ao longo da história é o tema do tópico a seguir.

3.2.1 A História das Políticas Públicas para a Juventude

O objetivo deste levantamento histórico das políticas públicas direcionadas para a juventude é compreender a visão que cada política traz e o que é priorizado para o segmento juvenil. As políticas públicas tanto podem ser elaboradas no âmbito municipal como estadual e federal. Nesse levantamento, a prioridade são as elaboradas no âmbito federal, pois o objetivo do projeto de pesquisa é analisar um projeto que surge a partir de uma política pública nacional voltada para a juventude.

Tais políticas, no Brasil, são muito recentes e pouco consistentes. Brenner, Lânes e Carrano (2005) trazem um estudo de Rua (1998), que verificou através de um balanço, no início da década de 90, sobre as políticas federais. Naquele momento, não havia nenhuma política específica para a população jovem - todas as ações eram voltadas para o conjunto da população.

Em linhas gerais, a evolução histórica das políticas públicas para a juventude na América Latina, segundo Sposito e Carrano (2003), citando Abad (2002), “foi determinada pelos problemas de exclusão dos jovens da sociedade e pelos desafios de como lhes facilitar processos de transição e integração ao mundo adulto” (2003, p. 18). Os mesmos autores, utilizando-se de Abad (2002), resumidamente, definem quatro modelos distintos de políticas públicas para a juventude em um determinado período histórico, e suas características (SPOSITO; CARRANO, 2003). Entre 1950 e 1980, o enfoque das políticas públicas para a juventude deu-se na ampliação do

acesso à educação e no uso do tempo livre com atividades esportivas e outras. Entre 1970 e 1985, a ênfase foi dada ao controle social de setores juvenis mobilizados. Entre 1985 e 2000, o foco esteve no enfrentamento da pobreza e na prevenção do delito. Finalmente, entre 1990 e 2000, o objetivo centrou-se na inserção laboral de jovens excluídos. Conforme Sposito e Carrano,

[...] nos anos de 1960 a juventude era um “problema” à medida que podia ser definida como protagonista de uma crise de valores e de um conflito de gerações essencialmente situado sobre o terreno dos comportamentos éticos e culturais (SPOSITO; CARRANO, 2003, p. 19).

Nesse mesmo período, o regime militar publica a lei 4.513, com as diretrizes e bases para a Política Nacional do Bem-Estar do Menor. É criada a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor – FUNABEM, e o enfoque repressivo é substituído pelo enfoque assistencialista, o que, na prática, não funcionou, pois a visão daqueles que trabalhavam na Fundação continuava sendo a repressiva.

Para Sposito e Carrano (2003), Pais (1993) e Abramo (1997), a partir da década de 1970, os “problemas” de emprego e de inserção na vida ativa tomaram progressivamente o foco nos estudos sobre a juventude, o que quase transformou a juventude em categoria econômica” (2003, p. 19).

No período de 50 a 80, esforços públicos voltavam-se para a educação como possibilidade de mudança social, pois só assim seria possível acompanhar o crescimento econômico do país. Nesse período, houve acirrado controle do Estado sobre a sociedade civil, pois a crescente mobilização juvenil, exigindo participação política e atuação social, era uma ameaça à ordem social. As políticas, nesse período, foram perpassadas pela premissa da delinquência juvenil e da idade do risco - os jovens são considerados “beneficiários”, excluindo a condição de sujeitos (BORELLI, SILVA E SILVA, 2006; UNESCO, 2004).

Nesse mesmo período, as políticas públicas de juventude, na América, tinham como eixo o controle social dos jovens mobilizados. Principalmente nas décadas de 1960 e 1970, e na década de 80, o foco foi o enfrentamento da pobreza e a prevenção do delito. A partir da década de 90, voltariam com o objetivo de proporcionar a inserção dos jovens no mercado de trabalho (BALARDINI, 2002, e

ABAD, 2002). Na década de 80, houve mudanças nas orientações conceituais de políticas públicas, de maneira geral, e isso se refletiu na atuação do Estado. Juntamente com isso, os movimentos sociais lutavam por liberdades democráticas e garantias de direitos. Emergiam de todos os lados formas plurais de culturas juvenis, impulsionando mudanças nos quadros político e jurídico brasileiro. O processo constituinte de 1988 alterou as bases constitucionais dos direitos sociais, civis e políticos, e, com isso, houve um efeito cascata nas Constituições Estaduais e nas leis orgânicas municipais. Como consequência, a participação da sociedade ampliou-se, pois uma das exigências da nova Constituinte era a paridade de participação entre governo e sociedade civil em conselhos responsáveis por formular, gerir e estabelecer controle social sobre as políticas públicas (BRENNER, LÂNES E CARRANO, 2005).

Na década de 90, pode-se dizer que a consciência dos direitos ampliou-se a partir da participação da sociedade civil, proporcionada na década anterior. A concepção em relação à juventude é de sujeitos de direitos, que devem ter acesso aos bens públicos, lazer, cultura, esportes etc. Os olhares da sociedade civil e do poder público voltaram-se, sobretudo, para os adolescentes e para aqueles que estavam em processo de exclusão, privados de direitos.

Em 1990, a luta em torno dos direitos da infância e da adolescência foi materializada através da Lei Federal nº 8.069, que criou o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). De acordo com Sposito e Carrano (2003), ele “é o marco legal de um processo prático-reflexivo que se dispôs a transformar o estatuto da minoridade brasileira, principalmente no que se refere aos excluídos socialmente ou em conflito com a lei” (p. 19).

O ECA representou uma mudança significativa na visão da sociedade como um todo em relação às crianças e aos adolescentes das classes populares, e também gerou estruturas colegiadas no âmbito nacional – Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA) – e nos conselhos estaduais e municipais. Mesmo legitimadas com leis específicas, as orientações permaneceram localizadas em um campo conflitivo intenso, pois concepções diferentes continuaram permeando as novas concepções de juventudes e sempre puderam estabelecer

limites às conquistas e até mesmo propor retrocessos de natureza legal. Como exemplos, temos a discussão atual sobre a alteração da idade mínima para “imputar responsabilidade legal aos adolescentes e a defesa de um sistema prisional para os adolescentes semelhante ao dos adultos” (SPOSITO, 2003b, p. 63).

Os anos 90, do ponto de vista de ações relevantes na formulação e percepções de políticas públicas específicas para a juventude, traduzidas através do ECA, foram fundamentais para o avanço da concepção sobre a juventude. Mas, por outro lado, os jovens maiores de 18 anos seguiram sem um marco legal específico de proteção e políticas públicas especialmente destinadas à superação das muitas contradições do desenvolvimento desigual da sociedade brasileira, que durante essa década penalizou os setores juvenis mais empobrecidos da população.

No final dos anos 90, com o reconhecimento do desemprego e com o crescente processo de exclusão, modificou-se o quadro de ausência de políticas públicas voltadas para os jovens, surgindo várias ações no âmbito do governo federal, desenvolvidas, principalmente, através de parcerias com governos estaduais, municipais e organizações da sociedade civil. O foco dessas ações foram as populações consideradas em condição de vulnerabilidade social.

Desse período até 2002, as ações públicas permaneceram sem alterações nos seus princípios, com o predomínio de políticas neoliberais. Aumentaram as políticas públicas para a juventude - o estudo de Sposito e Carrano (2003) identificou 33 programas e projetos voltados para a população jovem, o que demonstra a explosão da temática em nível de governo federal. A maioria dessas ações eram executadas sob a forma de transferência de recursos ao executivo municipal, estadual e ONGs (Organizações Não-Governamentais) ou fundações empresariais. O traço comum dessas ações mostrou, sobretudo, a ausência de uma proposta clara do governo federal para a população juvenil brasileira e seu lugar no desenvolvimento pretendido. Basicamente, as propostas trouxeram pouca novidade, expandiram as possibilidades de acesso ao sistema escolar e definiram o foco para programas destinados a jovens excluídos ou em risco social. Permaneceu a ausência de canais de interlocução com os próprios jovens, desconsiderando a importância da participação desses na elaboração, implementação e avaliação das

ações públicas, o que é uma característica na história curta das políticas públicas juvenis no Brasil.

A partir de 2003, vários estudos sobre juventude passaram a ser feitos, com o objetivo de contribuir na elaboração de políticas públicas. O reflexo desses estudos está nas ações que emergiram do reconhecimento de que alguns problemas afetam expressiva parcela da população juvenil que se encontra em condição de risco social. As ações federais realizadas nesse período trouxeram, em suas formulações, uma tentativa de resolver os problemas da juventude, como, por exemplo, a própria condição juvenil, que se apresenta como um elemento problemático em si mesmo e requer estratégias para enfrentar essa etapa. Os programas esportivos, culturais e de trabalho orientados para o controle social do tempo livre, destinados especialmente aos moradores dos bairros periféricos das grandes cidades urbanas, são uma tentativa de prevenção, controle ou efeito compensatório de problemas que atingem a juventude (SPOSITO e CARRANO, 2003).

Algumas políticas públicas lançadas entre 2003 e 2007, especialmente destinadas ao segmento juvenil mais empobrecido, exprimem o reconhecimento de participação dos jovens e dos direitos que devem ser garantidos pelas políticas, como: emprego, saúde, lazer, educação, cultura, entre outros.

Nos últimos cinco anos, o tema da juventude, no Brasil, já está inserido na agenda pública e, como afirma Sposito (2003b), “abandonando a condição de estado de coisas” (p. 64), pois está mobilizando percepções acerca do tema juventudes e algumas propostas interessantes começam a aparecer. Mesmo assim, muito tem que ser feito, principalmente em relação à educação e ao trabalho.

3.3 JUVENTUDES E A ESCOLA

As juventudes já foram aqui submetidas a um olhar reflexivo e crítico, na tentativa de compreendê-las a partir de outras categorias que são foco de análise nesta pesquisa. Aqui, o objetivo é compreender a categoria juventude na sua relação com a escola.

Como ponto de partida, trabalho com a minha primeira indagação de que a educação não acontece somente no espaço da escola, definido por excelência como tal. A Educação dá-se em diferentes espaços e de diferentes formas. Segundo Brandão (1989), “não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor” (BRANDÃO, 1989, p.9). Porém, a escola é o espaço privilegiado para desenvolver aprendizagens, estabelecer vínculos, pois ela permite aos jovens sentirem-se pertencentes a um determinado grupo. Garantir a identidade de estudante é fundamental para os jovens e dá status, tanto que muitos se afastam da escola por determinados períodos e acabam voltando, e raramente assumem que abandonaram a escola. Além disso, quando não há a perspectiva de continuidade após o ensino médio, seja em um ensino técnico ou em curso superior, alguns jovens prolongam o tempo de passagem no ensino médio justamente para manterem a identidade de estudantes.

Uma das indagações que trago para este estudo é que “a escola é o espaço privilegiado para a socialização juvenil” (UNESCO, 2004, p.54), uma vez que ela é elemento importante para assegurar a reprodução cultural e social dos diversos grupos e classes (SPOSITO, 2005). Entendo o espaço escolar como:

[...] espaço de vida, como espaço de conhecimentos e valores, como espaço no qual cada aluno e aluna, com razão e emoção, possa conhecer e operar com a música, com as ciências, com as artes cênicas, com as matemáticas, com a literatura...onde cada um e todos em relação possam humanizar-se e singularizar-se, entendendo o mundo e entendendo-se no mundo (MOLL 2004, p. 105).

Não há dúvida da relevância da escola, tampouco da importância da educação, considerando-a um direito de todos os cidadãos. No entanto, um dos objetivos deste estudo é perceber e analisar o papel da escola, os seus significados e o lugar que ele ocupa na vida desse grupo específico de jovens.

Analisando as pesquisas sobre juventude e escola, percebe-se que ainda um grande número de jovens está fora dela. Sposito (2005) mostra que, em “2001, cerca de 60% dos 34 milhões de jovens ainda não estavam frequentando a escola, apesar de um crescimento significativo comparando-se com anos anteriores” (SPOSITO,

2005, p. 97). De fato, houve um crescimento do acesso à escola. Conforme a mesma autora, a pesquisa intitulada como “Perfil da Juventude Brasileira” mostra que os dados

[...] não só confirmam como apontam um significativo crescimento do acesso à escola por parte da população juvenil. Essa abertura de oportunidades escolares acentuou-se na década de 1990 e ocorreu sob a égide de uma forte crise econômica que estagnou o crescimento, acentuou desigualdades e fez aumentar os índices de desemprego. (SPOSITO, 2005, p. 96).

Nota-se, com isso, que ampliar acesso não significa garantir um espaço escolar que se torne significativo, importante para os jovens. Como afirmam Fabbrini e Mellucci:

A adolescência não é uma doença, mas uma estação da vida. Feita de turbulências e estagnações, de ações que se esgotam em gestos, de projetos que permanecem como sonhos. A adolescência termina, mas não passa nunca. A sua memória e seu rastro prolongam-se nas grandes etapas da existência, com eco vívido continuamente despertado (FABBRINI; MELLUCCI, 2004 apud BROD, 2005, p. 12).

Assim, a escola deve ser um espaço onde o jovem possa mesmo vivenciar, experimentar; onde ele se sinta sujeito, permitindo-lhe conhecer a si mesmo e ao outro. Onde os jovens possam ser ouvidos, e possam falar, denunciar, manifestar-se culturalmente, expressar suas linguagens e símbolos – enfim, um espaço de pertencimento que enxerga os jovens com todas as suas complexidades, criatividade e potencialidades. Um espaço que entenda essa etapa não apenas como algo transitório, como se os acontecimentos vivenciados nessa fase não fossem significantes e decisivos para a sua formação.

À medida que vamos aprofundando a discussão, vamos compreendendo as falas dos jovens que já passam a ter vez e voz nesse emaranhado de ideias e ruminação de aprendizagens, que se configuram na elaboração de dissertação de mestrado. No início do Consórcio Social da Juventude, quando conversávamos com os jovens sobre a importância da escola e até mesmo quando chegava o período de solicitar a sua frequência escolar, pois no CSJ essa era obrigatória para a permanência no projeto, era comum ouvir dos jovens as seguintes falas: “eu não vou

para escola, lá ninguém me entende, é todo mundo chato, os professores falam a noite toda e no final nem me lembro do que eles falaram, e no outro dia nem sinto falta do que foi falado lá” (THÜRAN¹⁴). Sem querer fazer nenhuma afirmação rápida e simples, para não incorrer no erro de dizer as verdades primeiras, pois, como afirma Bourdieu, “as verdades primeiras são os erros primeiros” (BOURDIEU 1988 apud SPOSITO, 2005, p. 87), os jovens, quando se referem à escola, falam de um espaço quase morto, sem significado. Charlot (2000) contribui com essa reflexão, dizendo:

[...] quando eu digo “isso tem realmente um sentido para mim”, estou indicando que dou importância a isso, que para mim isso tem um valor (ou, se isso não tiver sentido, é porque, como dizem os colegas, “não valem nada”). Mas, quando eu digo que “não entendo nada”, isso quer dizer simplesmente que o anunciado ou acontecimento não têm significado (p. 57).

As Políticas Públicas voltadas para a formação profissional de jovens entre 16 a 24 anos, entre elas o CSJ, mesmo colocando como fator obrigatório a permanência na escola, têm muita dificuldade de manter esse jovem nessa escola. E aqui trago outra percepção: que a partir do momento em que eles começam a ter a formação voltada para uma qualificação específica, esse distanciamento fica mais evidente e os jovens não vêem sentido no que é tratado na escola. É como se a aproximação com a possibilidade de inserção no mundo do trabalho provocasse o distanciamento da escola.

No entanto, o que está em jogo não é abandonar um saber em detrimento do outro, mas imprimir, na formação vivenciada na escola, saberes, como define Malglaive (1993), “mais legíveis nas atividades vivenciadas no trabalho” (p. 33), visto que esses saberes, atualmente, são cada vez mais imprescindíveis. As mudanças ocorridas no mundo do trabalho impulsionaram mudanças significativas nas empresas, nas relações entre patrão e empregado, em instituições sociais, movimentos sociais, mercado de trabalho, entre outros, mas a escola resiste a essas mudanças. A lógica continua a mesma, ou seja, o ensino fundamental objetiva

¹⁴ É um jovem egresso do CSJ e faz parte da CPS desde o início.

preparar para o ensino médio, e esse, por sua vez, deve preparar para o vestibular - será que prepara? Afinal, para que a escola prepara?

O mesmo autor fala dos educadores e das relações que eles estabelecem com os saberes ensinados na escola. Segundo ele:

[...] eles [os educadores] valorizam o saber sempre fascinante, mas freqüentemente arcaico que se constrói, sem, por isso, tomar forma comunicável no cotidiano das tarefas de qualquer natureza, esquecendo que elas só se tornavam possíveis graças a um saber talvez menos sedutor, mas muito mais eficaz: o saber racional e os seus discursos coerentes, tão bem enunciados, mas, infelizmente, muitas vezes tão mal recebidos nos recintos fechados do mundo escolar (MALGLAIVE, 1993, p. 34).

E são estes saberes arcaicos, e por vezes priorizado nas escolas que acaba sendo muito pouco atraente principalmente para os jovens, que pela condição juvenil são atraídos por inovações e se mostram sempre muito receptivos as propostas que possibilite a eles perceberem sentindo e conexão com esta fase pela qual estão passando.

As reflexões feitas até aqui demonstram que a escola e a educação são temas complexos, e na medida que vamos aprofundando, percebe-se que esses se relacionam com outros assuntos que por vezes mostram-se complexos, como o trabalho, e que para compreender um é necessário refletir sobre o outro. É por este motivo que juntamente com a escola o trabalho é também uma categoria de análise desta pesquisa, na tentativa de compreender esses temas a partir das relações que eles próprios estabelecem entre si, a luz das falas dos jovens, sujeitos deste estudo.

3.4 JUVENTUDES E O MUNDO DO TRABALHO

Na década de 90, o Brasil apresentou melhora nos índices educacionais quantitativos: reduziu a taxa de analfabetismo e aumentou o nível médio de escolaridade, mas isso não impediu a explosão do desemprego, a precarização do trabalho e a deterioração dos níveis de renda. O senso comum nos remete a pensar que se a elevação da escolaridade dos jovens aumentou em virtude da ampliação do acesso à escola, os jovens tornar-se-iam mais empregáveis, portanto, a

tendência seria o desemprego diminuir. A relação entre educação e trabalho nos remete a um embate entre diferentes perspectivas que envolvem obrigatoriamente outras formas de reflexões mais profundas e amplas para podermos compreender o que se passa na realidade. De acordo com Beluzzo:

Não adianta ter gente mais “empregável” se a economia não cria novos empregos. Ao contrário do que pretendem os mandamentos e as lengalengas do pensamento único, a maioria não é pobre porque não tem boa educação, mas, na realidade, não consegue boa educação porque é pobre (BELUZZO 2001 apud FRIGOTTO 2004, p. 192).

O desemprego estrutural¹⁵ e, por consequência, a desestruturação do mercado de trabalho desafiam jovens e adultos a buscarem alternativas de sobrevivência. O desemprego é um dos resultados mais implacáveis da reestruturação produtiva que é pautada no capitalismo mundial. A devassa é grande, sobram poucos. Abramo diz que:

[...] o desemprego entre os jovens pobres é significativamente maior (26,2%) do que entre os mais ricos (11,6%). Utilizando o corte de renda familiar per capita para diferenciar jovens oriundos de famílias pobres dos que provêm de famílias ricas, observa-se que entre os jovens ricos predomina o trabalho assalariado (77,1%), e que, nesse universo, quase dois terços (49,0%) possuem carteira-assinada. Dentre os jovens provenientes de famílias pobres, apenas (41,4%) realizam trabalho assalariado, e, desses, a grande maioria (74,3%) não tem carteira-assinada (ABRAMO 2004 apud DIAS 2005, p. 18).

Para a juventude, o desafio é maior ainda. Segundo Pochmann (2007b):

Apesar de ser uma sociedade multirracial, o Brasil convive com elevadas desigualdades regionais, socioeconômicas, sexuais, etárias e de raça/cor. O funcionamento do mercado de trabalho é desfavorável ao jovem. Diante da constante presença de um excedente de mão-de-obra no mercado, o jovem encontra as piores condições de competição em relação aos adultos, tendo de assumir, na maioria das vezes, funções de qualidade inferior na estrutura das empresas (p. 41).

¹⁵ O desemprego causado pelas novas tecnologias, como a robótica e a informática, recebe o nome de desemprego estrutural. Ele não é resultado de uma crise econômica, e sim das novas formas de organização do trabalho e da produção. Tanto os países ricos quanto os pobres são afetados pelo desemprego estrutural, um dos graves problemas de nossos dias. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Desemprego_estrutural. Acesso em 17 de junho de 2007.

O autor remete-nos a pensar no foco desta pesquisa, ou seja, o significado do trabalho para as juventudes. Conforme sua citação, os piores trabalhos acabam ficando para os jovens, e se oriundos das classes populares a dificuldade aumenta. Esses jovens são exatamente aqueles que as políticas públicas para a juventude, como o CSJ, pretendem atingir. Portanto, não cabe a essas políticas reforçar a lógica de que os piores trabalhos, ou trabalho precário, são o que sobra para os jovens das classes populares. O papel dessas políticas é quebrar esse paradigma e buscar para esses jovens alternativas de trabalho que fujam a essa lógica, considerando o trabalho não apenas, como diz Leite (2003), “atenuante da pobreza ou alternativa à marginalidade e à exclusão. Trata-se do trabalho como direito e um componente essencial da formação do jovem, como indivíduo e cidadão” (p.157).

Nesse sentido, é que as políticas públicas para as juventudes, que têm como um dos objetivos principais a inserção dos jovens no mundo do trabalho, podem contribuir significativamente, afirmando a identidade juvenil através das questões culturais, com práticas que extrapolem a inserção no mercado formal de trabalho. Uma das percepções vivenciadas no cotidiano da Escola Mesquita é que o significado que o trabalho assume na vida dos jovens é múltiplo. Identificar-se como trabalhador é, como diz Leite (2003), “um valor básico em nossas sociedades. Pesquisas antigas e recentes atestam que o trabalhador é, no imaginário popular, inclusive dos jovens, a condição que distingue o cidadão do marginal” (p. 156).

Na pesquisa do Instituto Cidadania sobre o Perfil da Juventude Brasileira (2005), o trabalho e a educação revelam-se como as maiores preocupações e interesses. É importante salientar que a educação, que na pesquisa está praticamente junto com o trabalho, como o assunto de maior interesse, não aparece quando a pergunta é qual o maior problema para os jovens. Mas o trabalho configura-se como tal, especialmente para os de 18 a 20 anos: na pergunta sobre o maior problema brasileiro, apareceu o desemprego em primeiro lugar. Dessa forma, Guimarães (2005) diz que a centralidade do trabalho para os jovens não está somente no significado ético, mas no fato de se constituir como problema: é “pela sua ausência, por sua falta, pelo não-trabalho, pelo desemprego, que o mesmo se destaca” (p. 159). A mesma autora alerta que é “um problema real, estejam eles ocupados, desempregados ou inativos” (p. 159).

No contato diário com os jovens, o significado do trabalho e as mudanças que ele oportuniza materializam-se nas atitudes, na mudança de comportamento, no olhar, nas possibilidades de fazer planos. Para eles, estar trabalhando significa poder assumir responsabilidades. O trabalho surge como um demarcador na vida dos jovens. E é nesse sentido que a afirmação de Guimarães citada acima ganha sentido, de fato o trabalho é central nessa travessia dos jovens para a adultez, e a falta dele torna-se um problema. Pressupondo-se que a falta de trabalho compromete o desenvolvimento dos jovens tanto nas questões ligadas à renda como principalmente nas questões sociais, de ética, de responsabilidade, de compromisso, de afirmação, de reconhecimento e etc.

Lembro-me de um telefonema que recebi, dizendo o seguinte: “professora, eu estou indo trabalhar de gravata, e a senhora sabe que esse sempre foi o sonho da minha mãe, me ver indo trabalhar de gravata. Eu queria muito poder passar aí na escola, para a senhora e os meus colegas me verem vestido assim, mas o horário não permite”. Esse jovem, no final do CSJ, foi trabalhar em um grande hotel de Porto Alegre. Sua fala expressa o quanto ele estava se sentindo parte da sociedade e queria ser visto e reconhecido como tal, como alguém que conseguiu. E, para além da família, ele queria que o grupo de jovens também o visse assim. Nesse caso, o trabalho assume um significado muito importante, não apenas pelo fato de estar empregado, mas pelo fato de que o trabalho proporcionou a esse jovem através da sua dinâmica, ou seja, é o que exige dele e o status que lhe proporcionou exigindo o uso de certo tipo de vestimenta.

Após essa retomada, olhando o mapa mais geral do trabalho no contexto social, trazendo os dados sobre como está distribuído na sociedade e fazendo uma reflexão sobre o significado do trabalho para os jovens, cabe a pergunta: qual o significado do trabalho na trajetória dos jovens durante os diferentes momentos do Projeto da Cadeia Produtiva do *Skate*? Essa é uma das perguntas centrais sobre as quais esta pesquisa buscou refletir e, quem sabe, as respostas, e das respostas, surjam perguntas novas.

3.5 O TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO

O trabalho, como criador de valores de uso, como trabalho útil, é indispensável à existência do homem – quaisquer que sejam as formas de sociedade – é necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio material entre o homem e a natureza, e, portanto, de manter a vida humana
(MARX, 1982)

“O trabalho contribuiu muito na formação da minha vida...” (Aline¹⁶ Carta 2).

Com uma citação de Marx e uma frase retirada da carta de uma entrevistada, inicio esta reflexão que tem o objetivo de fazer uma visita às ideias de alguns autores que historicamente discutem o trabalho como elemento fundamental na formação do ser humano, pois, ao produzir, o sujeito se (re)forma e, nesse sentido, o trabalho, além de dar sentido à vida em suas múltiplas e históricas necessidades, é o que mantém e o que configura o homem (FRIGOTTO, 2005). Também se objetiva mostrar o referencial teórico que embasa as reflexões que serão discorridas durante a análise dos dados coletados no capítulo 9 dessa pesquisa, durante as reflexões do significado do trabalho para os jovens e de qual dimensão ele assume na vida deles durante a experiência do CPS.

O trabalho como princípio educativo teve o seu auge nos anos 80 e início dos anos 90, quando os pensadores da educação, principalmente aqueles que estavam envolvidos com o tema educação e trabalho, contribuíram muito com as reflexões e com a afirmação do princípio de que o trabalho é fator fundante na formação do homem.

Segundo Tumolo (2005, p. 240):

No Brasil, o trabalho como princípio educativo foi e vem sendo apreciado por um considerável leque de autores, entre os quais poderíamos citar os mais conhecidos, como Saviani (1986 e 1994), Kuenzer (1988a, 1989,

¹⁶ Aline é uma dos cinco jovens que participaram da pesquisa, os demais são: Alex Charão, José Samurio, Adilson e Thüran.

1994), Frigotto (2001a, 2001b, 2002), Franco (1989), Machado (1989), Nosella (1989), Ferretti & Madeira (1992). No plano mundial, seguindo uma tradição entre os marxistas, provavelmente Gramsci tenha sido o pensador que mais debateu o tema, sem contar, é claro, Makarenko (1985) e também Pistrak (1981). Manacorda (1977), por sua vez, procura dissecar o assunto em Gramsci, e Enguita (1993), em Marx.

Com isso, é possível perceber a importância e a inesgotável discussão que o tema trabalho, a partir da concepção formadora, provoca em todos os meios da sociedade. Se o trabalho forma, então ele também pode ser deformador. Frigotto diz que “a história humana, infelizmente, até hoje, reitera a exploração de seres humanos por seres humanos e de classe sobre classes” (2005 p. 12), e é assim que ele pode ser deformador, quando perde o sentido educativo e passa a oprimir os trabalhadores. Dessa forma, o trabalho não produz a emancipação humana, mas a adaptação.

As bases teórico-metodológicas dos autores citados acima nos remetem ao trabalho como atividade designadamente humana e sua dupla dimensão: ontológica, ou seja, de criação da vida humana; e histórica, pois é um processo e sua forma de organização em uma sociedade traz transformações sociais específicas. Assim, o trabalho é uma forma de fazer o homem pensar, portanto tem um princípio educativo.

Outra afirmação importante é dizer que o trabalho é uma especificidade humana, pois os seres humanos além de projetarem, também podem modificar a sua natureza. Marx fundamenta esta ideia quando diz:

Pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colméias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele constrói o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e portanto idealmente (MARX, 1983, p. 149).

Portanto o homem se diferencia dos animais pelo trabalho, e esse deve ser comum a todos como uma maneira de garantir a subsistência, para Marx é inadmissível a exploração de uma minoria sobre o trabalho da maioria, pois isso

significa que, enquanto muitos trabalham para garantirem os bens de subsistência de poucos, esses poucos nada produzem, “pois há aqueles, dentre eles que trabalham e nada adquirem e aqueles que adquirem qualquer coisa e não trabalham” (MARX; ENGELS, 1999, p. 35). É dessa relação de exploração que se constituem as “classes sociais fundamentais: os proprietários dos meios e instrumentos de produção e os não-proprietários – trabalhadores que necessitam vender sua força de trabalho para sobreviver. Daqui é que surge o trabalho/emprego, o trabalho assalariado”. (FRIGOTTO, 2005, P. 16).

Sendo assim, pode-se dizer que o trabalho é inerente ao ser humano, é ele o eixo central, organizador e estruturador da vida e das relações humanas. Portanto é preciso que o homem produza a sua própria vida, para isso é necessário que ele aprenda a produzir a sua própria existência, ao fazê-lo, produz conhecimento e nisso está o princípio educativo do trabalho. Partindo desse pressuposto e entendendo o trabalho como o eixo central na formação da vida, é importante buscar situações em que ele permita ao ser humano encontrar formas de produzir, que rompam com a lógica estabelecida no sistema capitalista, no qual o trabalhador não é o proprietário dos bens que produz, ele apenas vende a sua força de trabalho. Retirando do trabalho, como diz Frigotto, “sua centralidade fundamental” transformando-o em “valor de troca com o fim de gerar mais lucro ou mais capital” (2005, p. 16).

Após essas reflexões, cabe o desafio de se pensar, como fala Tiriba, “estratégias de trabalho e de sobrevivência que nos permitam a reprodução da vida, na qual o capital teima em reduzir à vida biológica” (2005, p. 83). O próximo capítulo vai refletir sobre o trabalho associativo, o qual se apresenta como uma possibilidade estratégica de produção, que busca romper com a lógica do trabalho alienado característico do trabalho no sistema capitalista.

3.6 O TRABALHO ASSOCIATIVO

Na empresa solidária, todos que nela trabalham são seus donos por igual, ou seja, têm os mesmos direitos de decisão sobre o seu destino. E todos os que detêm a propriedade da empresa necessariamente trabalham nela (SINGER, 2005).

“Vou falar um pouco do meu negócio meu e dos meus amigos.” (Alex Charão, Carta 1).

Neste capítulo, assim como no anterior, será feita uma reflexão à luz de alguns autores que, historicamente, suscitaram essa discussão e, nos últimos tempos, têm contribuído não só nas formulações teóricas, como também no âmbito das propostas de ações concretas que visam fortalecer o trabalho associativo como forma de se contrapor ao trabalho assalariado do sistema capitalista¹⁷. A definição de produção associada pode ser definida entre outros aspectos pela forma de “apropriação coletiva dos meios de produção, pela distribuição igualitária dos frutos do trabalho e pela gestão democrática das decisões quanto à utilização dos excedentes (sobras) e aos rumos da produção”. (FISCHER e TIRIBA, 2009). A partir daqui, sempre que me referir ao trabalho associativo, estou partindo desse conceito.

O trabalho proposto no Projeto da Cadeia Produtiva do *Skate* é de um trabalho desenvolvido por um coletivo, que deveria começar nos núcleos¹⁸ e se estender para o grupo de 30 jovens que formavam a cadeia produtiva.

No primeiro ano do Projeto, todo o trabalho foi desenvolvido com o objetivo de fazer os jovens se enxergarem como um grupo, e a partir disso produzirem os seus produtos de forma coletiva. Periodicamente, os jovens se encontravam para discutirem temas referentes ao trabalho associativo e seus desdobramentos. Os

¹⁷ Cabe ressaltar que a abordagem desse tema também foi uma sugestão da banca de qualificação do projeto composta pelas: Prof^a Dr^a. Maria Clara Bueno Fischer, Prof^a Dr^a. Carmem Craidy, Prof^a Dr^a. Marilis Lemos de Almeida e a orientadora desta pesquisa Prof^a Dr^a. Naira Lisboa Franzoi.

¹⁸ Os núcleos são os grupos formados pelas entidades que fazem parte do Projeto. Havia cinco núcleos com seis jovens em cada núcleo, formando os 30 jovens que faziam parte do CPS.

coordenadores¹⁹ se dedicaram intensamente à formação dos jovens. O trabalho desenvolvido deveria refletir na visão dos jovens em relação ao Projeto, ao trabalho e à escola, na análise dos dados será possível perceber o resultado dessas formações.

O trabalho associativo está embutido em uma proposta que prevê, em primeiro lugar, outra economia que se torne capaz de resgatar a solidariedade, buscando, na economia, a sua radicalidade enquanto um novo modo de vida, mais igual, mais livre e com mais sustentabilidade, e não essa economia imposta pela lógica do mercado que se dedica a estudar formas de se obter ou capturar o maior lucro possível, no menor tempo ao menor custo possível. Singer diz que:

A prática da economia solidária, no seio do capitalismo, nada tem de natural. Ela exige dos indivíduos que participam dela um comportamento social pautado pela solidariedade e não mais pela competição. Mas, as pessoas que passam do capitalismo à Economia Solidária foram educadas pela vida a reservar a solidariedade ao relacionamento com familiares, amigos, companheiros de lutas, isso é, com pessoas às quais estão ligadas por laços de afetividade e confiança (2005, p. 15).

O autor também fala da importância de se pautar as relações a partir desta visão de compromisso com o outro, de perceber o outro no campo das relações sociais e também produtivas. A frase de Alex Charão, citada no início do capítulo, demonstra a importância do outro: é o meu negócio, mas não é só meu, é dos meus amigos também. Nessa frase, está um dos princípios do trabalho associativo, perceber o trabalho como algo que lhe pertence, mas que também pertence a todos aqueles que idealizam e produzem o trabalho. Singer diz que na “empresa solidária, todos que nela trabalham são seus donos por igual, ou seja, têm os mesmos direitos de decisão sobre seu destino” (2005, p. 14), cada trabalhador é responsável por si e pelos demais que fazem parte do grupo.

No trabalho desenvolvido de forma associativa, alguns princípios e valores (de)marcam essa proposta, como por exemplo, a solidariedade, a participação de todos sem disparidade, as relações sociais e a produção pautam-se pela

¹⁹ No primeiro ano do Projeto, em 2007, os responsáveis pela formação dos jovens eram os cinco coordenadores e mais os representantes das entidades que acompanhavam o Projeto.

democracia, os trabalhadores estão em formação permanente, o diálogo é o cerne nas tomadas de decisões através das assembleias e um dos princípios fundamentais é o que fala Singer que no desenvolvimento do trabalho associativo no “modo de produção é impossível a divisão da sociedade em uma classe proprietária dominante e uma classe sem propriedade subalterna” (2005, p. 14).

O objetivo desse capítulo era (re)ver alguns conceitos que pautam a discussão que envolve a prática de um trabalho desenvolvido de forma associativa, porém é importante ressaltar que essa temática será novamente abordada no item 3.7, quando da apresentação dos jovens.

4 O CAMINHO METODOLÓGICO

“Para além da orelha existe um som, à extremidade do olhar um aspecto, às pontas dos dedos um objeto – é para lá que eu vou.”

(Clarice Lispector)

Definir o caminho metodológico a ser percorrido na pesquisa impôs decisões importantes, pois a metodologia compõe um conjunto de métodos que impreterivelmente nos conduz a um resultado, seja ele o esperado ou não. Como diz Vieira (1992), “um método consiste num “caminho” que pode levar a outros “caminhos”, alcançando o fim proposto e também vários fins não indicados, certamente inatingíveis por meio do acaso “(p.29).

O ponto de partida foi pensar nas condições que deveriam ser consideradas na hora da escolha do método a ser utilizado. Triviños (2005) diz que devemos considerar

[...] a situação de vida do ser humano nesse mundo. Ou seja, que os conhecimentos que obtemos possam servir de apoio para melhorar a existência humana. E se nós nos orientamos pelos princípios de fraternidade, de justiça, de liberdade e de democracia política e econômica, e existimos numa sociedade de classes sociais, onde reinam, como pólos opostos, a pobreza e a riqueza, sem limites, então, na busca de teorias e métodos para estudar nossa realidade, devemos procurar uma perspectiva epistemológica que não negue a existência dessas realidades que enfraquecem o ser humano em suas dimensões espirituais e materiais (p. 02).

Não negar a realidade, como nos diz a citação, mas, ao contrário, partir da realidade dos jovens da CPS foi o compromisso primordial desta pesquisa. Mais que um compromisso, era uma condição assumida juntamente com os jovens. Não queria apenas fazer constatações individuais no final da pesquisa, não queria falar por eles, mas com eles. Juntamente com os jovens, olhar as suas trajetórias construídas e, através dessa reflexão, continuar caminhando com novas ou já conhecidas ações, levando em conta, assim como nos mostra Triviños (2001), que “[...] o novo significa um novo objeto [...]; porém o novo tem muitas propriedades do

antigo fenômeno [...]” (p.120). Portanto, tenho clareza de que as teorias com as quais trabalhamos revelam a nossa forma de ver e interpretar o mundo, e revelam, também, as opções que precisamos fazer diariamente, sejam elas profissionais, familiares, entre outras.

Quando Minayo (2007) diz que “a metodologia é o caminho do pensamento e da prática exercida na abordagem da realidade” (2007, p. 14), e que a “teoria e a metodologia caminham juntas, intrincavelmente inseparáveis” (2007, p. 15), percebo que aqui devo contar como desenvolvi a pesquisa, sem a angústia de achar que a teoria me mostraria tudo, pois, como diz a autora:

Nenhuma teoria, por mais bem elaborada que seja, dá conta de explicar ou interpretar todos os fenômenos e processos. Por vários motivos. Primeiro porque a realidade não é transparente e é sempre mais rica e mais complexa do que nosso limitado saber. Segundo, porque a eficácia da prática científica se estabelece não por perguntar sobre tudo, e, sim, quando recorta determinado aspecto significativo da realidade, observa-o e, a partir dele, busca suas interconexões sistemáticas com o contexto e com a realidade (MINAYO, 2007, p. 17).

A pesquisa realizada partiu principalmente de minha função como coordenadora pedagógica de uma escola que definiu como eixo de ação o desenvolvimento de projetos sociais que busquem a inserção de jovens vulneráveis no mundo do trabalho, entendendo o mundo do trabalho como algo que vai além do emprego formal de carteira-assinada, mas como um campo que busca alternativas, para jovens ou adultos, de vida, de formação de sujeitos, partindo do princípio de que o trabalho é o que produz a vida humana nas mais variadas dimensões.

Embora eu estivesse imersa na realidade da pesquisa, tinha a convicção de que era preciso dispensar um olhar de pesquisadora para o projeto. Era preciso olhar de um nível diferente, com o afastamento necessário para enxergar as coisas que não conseguia enxergar pelo fato de estar mergulhada no projeto.

Tenho a convicção de que a escolha por esse tema não foi neutra. Ao contrário, só fiz essa escolha porque ela possibilitou experimentar, refletir sobre valores e convicções construídos ao longo da minha trajetória. A experiência com o Projeto da CPS deixa-me em estado de inquietude e, como diz Freire (1994), “a

quietude não pode ser um estado permanente. Só na relação com a inquietude é que a quietude tem sentido” (p. 207). Não busquei com a pesquisa nem a quietude e nem a inquietude – persegui as duas, pois acredito que as duas nos movem, tirando-nos de um lugar e levando-nos para outro. Mesmo que voltemos para o ponto de partida, jamais voltamos iguais.

4.1 O CAMINHO ESCOLHIDO

Com base nas questões abordadas acima e com o grau de profundidade buscado julgou-se mais adequada uma pesquisa qualitativa, pois ela, segundo Minayo (2007), “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (p. 21). Além do mais, segundo a mesma autora:

[...] ela também nos permite compreender, esse é o verbo da pesquisa qualitativa. Compreender relações, valores, atitudes, crenças, hábitos e representações, e, a partir desse conjunto de fenômenos humanos gerados socialmente, compreender e interpretar a realidade (MINAYO, 2007, p. 25).

Para atingir o objetivo proposto, optou-se pelo método etnográfico que, segundo o Dicionário Aurélio, é o “estudo descritivo de um ou mais aspectos sociais e culturais de um povo, grupo social e etc”. A escolha por este método se justificou a partir de dois pontos principais: em primeiro lugar, pelo meu convívio quase que diário com os jovens pesquisados e em segundo, pela intenção de refletir e compreender os conflitos vivenciados por um grupo específico em relação à escola e ao trabalho, podendo relacionar e compreender esses conflitos juvenis na sociedade como um todo, ou seja, os dados particulares vão “abrir caminhos para interpretações mais abrangentes” (FONSECA, 1999). Para essa autora, o ponto de partida desse método “(...) é a interação entre o pesquisador e seus objetos de estudo. Nativos em carne e osso.” (1999, p. 58). E, segundo a mesma autora, ele permite “ir do particular para o geral” (1999, p. 59). Além disso, a autora destaca outros fatores característicos desse método, entre os quais está a sua importância “na compreensão intelectual do nosso mundo” e com isso a possibilidade de qualificar as ações práticas principalmente na área da educação. (FONSECA, 1999).

4.2 INSTRUMENTOS UTILIZADOS

Neste estudo, utilizei dois instrumentos: o diário de campo e as cartas. Para complementar os dados obtidos com esses instrumentos, utilizei informações coletadas através das rodas pedagógicas - denominação dada para o momento em que os jovens, juntamente comigo, faziam todas as combinações, os estudos e resolviam ou não os conflitos do grupo.

4.2.1 As Cartas: por essas “mal traçadas linhas”...

Como a correspondência se alimenta dos acontecimentos diários, de nossas idéias e sentimentos, todos os assuntos cabem em um envelope (Marcos Antonio de Moraes, 2005).

Em primeiro lugar, devo dizer que, além do interesse pessoal pelas cartas, tanto a minha orientadora quanto a banca de qualificação chamaram a atenção para o fato de que a metodologia – troca de cartas – era um dos pontos centrais do trabalho e que, para além de um mero instrumento de coleta de dados, era uma oportunidade de esses cinco jovens refletirem sobre si mesmos, sendo também um instrumento pedagógico para os mesmos, proporcionando dessa forma a possibilidade de produzir dados coletivamente com os jovens e a pesquisadora.

Muitos de nós já tivemos momentos marcantes proporcionados por uma carta, ou um bilhete. Nos correios, já selamos amizades eternas, romances, amenizamos as saudades. Mesmo em épocas de e-mails, a carta ainda reserva emoções, Moraes traz uma fala de Walter Salles, em uma entrevista para a Folha de S. Paulo, em que diz que “muitas coisas só podem ser ditas por carta. Para ele, a comunicação por carta tem um tempo próprio, uma extensão particular e uma reflexividade incompatíveis com meios de comunicação frios, como o e-mail” (MORAES, 2005, 19). Outra coisa interessante que esse tipo de instrumento proporciona é, segundo Moraes, que:

Entre amigos, escrevemos recados e relatos sem nos preocupar com a gramática, esse monstro de sete cabeças que nos vigia nas “redações”.

Muitas vezes, até criamos uma linguagem nova, mais enxuta e original.
(2005, p. 08)

Quando pensei em trabalhar com as cartas, foi exatamente pelo fato de que, com as cartas, os jovens escreveriam, como diz o autor acima citado, sem preocupações com a gramática. A escrita de cartas nos permite escrever despreziosamente. Moraes diz que: (...) “que a carta faz parte do nosso cotidiano e a sua escrita requer apenas um pouco de prática e vontade de dividir os tesouros da nossa experiência e de nossas impressões” (2005, p. 9).

No livro “Estar no Papel, Cartas dos Jovens do Ensino Médio”, escrito pela UNESCO, é ressaltada a importância da escrita na história da civilização, que pode ser “contada, analisada” de várias maneiras, mas os “testemunhos mais importantes e significativos” vieram através da escrita, dentre as formas de registro está a carta, estas sempre “constituíram um fardo material para os pesquisadores”. Outro fator interessante que o livro traz é que “um dos documentos mais valiosos da história do Brasil é justamente uma carta, a de Pero Vaz de Caminha, enviada ao rei de Portugal, D. Manuel, quando da chegada dos portugueses ao País. E mais recentemente a carta-testemunho de Getúlio Vargas” (UNESCO, 2005, p. 27).

Também no filme “Escritores da Liberdade”, do diretor Richard LaGravenese, aparece como um instrumento importante de expressão dos jovens, quando a professora de uma escola da periferia dos EUA oferece o que os jovens que fazem parte dessa escola mais precisam: uma voz própria, que é transmitida através da escrita das suas próprias histórias.

O objetivo, com esse instrumento, no primeiro momento, era de recuperar a trajetória dos jovens, mas com a leitura da primeira carta percebi que estava diante de uma escrita reflexiva e que o ato de escrever permitia a eles dizer o que pensavam em relação ao Projeto, ao trabalho, à escola e a outras coisas. RODRIGUES contribui com este pensamento dizendo:

A pessoa que relata fatos por ela vivenciados explora sentimentos e percepções, reconstrói a sua experiência reflexivamente, dando-lhe voz, atribuindo-lhe novas significações e por isso esse exercício pode exercer um efeito transformador em si mesmo e na realidade (RODRIGUES 2003, apud ESTEVES 2005, p. 28).

Quando convidei os jovens para participarem da pesquisa, demonstraram preocupação na forma de como eles iriam me contar, pois eles diziam “a Senhora já sabe tudo da gente”. Então, falei “que ‘tal’ escreverem cartas contando como se eu não soubesse nada do que aconteceu com vocês nos últimos três anos?” Eles responderam “assim é fácil”. Então, combinei que esse seria o instrumento utilizado na pesquisa.

É importante dizer que no início, antes de receber a primeira carta, fiquei com dúvidas se o instrumento iria funcionar, mas lembrei de Paulo Freire que diz: “Muito sonho possível ficou inviável pelo excesso de certeza de seus agentes, pelo voluntarismo com que pretendiam moldar a história em vez de fazê-la com os outros, refazendo-se nesse processo” (1995, p.21). As certezas vieram após receber as primeiras cartas, onde um jovem diz:

“Se eu tivesse essa mesma habilidade de escrever (mesmo que meio errado) no falar e no fazer eu aposto que sozinho tinha feito um pouco melhor que o grupo todo em todo esse tempo.” (JOSÉ, Carta 1)

A autoconfiança de José e o reconhecimento de que se expressa melhor escrevendo do que falando ou fazendo, tem que ser registrada, porque demonstra a autoestima dele por ter escrito a carta. Além disso, percebo que ele quer dizer que tem dificuldade de se expressar, (re)conhece isso. Nessa fala, nota-se que José descobriu que escreve bem, e notou isso porque teve a oportunidade de exercitar-se. Portanto a carta permitiu a esse jovem perceber a habilidade de expressar suas idéias através da escrita, com outro instrumento o resultado não seria o mesmo. Aline também inicia a sua segunda carta assim:

“Oi Claudete, fico feliz de poder falar com alguém, assim, em carta, pois gosto de escrever, desde pequena tive diários, escrevia tudo que me acontecia era um jeito de dizer o que pensava, sentia, etc”. (ALINE, carta 2)²⁰

²⁰ Ao longo deste texto, falas de entrevistados estão nesse formato (negrito e destaque).

Portanto as cartas cumpriram sua função na pesquisa, elas foram muito mais que um instrumento para coletar dados, elas proporcionaram a produção de dados, permitiram trazer os jovens para dentro do trabalho como autores também, os escritos nas cartas não são só dados para serem analisadas pela pesquisadora, as cartas compõem esse trabalho.

Cada jovem iria escrever três cartas, a primeira foi para recuperar a trajetória de maneira geral, a segunda foi escrita a partir das minhas indagações feitas na resposta que enviei para eles da primeira carta e a terceira seria para contar as histórias de vida. Para a elaboração da primeira carta, solicitei aos jovens que escrevessem uma carta para alguém da escolha deles, contando o que tinha acontecido em suas vidas no período de 2005 até 2009. Eles sabiam que quem iria receber as cartas seria eu. A entrega foi em mãos, optaram por não colocarem nos correios.

Eles realmente “entraram no clima”, eles me entregavam as cartas escondidos e todos falavam: “não olha agora”, o clima na hora da entrega era sempre misterioso. Quando fui entregar para eles a resposta da primeira rodada das cartas, também fiz o mesmo “mistério”, entreguei disfarçadamente para cada um e falei “olha depois”.

A emoção que eu sentia quando eles me entregavam a carta era muito grande, eu não via a hora de chegar em casa, à noite, para abrir as cartas, e eu percebia que acontecia o mesmo com eles, eles não abriam as cartas na minha frente.

Quando li a primeira carta, percebi que teria que responder com a intenção de “alimentar” as discussões. Além disso, não responder significaria ignorar os próprios jovens, pois como diz Moraes:

[...] a carta carrega um pouco da nossa presença corpórea. Afinal, por que será que guardamos na carteira ou na bolsa aquele bilhete de quem gostamos? Torna-se evidente que esse documento significa para nós muito mais do que um pedaço de papel com uma mensagem. A escrita e assinatura conseguem presentificar nosso interlocutor (2005, p. 15).

Respondi então suas primeiras cartas com algumas indagações, a partir do foco da pesquisa. Os questionamentos não foram feitos baseados em perguntas, mas com um pedido de novos esclarecimentos. Peguei o que estava escrito e fui motivando-os a contarem mais coisas principalmente em relação ao trabalho e à escola, pois o significado do Projeto da Cadeia veio naturalmente na primeira carta.

Eles então responderam a minha carta. Com a segunda rodada das cartas, tive segurança para iniciar o trabalho de garimpagem nas cartas. Com o auxílio de uma tabela, fui classificando os escritos a partir das três categorias: relação com o Projeto, relação com o trabalho e relação com a escola. Nem todos os jovens entregaram a segunda carta, somente a Aline, o Adilson e o Alex, os outros demoraram muito para entregar e ficou difícil incluí-los, mas, mesmo assim, não comprometeu o trabalho, pois na primeira carta já havia elementos que puderam contribuir na discussão sobre trabalho e escola. Depois disso, algumas questões geraram algumas dúvidas, então, optei por uma conversa informal com os jovens. Nesta etapa, conversei só com dois jovens, pois somente esses dois traziam nas suas escritas algumas coisas que me fizeram conversar um pouco mais.

Quando comecei a escrever a análise dos dados, percebi que deveria apresentar os jovens antes de mostrar os resultados da pesquisa. Assim, a terceira e última rodada de cartas é o relato das histórias de vida dos cinco²¹ jovens que participaram da pesquisa. Isso foi fundamental para atender o meu objetivo pessoal de dar voz para os jovens neste trabalho, de falar com eles e não por eles, além do mais não me senti no direito de contar quem são esses jovens a partir da minha percepção, optei para que eles mesmos se apresentassem do jeito deles, percorrendo as suas histórias a partir das coisas que fazem sentido para eles.

A escolha por esse instrumento veio de inspirações que surgiram a partir do que venho realizando com jovens desde 2005. Durante esse período, fui percebendo que muitas atividades realizadas eram bastante atraentes, outras, porém não mobilizavam os jovens. De algumas atividades fui tirando a inspiração para a

²¹ O Thüran não entregou a carta da história de vida. Segundo ele, estava com muito trabalho fora de Porto Alegre. Neste sentido o trabalho apresenta somente quatro histórias de vida, faltando a história do Thüran.

realização da pesquisa, entre elas está a atividade que denominei de pombo-correio, que era um grande mural, pois eram 100 jovens, que continha um envelope com o nome de todos os jovens e da equipe: educadores e coordenação. Coloquei esse mural em um espaço acessível a todos. No início, eles começaram colocando pequenos bilhetes, mas, no decorrer, tive que trocar o tamanho dos envelopes. Todos recebiam bilhetes e também enviavam, até os mais tímidos, que pouco se manifestavam em sala de aula, se revelavam nos bilhetes enviados. Essa atividade foi a que me fez perceber o quanto os jovens se revelavam através de atividades escritas, onde o que está em jogo não é a gramática, e se for possível agregar a estas atividades certo “mistério” ou talvez proporcionar algo que eles não esperam como, por exemplo, receber um bilhete de alguém que eles nem imaginam que sabe que eles existem. Essas propostas fascinavam os jovens e foi a partir daí que resolvi propor a atividade das cartas com os jovens da CPS. Cabe ressaltar que eles aceitaram na mesma hora.

Mas faltavam as verdades primeiras, ditas sem muita reflexão, ou melhor, as palavras e os dizeres do cotidiano, que registrei cuidadosamente no diário de campo.

4.2.2 Diário de Campo

O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas, até certo ponto, conhecido. No entanto estamos sempre pressupondo familiaridades e exotismo como fontes de conhecimento ou desconhecimento respectivamente. (Gilberto Velho, 1978)

O segundo instrumento foi o diário de campo, na verdade é um antigo hábito meu, anotar tudo, principalmente se estou em reuniões, seminários ou até mesmo em conversas mais formais no ambiente de trabalho. O caderno é o meu amigo inseparável, quando chego pela manhã no trabalho a primeira coisa que faço é recorrer as minhas anotações e atualizá-las com as tarefas do dia, com coisas que

preciso lembrar e principalmente com idéias que surgem²². Dessa antiga mania e da sugestão da banca de qualificação do projeto, decidi oficializar também o diário de campo.

Uma das minhas preocupações, desde o início da pesquisa, era achar uma forma de trazer para as reflexões proporcionadas pela pesquisa as coisas que eu ouvia diariamente dos jovens, no cotidiano das tarefas realizadas, das decisões tomadas com o grupo, dos estudos que fazíamos ou simplesmente do “café com bolacha”²³ que era quase diário, pois principalmente neste momento falávamos de coisas que não costumavam aparecer nos momentos mais formais. Outro assunto constante na hora do café era a escola, as dificuldades, os movimentos que querem fazer como, por exemplo, trazer os professores da escola principalmente o de sociologia para vir aprender sobre economia solidária com eles²⁴. Portanto o diário de campo vai me permitir trazer toda essa riqueza para a reflexão.

Registrar o cotidiano em um caderno, coisa normal ou óbvia para mim que tinha o hábito de fazer isso, mas depois da decisão de transformar essas anotações em instrumento de pesquisa, confesso que algo mudou, a escuta, o olhar passaram a ser mais atentos. Descobri que tudo que me parecia como diz Velho, “conhecido” passou a ser novo desconhecido. No início, fiquei assustada, pois o diário de campo exige disciplina para fazer as anotações e como eu não defini momentos específicos para fazer as observações, e decidi anotar alguma coisa sempre que estivesse com os jovens, realmente ficou bastante exigente, mas não importa era isso mesmo que eu queria anotar: a convivência.

²² Além disso, desde que comecei o mestrado, deixo um pequeno livro de anotações ao lado da minha cama, pois as idéias teimam em aparecer na madrugada, aliás, é sempre nessa hora que surgem as melhores idéias, se não as melhores, mas as mais inesperadas.

²³ Café com bolacha foram eles que colocaram esse título para o nosso cafezinho da manhã na escola, às vezes não tinha bolacha e nem mesmo o café, mas sempre que a gente conversava fora de um ambiente mais formal, como no pátio, quando eu os chamava para tomar um sol, pois o ambiente da serigrafia é muito úmido, então eles falavam: vamos tomar café com bolacha.

²⁴ O Adilson que é um jovem do CPS trouxe o professor de sociologia da sua escola, para que ele viesse fazer uma conversa com os demais colegas do Projeto.

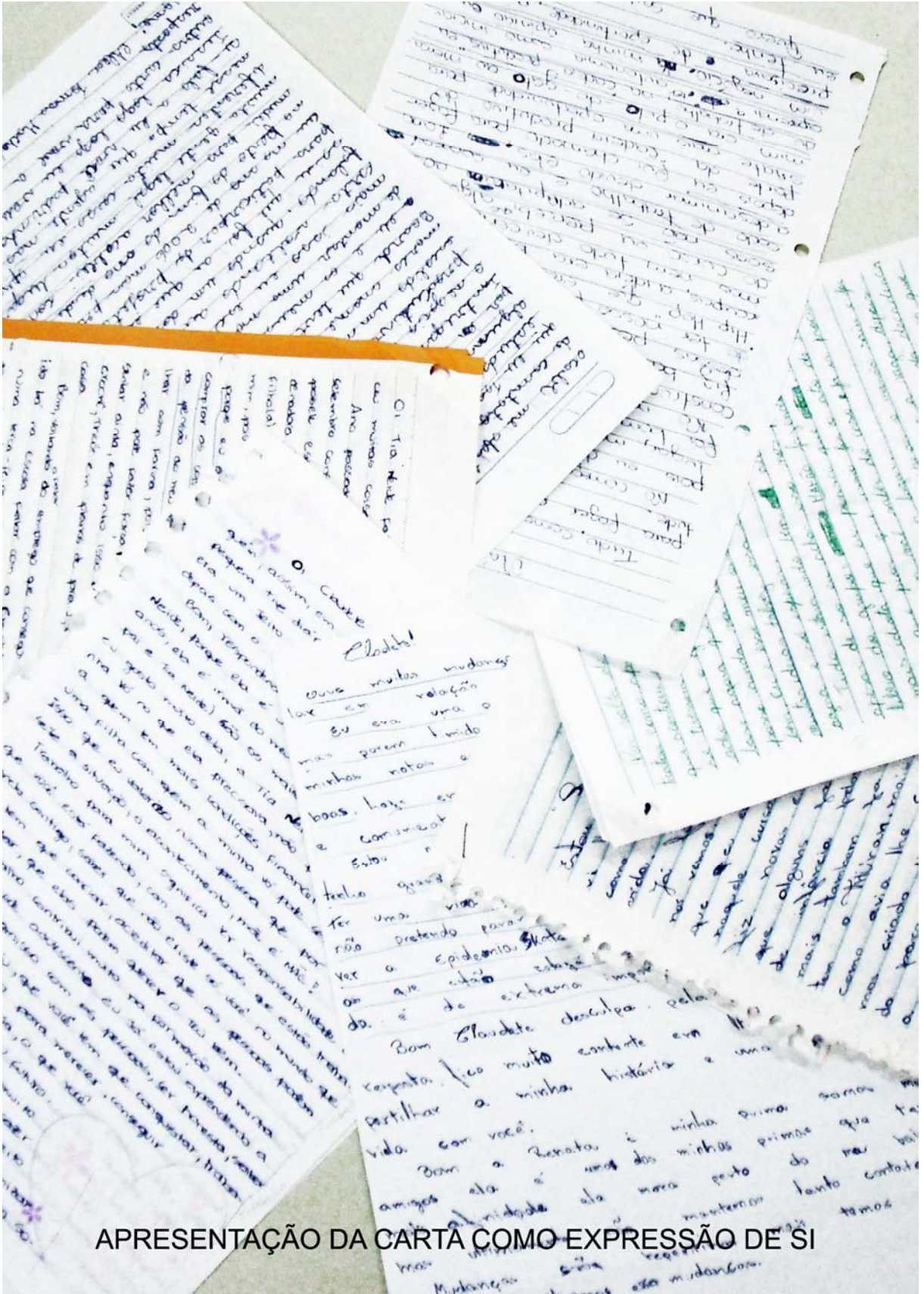
Segundo Winkin, o diário de campo tem três funções básicas: a primeira função catártica, ou função emotiva, o diário será o lugar do corpo-a-corpo consigo mesmo, ante o mundo social estudado; a segunda função do diário é empírica e devemos anotar tudo que chamar atenção e a terceira função do diário é reflexiva e analítica e devemos reler regularmente as anotações e na elaboração das análises para o trabalho final, retomar as anotações para poder fazer enunciados de natureza generalizantes. (WINKIN, 1998).

4.3 METODOLOGIA DE ANÁLISE

Analisar os dados produzidos configura-se como um momento singular. O tratamento do material recolhido deve ser ético e cuidadosamente analisado e articulado com a teoria que fundamenta todo o trabalho. Segundo Minayo (2007):

O tratamento do material nos conduz a uma busca da lógica peculiar e interna do grupo que estamos analisando, sendo essa a construção fundamental do pesquisador. Ou seja, análise qualitativa não é mera classificação de opinião dos informantes, muito mais. É a descoberta de seus códigos sociais a partir das falas, símbolos e observações. A busca da compreensão e da interpretação à luz da teoria aporta uma contribuição singular e contextualizada do pesquisador (p. 27).

A análise não se restringiu ao que está explícito nos instrumentos aqui apresentados, mas também foi preciso prestar atenção aos silêncios - ter uma escuta para esses momentos foi fundamental. Também foi importante considerar que os ciclos da pesquisa não são momentos estanques, mas, como diz Minayo (2007), “planos que se complementam” (p. 27) e vão-nos dando novas pistas, gerando novas perguntas, inquietando-nos e quietando-nos, mostrando que as verdades são sempre provisórias.



APRESENTAÇÃO DA CARTA COMO EXPRESSÃO DE SI

4.4 A APRESENTAÇÃO DA CARTA COMO EXPRESSÃO DE SI

“No silêncio do papel, as vozes desses jovens foram estampadas” (ESTEVES 2005), e de que maneira foram estampadas? Como os jovens apresentaram as cartas? Quem eles escolheram para escreverem a primeira carta? Essas são as perguntas que este item tem o objetivo de responder.

A primeira carta que recebi foi a do Adilson, escrita caprichosamente em uma folha de caderno, dando a impressão de que algumas letras foram desenhadas, ou decoradas, como se ele tivesse escrito e depois lido toda a carta, reforçando algumas letras e corrigindo outras. Percebe-se, além do capricho, muita coerência na escrita, frases e parágrafos bem construídos, clareza e ideias de fácil compreensão.

Da mesma forma, a segunda carta do Adilson mostra os mesmos elementos da primeira. Além disso, as duas primeiras foram entregues bem dobradinhas e sem envelope.

A pessoa que o Adilson escolheu para enviar a primeira carta foi uma prima, que, segundo ele, é com quem mais tem afinidade e que, embora morando perto, nos últimos tempos, mantiveram pouco contato.

A terceira e última carta em que ele escreve a sua história de vida veio em um envelope confeccionado por ele, com folha de caderno e fita adesiva como forma de manter o formato de envelope. Ele usou um título grafado com caneta vermelha, esta parece que foi escrita com mais esmero ainda, mas o que me chamou a atenção foi o fato de colocar em um envelope, como se essa merecesse uma proteção maior do que as outras cartas, pois, afinal, esta dá voz à sua história de vida.

A segunda carta que chegou, foi a da Aline, a primeira carta, ela escolheu escrever para uma tia, segundo ela, faz muito tempo que não tem contato com a mesma, mas gosta muito dela, considera-a uma pessoa ajuizada e que sua família pode sempre contar, principalmente a sua vó. Também escrita em folha de caderno,

muito organizada e bem escrita. Na segunda carta, o papel era mais decorado, as duas cartas foram entregues sem envelope, mas, bem dobradas. A terceira carta, onde conta sua história de vida, assim como fez Adilson, também foi colocada em envelope. Na carta que conta a história de vida, colocou título, nas anteriores, não.

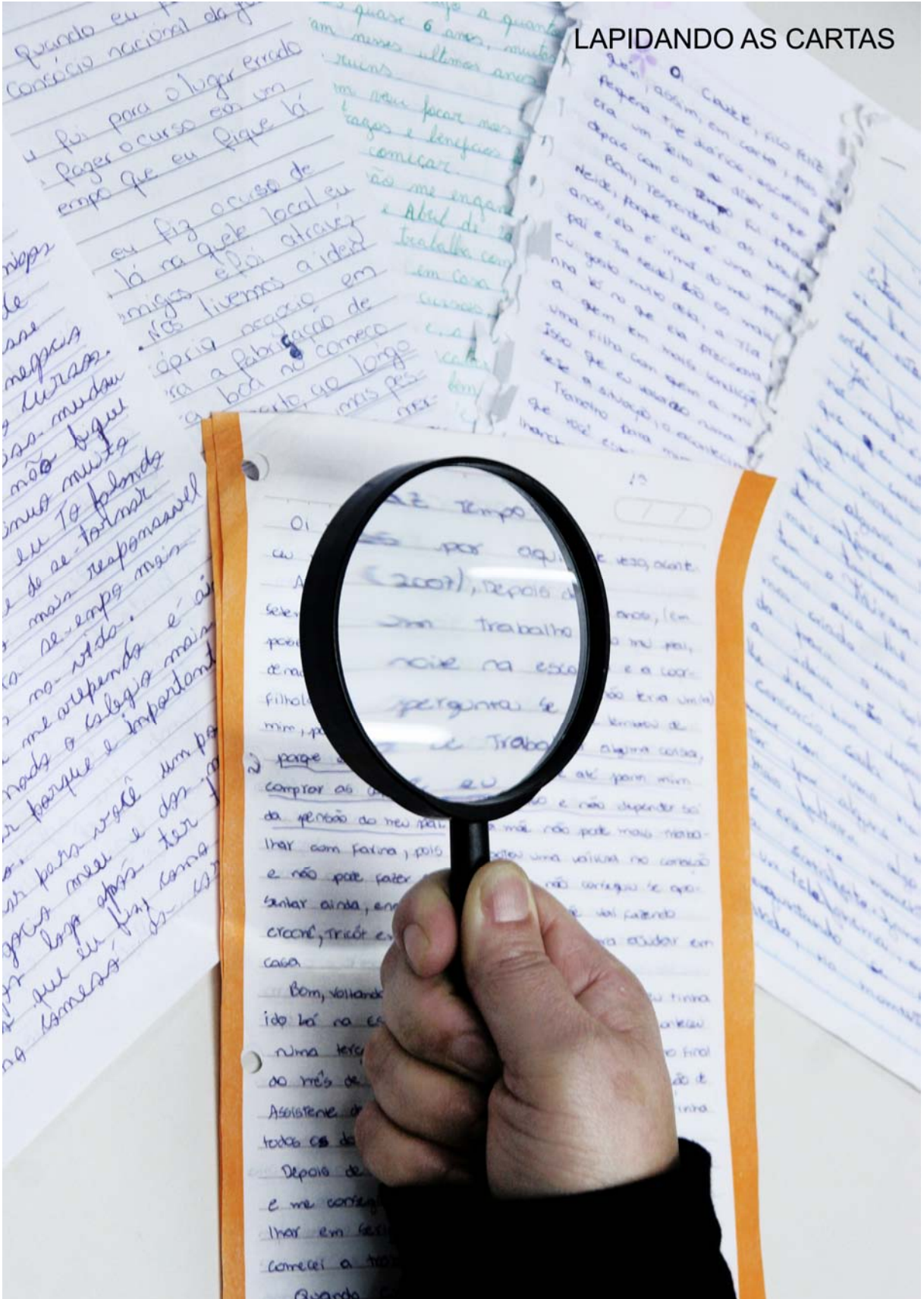
Na sequência, o Alex me entregou a primeira carta, também escrita em folha de caderno, dobrada e sem envelope. Escolheu escrever para a prima. A segunda carta, ele entregou junto com a terceira carta, que conta a sua história de vida. Desta vez, ele entregou as duas cartas em um pacote de presente bem fechado. Um detalhe interessante é que o papel de presente era todo com detalhes de envelopes de carta. Confesso que me emocionei bastante com esta entrega, pois o imaginei indo comprar um pacote de presente, escolhendo um com desenhos que tinham relação com o que ele estava fazendo. Enfim, ele demonstrou que estava dando importância para o que estava fazendo, ou seja, realmente me deu um presente, sua história de vida. Na segunda carta, e na história de vida, ele colocou títulos e demonstrou que estas duas últimas foram escritas de maneira mais leve e prazerosa do que a primeira.

O José foi o próximo a entregar a carta, também sem envelope e em folha de caderno, longa e muito bem escrita. Ele fala muito pouco, é uma pessoa quieta, nesse sentindo a sua carta me surpreendeu positivamente. Até ele se surpreendeu consigo mesmo, quando disse na carta: “Alguns seres humanos são de certa forma interessantes, se eu tivesse essa mesma habilidade de escrever (mesmo que meio errado) no falar e no fazer...”, o que fica da primeira carta é que ele estava com uma necessidade enorme de falar da suas percepções em relação ao projeto e aos colegas. Ele escolheu escrever para um amigo, com o qual fazia tempo que não tinha contato, pois o mesmo está morando em Brasília.

A primeira carta do Thüran também chegou da mesma forma que as demais, percebe-se que ele foi econômico, escreveu uma folha apenas, frente e verso, fez algumas correções. Também escreveu para um amigo que não via há bastante tempo, não é alguém da família. Este jovem não entregou a segunda e nem a terceira carta, que contava a história de vida. Esse fato me chama atenção, pois quando fiz a proposta das cartas, ele me pareceu um dos mais empolgados, fato

que, na prática, não se confirmou. Percebi que, durante o processo da pesquisa, ele demonstrou pouco entusiasmo, alegando que a dificuldade para escrever estava relacionada ao tempo. Não fui incisiva, pois a escrita das cartas deveria ser um ato prazeroso.

LAPIDANDO AS CARTAS



4.5 LAPIDANDO AS CARTAS

Após a emoção e, às vezes, até surpresa ao receber as cartas, chegou o momento de estudá-las. A primeira leitura serviu para me familiarizar com as escritas. Na segunda leitura, iniciei o processo de análise que se deu da seguinte forma: em primeiro lugar, agrupei as falas retiradas das cartas dos jovens segundo as categorias escolhidas: relação dos jovens com o Projeto da Cadeia Produtiva do *Skate*, relação dos jovens com o trabalho e relação dos jovens com a escola. Depois disso, extraí as ideias chaves de cada uma das falas e as agrupei, retomando-as durante a análise, sendo elas próprias o fio condutor das reflexões.

Nota-se que todas as categorias estão presentes ao longo de cada uma das cartas. Assim, nas histórias de vida, encontram-se elementos sobre trabalho e escola. Optei por deixar as histórias de vida na íntegra e buscar no conjunto das falas algumas ênfases relativas à classificação por categorias.

A classificação das demais falas em categorias foi feita levando-se em conta as ênfases em uma ou outra. Por isso, às vezes, uma mesma fala é utilizada para ilustrar mais de uma categoria.

A tabela a seguir ilustra os passos da análise. Neste exemplo abaixo, utilizei apenas uma pequena amostra de como foi feita a classificação das falas dos jovens em categorias e, a partir disso, a extração das ideias chaves. Por isso, aparece apenas o nome de quatro jovens, faltando o Thüran. Isso aconteceu porque não foi possível relacionar sua fala com a categoria da relação dos jovens com o Projeto da CPS. Na tabela inteira, que está no anexo deste trabalho, o nome e a escrita de Thüran aparecem relacionados às outras categorias com as quais ele contribuiu.

categorias	Aline	Adilson	Alex Charão	José Samurio	Ideias Chave
Relação dos jovens com o Projeto da Cadeia Produtiva do Skate	“Pra trabalhar com serigrafia eu não quero mais, não é uma coisa que eu goste de fazer, díganos que eu não tenho o “dom” pra isso”. (carta 1); “Olha o CPS serviu na minha vida para mim ver que temos que ter responsabilidade, admitir os nossos próprios erros, não querer julgar os outros se você também age errado”. (carta 2)	“Renata estamos num processo complicado, uns desesperados com a situação outros calmos, alguns com pensamento de desistir, eu não penso em desistir para não ter arrependimento depois. Nem que eu seja o último dos moicanos. É Renata quem disse pra ti que a vida não sofre transformação, só digo uma coisa a vida é grande metamorfose”. (Carta 1)	“Querida Jessica muita coisa mudou no meu jeito de ser mais não fique assustada porque eu continuo muito alegre e brincalhão aonde eu to falando e eu mudei foi na parte de se tornar um homem mais serio mais responsável um homem que tenta sempre mais aos seus objetivos na vida”. (Carta 1); “Eu vou falar para você um pouco do meu negocio meu e dos meus amigos.” (Carta 1);	Eu e esse meu outro bom amigo já tivemos muitas idéias, talvez essa ultima a melhor de todas agora é só esperar”. (Carta 1); “Alguns seres humanos são de certa forma interessantes, se eu tivesse essa mesma habilidade de escrever (mesmo que meio errado) no falar e no fazer.” (Carta 1)	Possibilidade de fazer escolhas (Da fala da Aline carta 1) Persistência; medo do fracasso (motivo que também estimula a não desistir); mudança, transformação (Da fala do Adilson carta 1) Visão do mundo adulto = a seriedade; perspectiva de futuro (Da fala do Alex carta 1) Amizade;Orgulho;Pertencimento (Da fala do Alex carta 1) Espaço de troca; criação; autoria; protagonismo; juvenil (Da fala do José carta 1) Autoconhecimento; responsabilidade; transformação (Da fala da Aline carta 2) Autoconfiança (Da fala do José carta 1)

A Tabela das Categorias, na íntegra, encontra-se em Anexo A.

Oi Tia Neide Fa
cei muitas coisas
Ano passado
setembro com
após esse
de nadara

APRESENTANDO OS JOVENS

Oi Claudete
, assim, em
era tive diár
um jeito
em o
respondena
e ela é
irmã do me
) são os
dele,

Cláudio!
Quia muitas mudanças
eu em relação
era uma p
mas porém tímido
ninhos notas e.

5 APRESENTANDO OS JOVENS

Os jovens, sujeitos desta pesquisa realizada, são as pessoas que possibilitaram este trabalho, são jovens que fazem parte desta escrita e da minha vida. Os cinco jovens que se dispuseram a participar deste estudo estão na Escola Técnica Mesquita a mais de três anos, passaram pelo Consórcio Social da Juventude e na sequência entraram para o CPS.

Atualmente, a Aline continua na Escola Mesquita pela manhã como cotista e à tarde como estagiária; o Adilson está trabalhando em uma empresa de estacionamento na PUC; o Thüran, em uma empresa de instalação de feiras; o Alex está montando uma serigrafia na casa dele para trabalhar e o José está aguardando uma vaga no *Shopping* da Barra como auxiliar de cozinha, tarefa que ele já executou anteriormente.

O convívio com esses jovens a mais de três anos, me permite dizer que os conheço um pouco, mas não o suficiente para apresentá-los. Nesse sentido, optei por eles mesmos se apresentarem para o leitor a partir dos recortes e ênfases que escolheram relatar.

5.1 HISTÓRIAS DE VIDA

“O texto não apenas fala de coisas da vida, mas tem ele próprio uma vida”. (FREIRE, 2001)

Neste capítulo, apresento esses jovens, contando um pouco das suas histórias de vida, são recortes que eles próprios escolheram contar, pois pedi a eles que escrevessem as suas histórias, para que pudesse mostrar quem são os quatro meninos e uma menina que construíram palavras, frases e escreveram cartas, relatando reflexivamente as suas formas de pensar e de ver o mundo a partir de seus horizontes sociais, de onde advêm experiências, expectativas e desejos. O objetivo é conhecer os jovens, apropriar-se das suas histórias de forma consentida,

sem expropriar o outro (os jovens), de seus saberes, de suas experiências, mas buscar a partilha.

É importante ressaltar como já dito anteriormente, que somente quatro jovens me entregaram a carta com as suas histórias de vida. O Thüran não entregou, relatando que encontrou dificuldade de escrever por falta de tempo, pois estava trabalhando muito e também estava fora de Porto Alegre.

A partir de agora, trago a escrita das histórias de vida, contada e escrita pelos próprios jovens. Conforme informado em nota de rodapé no capítulo que discute a metodologia, preservei a escrita original.

As histórias começam assim:

“A história da minha vida versão reduzida...”

A minha história de vida não é muito longa ainda, mais já tem alguma coisinha.

Uma vida muito sofrida graças a deus eu nunca tive porque a minha mãe nunca deixou faltar comida, roupa, carinho e uma boa criação eu nunca tive luxo nenhum a não ser depois de eu começar a trabalhar e comprar as minhas próprias coisas. Aqui em casa uma coisa eu aprendi foi a conviver com família grande porque a minha vó teve 11 filhos 56 netos 20 bisnetos só aqui no pátio são 13 pessoas que eu do muito valor. Na minha vida eu conheci pessoas muito importantes na minha vida como um exemplo o meu cunhado o Ricardo que me deu a honra de ser padrinho da filha dele. Todo mundo que trabalhava comigo na serigrafia que são grandes amigos meus que frequentam a minha casa. Me espelhando na minha mãe no meu pai e na minha família e que eu formei o meu caráter eu tive muitos momentos na minha vida nesse momento eu estou um pouco parado na minha vida pessoal e profissional mais eu estou tentando mudar essa situação.

Essa foi a minha historia de vida resumida. Fim por enquanto”.

(Alex Tomas Machado Charão).

“Minha história de vida

Oi meu nome é Adilson a minha trajetória nesse mundo é longa, pois há muito momentos marcantes na minha vida.

Hoje em dia sou mais sábio nas minhas decisões principalmente quando envolve o meu futuro.

Já passei por muitas dificuldades, em geral quando digo em geral! Quer dizer, financeira, fraternal e assuntos do coração em si. São coisas difíceis de resolver mais não impossível.

Já tive muita ingenuidade na minha vida com o tempo aprendi a ser mais ambicioso sim tem que ter ambição mais para as coisas boas.

Tive muitas perdas importante na minha vida uma das perdas foi a minha companheira minha querida irmã, pois sinto muito a falta dela é uma dor que não cicatriza por um tempo digamos que da para amenizar só amenizar por que a falta sempre vai tá lá no fundo do meu coração.

Com um tempo conheci uma guria nome Daiane ela marcou muito a minha vida, pois foi com ela que eu tive a experiência de como é ser casa foi parte complicada da minha vida. Ficamos juntos 2 anos, aprendi muito com a vida ainda estou aprendendo.

Tive uma breve ideia como era ser discriminado não imaginava o que era esse sentimento um sentimento ruim me senti acobardado um tanto umilhado, mais pela minha cor pois tenho orgulho de ser negro é ofendido por ter sido ofendido num trabalho.

Se passaram dois meses fui chamado para participar de um curso de construção sevil na escola Mesquita²⁵, mais acabei ficando apenas uma semana não abandonei o curso mais troquei para um curso que era mais do meu interesse curso de Pintura Industrial. Fiz várias amizades, juntos tentamos criar uma marca de Hip Hop mais não era tão facil assim não deu certo.

Eu e o Charão trabalhamos no Bourbon foi legal mais um tanto estresante pela função e pelo salário era pouco.

Por um tempo e Charão perdemos o contato, mais soube que o Thüran que tava se dando inicio um projeto cadeia produtiva do skate. La encontrei alguns amigos que também estaria nesse projeto, Manão, Pedro e Ricardo, eu e o Thüran já nos conhecia mais não nos falamos muito mais viramos bons amigos. Logo depois um velho amigo de infância que estava no curso junto comigo entrou no projeto também nome José Carlos. Ouve muita coisa importante venho acontece. Conheci muitas pessoas com elas aprendi bastante.

Tive uma experiência inesquecível a oportunidade de montar o próprio negócio como skate e serigrafia. Enfelizmente não conclui essa etapa da minha vida. Como pessoa teve muita influencia e mudança na minha vida. A frustração de não conclui um sonho da minha vida é grande, mais grande é o conhecimento que muitos não teve não digo que meus companheiros e eu encaram mais não se damos conta da importância iria fazer em nossas vida tanto como profissionais e como pessoas. Mais foi a melhor das experiências poderíamos ter um momento único de nossas vidas. Perdemos contato por tempo do Pedro nessa jornada foi ai que eu conhe a Aline, uma guria delicada, tímida, bonita e super genti fina a única guria do nosso grupo. Creo que o nosso grupo teve falhas mais digo melhor não poderia ser o grupo era bom tinha união era mas e somos uma equipe falto pouco para ser ótimo mais ninguém é perfeito. E hoje em

²⁵ Embora apareçam elementos que são objetos de estudo neste trabalho como este que será tratado no item da relação dos jovens com o trabalho, preservei na íntegra o que eles escreveram nas suas histórias de vida.

dia sou mais ajuizado e firme nas minhas decisões e com tempo alcançarei o meus sonhos com sucesso.”

(Adilson Freitas).

“As Batalhas da Vida

Nasci no dia 23 de abril de 1992, às 10:10 da manhã. Meus pais são Joel Oliveira Menezes e Juçara Aires Menezes, tenho dois irmãos mais velhos, Claudio (por parte de mãe) e Rodrigo (por parte de pai), eu sou a única filha do casal.

Bom o que eu me lembro da minha infância, foi que meus pais sempre me deram o melhor que estava no alcance deles, foi uma infância boa, criadas com meus primos e que me cuidou, criou, foi minha vó por parte de mãe. Minha mãe ficou comigo até 1 aninho, depois até os 7 anos foi minha vó.

Morei até meus 7 anos mais ou menos no mesmo pátio que meus avós, tios, só em casas diferentes, no bairro Rubem Berta. Mas não era muito harmonioza a vida, ali, morando todos no mesmo pátio, pois digamos meu avós não gostavam muito do meu pai e sempre quando havia discursão entre meus pais, meus avós se metiam e acabava sempre meu pai saindo de casa, indo para a mãe dele e assim eu fui criada, vendo meus pais irem e voltarem.

Até que um dia eu tinha 7/ para 8 anos, minha mãe tomou a decisão de sair dali, ela e meu pai perceberam que teriam que começar de novo, minha mãe percebeu que tinha que viver com mais liberdade, com ninguém se metendo em sua vida.

Fomos morar de aluguel, umas duas quadras da onde morávamos, ficamo 2 anos ali.

Mas um dia uma amiga de minha mãe ligou para ela, pedindo que fossemos morar na antiga casa, pois ela (Sônia) estava morando do outro

lado do mundo em Porto de Galinhas e quem estava cuidando a casa dela aqui no Leopoldina, era um “companheiro” que vivia com ela a tempos.

Meus pais aceitaram, pois estavam saindo do aluguel, para ter uma casa própria. No começo foi meio apertado a situação, pois tinha muita coisa para arrumar na casa e meu pai trabalhava como pedreiro e minha mãe só estava fazendo faxina, são emprego que as vezes não tem serviço, mas depois melhorou.

Em 2006, minha mãe não estava se sentindo muito bem e foi ao médico, depois de exames, diagnosticaram que estava com a veia orta delatada e que teria que fazer cirurgia, colocar uma válvula, se não fizesse poderia viver, dias, meses, anos, o médico não sabia ao certo.

Mas minha mãe ficou com muita medo de não sair da mesa de cirurgia, de morrer ali mesmo, mas depois de todos conversarem com ela, tomou a decisão de fazer a operação. Marcaram a cirurgia. Eu me lembro bem, estávamos, eu meu pai, minha dinda, meus avós e meu irmão, aguardando a hora de acabar. Bom a operação durou menos tempo do que o previsto e descobríamos que além de terem que botar a válvula na veia orta os médicos botaram uma no coração, mas graças a Deus ocorreu tudo bem.

Bom minha mãe iria ficar uma a duas semanas no máximo no hospital se recuperando, mas ela começou a ter febres e depois de exames, descobriram que estava com infecção urinária, os médicos deram antibióticos e depois de uma semana, a febre cessou, mas teria que aguardar mais uns 4 dias, sem tomar o antibiótico para ver se não iria voltar, mas a febre voltou e fazendo exames descobriram que minha mãe estava com infecção hospitalar. Nesse período todo, durou 3 meses, minha mãe ficou 3 meses dentro daquele hospital. Passei meu aniversário de 13 anos com minha mãe, passei com ela.

Depois de tomar os antibióticos, retornaram a fazer novos exames e viram que a bactéria não estava mais ali, então minha mãe retornou para casa.

Durante esse período eu fiquei na casa de minha avó, até porque o meu colégio era ali perto.

Um ano depois (2006), minha mãe ficou muito nervosa com alguns problemas, e o médico recomendou, disse, que ela não poderia se estressar, ficar nervosa, mas minha mãe tem problemas de nervos, então, passou mal e levamos ela ao médico e depois de exames descobriram que a bactéria não tinha morrido e sim estava escondida e que teria que baixa, para tomar novos antibióticos, mais forte e que se esses não adiantassem, teria que fazer uma nova operação, foram mais 2 meses e meio de sofrimento, sem ter minha mãe ao meu lado, sem poder vê-la todos os dias. Mas, felizmente conseguiram matar a bactéria e minha mãe voltou para casa.

Em 2007, fiz 15 anos, foi uma festa simples, mas linda, no começo eu não queria, mas como eu sou a única filha do casal, a única menina, era o sonho de minha mãe fazer uma festa, então aceitei, mas não me arrependi, pois foi um dos dias mais bonitos, felizes da minha vida.

Antes disso, no final de 2006 me formei no ensino fundamental, meus pais se separaram, pois não estava mais dando certo, eu aceitei tranquilamente, pois já não havia paz, só discursão, eu não estava feliz, ninguém estava.

Bom, em 2007, também fui para um novo colégio, fazer o ensino médio, onde estou até hoje.

Em setembro de 2007 comecei a trabalhar na Escola Mesquita, consegui esse trabalho através do meu pai que conhecia a Claudete. Comecei na parte da serigrafia, fiquei durante 1 ano, depois a empresa Ciex renovou meu contrato por mais um ano, como jovem aprendiz e

comecei a trabalhar diretamente com a Claudete, organizando arquivos, atendo telefone, digitando, pagando contas.

Onde estou até hoje e esse ano (2009), comecei a trabalhar o dia inteiro e estudar de noite, muita coisa mudou, amadureci mais, meus pensamentos estão diferentes, o trabalho, não esta me ajudando só financeiramente mas também como pessoa.

Graças a Claudete que me ajudou, conseguindo que eu trabalhasse o dia inteiro, para poder ganhar mais, pois minha mãe não tem condições de fazer faxina, não está conseguindo se aposentar e está tendo que pagar INSS.

Estou morando com minha mãe no mesmo pátio que meus avós, voltamos para aonde tínhamos saído. Minha família depois de Deus é o mais importante em minha vida, meus avós se dão bem com meu pai e são pessoas que eu amo e admiro muito, pois são pessoas guerreiras, batalhadoras e que sempre ajudaram eu e minha mãe.

Meus pais são tudo para mim, são pessoas guerreira, que nunca desistiram de lutar, de conquistar o que queriam, são exemplos de vida para mim, são pessoas que estaram sempre ao meu lado, que querem sempre o meu melhor.

Bom, isso é o resumo da minha vida, apesar de ter apenas 17 anos, já passei por bastante situações, mas sei que nada é fácil, que tem que lutar, conquistar para se ter e que ainda irei passar por muita coisa, mas sei que Deus irá me ajudar.”

(Aline Menezes)

“História da minha vida”

Eu sou José Carlos Samurio filho de José Ferreira e Simone Samurio P.

E sou o filho mais velho de cinco irmão. Nós nascemos em Porto Alegre mas moramos em Uruguaiana por algum tempo já que meu pai era de lá.

Nós voltamos para Porto Alegre quando eu tinha 3 anos foi quanto viemos morar no Partenon.

Eu estudei na escola Marina Martins até a 8^o serie, quando eu estava na 4^o eu conheci o Adilson, nos éramos colegas de classe.

Minha mãe era de uma Igreja evangélica e eu ia as vezes com ela. E uma vez eu fui em um retiro dessa Igreja foi quando eu conheci o Samir ele era cantor dos grupos de joven da Igreja e eu comesei a falar com ele limpando o banheiro.

Eu depois que terminei o ensino fundamental passei por três escolas, não sei porque mas depois que terminei o 1^o ano do médio eu fui perdendo a vontade de estudar e acabei parando.

Após terminar o Consorcio eu fui trabalhar no Ministério e no inicio de 2006 comessei a fazer parte da Cadeia Produtiva.

(José Carlos Samurio)

A partir do que já conhecia dos jovens e do que pude aprender após este estudo, fui construindo algumas impressões sobre os jovens, as quais acredito ser importante estarem presentes neste estudo, considerando que foi a pesquisa o principal elemento que me permitiu compreender tais jovens.

5.2 COMO OS PERCEBO

Este tempo em que estamos juntos, eu e os jovens, permite-me falar um pouco das impressões que fui construindo a partir desse convívio. Antes de tudo, devo registrar o quanto aprendi e o quanto admiro os jovens que participaram do núcleo da serigrafia. Independente da trajetória construída dentro do Projeto, todos,

com as suas singularidades foram muito importantes para me mostrar e ensinar muitas coisas, que talvez nem caibam neste estudo, mas estão no meu cotidiano, na minha percepção de mundo e, principalmente, na minha visão sobre as juventudes.

O Adilson sempre me pareceu o mais responsável e o mais interessado no projeto. Preocupado com os demais colegas e muito amigo de todos; criativo, está sempre apresentando ideias novas, mas tem muita dificuldade de colocá-las em prática. Ele é um menino muito puro, beirando a ingenuidade em todos os sentidos, não enxerga maldade em nada e, por isso, sofre com a expectativa que depositou, principalmente nos colegas de núcleo. De todos os jovens, foi o que mais cresceu durante as atividades, desenvolveu a oralidade, tem a dimensão política do projeto. Nunca mediu esforços, estava sempre presente a todas as atividades e uma das coisas que sempre me chamou muita atenção em relação ao Adilson foi o compromisso dele em estudar o Projeto. Lia todo o material, trazia as questões para discutirmos nas rodas pedagógicas e, enquanto não entendia, não desistia do assunto. O limite do Adilson está em ter iniciativa, ele não conseguiu colocar em prática as suas ideias.

O Alex Charão é bastante tímido, fala pouco, mas é muito observador. Aos poucos foi se apropriando do Projeto e, nos momentos, em que era preciso falar sobre o CPS ele se saía muito bem. Uma das coisas que me chamava atenção no Alex era a identificação que ele tinha com a proposta de trabalho associativo: ele dizia sempre que “jamais voltaria para o mercado formal de trabalho, não aceitaria novamente ter um chefe”. Ele tinha dificuldade de cumprir horário, não se podia contar muito com ele nesse sentido. Bastante sonhador, fazia planos para o futuro e o CPS estava sempre entre os mesmos.

O Thüran é muito sério e mal humorado; é pouco tolerante, não aceita brincadeiras e, por isso, estava sempre em conflito com os outros jovens. De todos era o mais difícil de lidar; quieto, não por ser envergonhado, mas por ser uma pessoa de poucas palavras. Aos poucos, foi se identificando com os outros jovens, mas ele não demonstrava o mesmo apego que os demais demonstravam entre si. Ele é prático, se tinha que fazer alguma coisa, ele o fazia. Por exemplo, nas

apresentações do Projeto, ele me surpreendia, porque demonstrava um conhecimento sobre o mesmo, que não era possível perceber no cotidiano.

O José Samurio é uma incógnita: raramente falava, durante os três anos de convivência com ele poucas vezes ouvi a sua voz, é um jovem muito introspectivo, observador. Não dava para imaginar o que se passava com ele, ele não tinha reação nos momentos ruins e nem nos bons. Mas me surpreendeu várias vezes, como, por exemplo, no trabalho realizado com um grupo de mulheres (que será explicado no capítulo da análise dos dados), onde ele simplesmente assumiu todas as atividades. Muito responsável em todos os sentidos, ele conhecia muito bem o Projeto.

Aline é muito infantil e sonhadora, muito responsável, dava para contar com ela para tudo, sempre presente às atividades, muito atenta e comprometida. Chegou ao Projeto na pior fase, era o momento em que os jovens estavam aguardando a continuidade e, por esse motivo, teve pouco tempo para conhecer o CPS. Acredito que, se ela estivesse desde o início, o núcleo da serigrafia teria sido diferente. Ela é muito tímida, fica vermelha até mesmo para cumprimentar as pessoas. A sua chegada ao Projeto foi um impacto. Quando ela viu que eram todos meninos, acho que sentiu vontade de desistir, mas ficou firme e, aos poucos, foi se impondo. Ela tem uma estrutura familiar muito boa e, por isso, ainda não teve que enfrentar dificuldades. Esse fator a difere dos outros jovens que tiveram bastantes dificuldades. Todos os outros já tinham uma experiência de trabalho com os “bicos” que tiveram que fazer para sobreviver. Para a Aline, era a primeira experiência em relação a esse aspecto, e isso exigiu que ela superasse os desafios. Uma característica importante e marcante da Aline é o plano que ela tem para o futuro, ela sabe bem o que quer.

Essas percepções em relação aos jovens foram sendo construídas a partir do convívio com eles, mas de maneira alguma isso é uma verdade, foi o que pude perceber, não quer dizer que eles sejam assim mesmo. Com as cartas escritas para este estudo, pude conhecê-los um pouco mais e também me surpreender ainda mais com eles.



A RELAÇÃO COM O PROJETO CADEIA PRODUTIVA DO SKATE

6 A RELAÇÃO COM O PROJETO CADEIA PRODUTIVA DO SKATE

“[...] e eu entrei definitivamente para o grupo”. (José, carta 1)

As pessoas se constituem a partir das relações que estabelecem com o contexto social no qual estão inseridos, e estas relações complexas e nem sempre lineares é que vão fornecendo as ferramentas para que os seres humanos possam ir se constituindo. Esse processo é marcado por idas e vindas, aproximações e distanciamentos, mas é justamente a partir deste dualismo que vamos (trans)formando enquanto sujeitos que fazem e compõem uma história.

Para as juventudes, as relações que estabelecem durante tal fase de transição são extremamente importantes: os gestos, pensamentos, palavras, atitudes, ações, são características humanas, portanto validam essas relações que estabelecemos nas diferentes dimensões das nossas vidas e que nos constituem. FREIRE contribui com essa definição dizendo:

O conceito de relações, da esfera puramente humana, guarda em si, como veremos, conotações de pluralidade, de transcendência, de criticidade, de consequência e de temporalidade. As relações que o homem trava no mundo com o mundo (pessoais, impessoais, corpóreas e incorpóreas) apresentam uma ordem tal de características que as distinguem totalmente dos puros contatos, típicos da outra esfera animal. Entendemos que, para o homem, o mundo é uma realidade objetiva, independente dele, possível de ser conhecida. É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. (FREIRE, 2008, p. 47)

E como o Projeto da CPS contribui para a vida dos jovens que dele fazem parte, para que tal projeto esteja no mundo e com o mundo de que Paulo Freire fala na citação acima? Qual o significado deste Projeto para esses jovens? Qual a contribuição neste (re)fazer-se sujeito?

No início deste capítulo, trago a frase do José que permite imaginar que fazer parte definitivamente do grupo que compunha a CPS, naquele momento, foi uma conquista, algo que ele esperava, como se fizesse parte de uma lista de espera,

desejando ser parte de um grupo. A palavra *definitivamente* usada na frase pelo jovem é como se dissesse: consegui, faço parte, sou de um grupo, estou inserido. É sair do papel de espectador para assumir a possibilidade de intervir, transformar e modificar. Fazer parte, nesse sentido, compreende não só pertencer ao Projeto, mas a um contexto mais geral em que o Projeto está inserido. É a possibilidade de integrar-se a esse contexto e como diz (FREIRE, 2008, p. 50), “não apenas estar nele, mas integrar-se a ele”, e tal integração o “enraíza”, faz dele sujeito que tem um papel a desenvolver.

Estar integrado, seja a uma causa, a um projeto, a um grupo imbuído das mesmas esperanças, das mesmas expectativas, é fundamental neste campo das relações para dar sentido, significado na construção dos sujeitos. Freire, diz que:

[...] não houvesse essa integração, que é uma nota de suas relações, e que se aperfeiçoa na medida em que a consciência se torna crítica, fosse ele apenas um ser da acomodação ou do ajustamento, e a História e a Cultura, domínios exclusivamente seus, não teriam sentido. Falter-lhes-ia a marca da liberdade. Por isso toda vez que se suprime a liberdade, fica ele um ser meramente ajustado ou acomodado, [...] acomodado a ajustamentos que lhes sejam impostos, sem o direito de discuti-los, o homem sacrifica imediatamente a sua capacidade criadora. (FREIRE, 2008, p. 50)

“Eu e esse meu outro bom amigo já tivemos muitas idéias, talvez essa última a melhor de todas agora é só esperar” (JOSÉ, carta 1).

Analisando essa fala é possível imaginar que o Projeto da CPS possibilitou aos jovens um espaço também de criação, ter muitas ideias, e não qualquer ideia, mas as melhores, como ele diz (...) “essa última a melhor de todas”, leva a crer que na avaliação dele as outras também eram boas. O pertencimento fica bem caracterizado quando o Alex escreve: **“Foi lá que eu conheci bons amigos e os meus futuros colegas de trabalho e sócios, grassas a esse curso que hoje eu tenho o meu negocio junto com os meus amigos”** (ALEX carta 1), “o meu negocio”, ou seja, é dele, pertence a ele e essa mesma afirmação traz o sentimento de que é o meu negócio, porque não é um negócio só dos outros, mas é meu também, me pertence. O conceito de pertencimento aqui é entendido como um sentimento que possibilita aos jovens se sentirem partes de algum lugar, de uma

determinada classe, de um determinado grupo e, nesse caso, do Projeto da CPS. TIRIBA e FISCHER dizem que:

Seja por motivos políticos, econômicos, religiosos, recreativos ou de qualquer ordem, o associativismo tem como característica a construção de laços sociais que são calcados na confiança, cooperação e reciprocidade, conferindo aos jovens o sentimento de pertencimento a um grupo. (TIRIBA; FISCHER, 2007, p. 67).

A proposta do CPS é de um trabalho pautado nos princípios do trabalho associativo, como apresentado no item pertinente. Mas nenhum parecer se efetiva sem a vontade daqueles a quem a se destina. Aliás, a tendência, na maioria das vezes, é que as propostas nem saiam do papel, portanto, além desta, desde o início, havia uma pré-disposição dos jovens para um trabalho que rompesse com o paradigma do trabalho formal de carteira assinada. Esse sim, acredito ter sido mérito do Projeto, ou melhor, da proposta de formação continuada para os jovens, que tratou de desconstruir a ideia de que o mercado de trabalho tem lugar para todos. A contribuição de TIRIBA e FISCHER para essa reflexão é importante:

Podemos dizer que os jovens se associam de variadas formas e por diferentes motivos: porque se identificam pelo fato de compartilharem as mesmas práticas, compartilhar do mesmo estilo de vida, reivindicar os mesmos direitos e/ou objetivar a realização de um interesse que é comum. (TIRIBA; FISCHER, 2007, p. 66)

Nesse sentido, é possível dizer que existe uma tendência dos jovens, pela própria condição de ser jovem, a se identificar com propostas que possibilitem a eles vivenciarem, na prática, valores que estejam na linha da convivência em grupo.

No diário de campo, registrei quatro momentos que considero ilustrativos na reflexão sobre o fato desses jovens se sentirem pertencentes a esse projeto.

O primeiro momento foi quando uma entidade parceira da Escola Técnica Mesquita fez um contato nos pedindo que fôssemos apresentar o Projeto da CPS para um grupo de professores daquela instituição, que estaria discutindo a possibilidade de formação de um grupo de jovens. Ao serem questionados sobre a possibilidade de irmos apresentar o Projeto, os jovens se propuseram a apresentar o mesmo. Elaboraram uma apresentação conjunta e os seis jovens foram apresentá-

la. No retorno, a fala foi uma só: “Bah, professora, nós estamos grandão, até coordenamos um trabalho de grupo, e tinha que ver os professores nos perguntando as coisas, tivemos até que fazer inscrição porque todos queriam perguntar coisas para nós”. (Diário de Campo).

O segundo momento foi outro convite da Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, para que fôssemos apresentar, para as turmas do ProJovem²⁶ daquele Município, o Projeto da CPS. Como havia várias turmas, foi preciso uma semana para que os jovens dessem conta de passar por todas. Um carro vinha todos os dias buscá-los e retornava com os mesmos. Cada dia traziam uma nova história, contavam que haviam encontrado outros que pensavam igual a eles. Vieram querendo chamar todos para participarem do Projeto da CPS. O argumento era que “eles merecem uma chance”. Essa atividade foi muito importante, pois havia uma identificação muito grande dos jovens da CPS com os outros jovens do ProJovem. Além disso, naquele momento, serviu de estímulo para os jovens não pensarem em desistir. (Diário de Campo)

O terceiro foi quando eu os convidei para irem apresentar o Projeto em uma aula com do Professor Jorge Ribeiro, no Seminário: Educação e Trabalho: relação histórica e social, em 2007/2. Era um trabalho de grupo e decidimos fazê-lo em duas etapas: uma parte teórica e outra apresentando uma experiência prática que articulasse a educação e o trabalho. Os jovens aceitaram, e a pergunta deles para mim foi: “nós não vamos fazer a senhora passar vergonha lá?” Eu disse: “tenho certeza que não”. Foi emocionante vê-los tão seguros de si, falando como se estivessem apresentando para as turmas do ProJovem. (Diário de Campo)

A última passagem foi quando um grupo de mulheres artesãs, que fazem parte de um grupo de trabalho associativo da região da zona norte, procuraram a Escola Mesquita para ver a possibilidade da Mesquita oferecer um curso básico de Serigrafia. Conversei com as artesãs e disse que eu teria que consultar os meninos da CPS, pois a Serigrafia era deles. Chamei os meninos e conversamos, perguntei

²⁶ O ProJovem é um Programa do Governo Federal que une a elevação de escolaridade com a qualificação profissional. É destinado para jovens de 16 a 29 anos.

se eles aceitavam dar o curso, disse que eles poderiam ser os instrutores, pois sabiam toda a técnica. E eles me perguntaram “e como vamos ensinar?” Eu disse: “aprendendo também”. Eles pediram para pensar e dar o retorno depois. Alguns dias se passaram e eles não tocavam no assunto, como o dia programado com o grupo de artesãs estava se aproximando, chamei-os para uma roda pedagógica²⁷, eles me pareciam assustados, mas o Adilson e o Thüran estavam animados. Então, fiz a pergunta novamente: “vocês estão realmente com vontade de fazer as oficinas?” E Adilson respondeu: “eu tenho certeza que vamos conseguir.” Thüran disse: “vai ser um desafio, mas eu quero experimentar”. José demonstrou insegurança e perguntou: “é tudo mulher? Elas não sabem nada de serigrafia?” Aline falou: “vai dar certo”.

Neste período, Alex estava terminando uma obra que havia começado em casa e não poderíamos contar com ele. Também não seria possível contar com Ricardo²⁸, outro jovem que, neste período, já estava se afastando do Projeto. Se fôssemos fazer o curso, teríamos que contar com os quatro: Adilson, Aline, José e Thüran. Um fator que contribuiu para a decisão foi o fato de que eles receberiam uma quantia considerável, pois estavam sem nenhuma encomenda. Aceitaram dar o curso, então fomos fazer um planejamento para uma semana de atividade. Planejamos os cinco dias de atividades que eles iriam propor para o grupo de artesãs. Eles coordenaram todas as atividades, e para minha surpresa o José assumiu o primeiro dia de atividade, foi o primeiro a chegar, organizar a sala e receber as mulheres. (Diário de Campo)

Essas quatro situações traduzem o grau de entendimento, de compreensão, de compromisso e de pertencimento desses jovens para com o Projeto. Não se fala daquilo que não faz parte de nós, do que não conhecemos. A coragem deles em

²⁷ Roda pedagógica, como dito anteriormente, era a atividade adotada por nós, juntamente com os jovens, para discutirmos assuntos referentes ao Projeto.

²⁸ Ricardo era um dos seis jovens que participou desde o início do Projeto da CPS. Ele não participou da pesquisa, pois acabou optando por sair do grupo e ir trabalhar porque a sua companheira estava grávida da segunda filha, e, segundo ele, era preciso um emprego que garantisse uma renda no final do mês.

aceitarem realizar as quatro atividades, aqui citadas, demonstra o quanto eles são parte deste Projeto e o grau de participação que eles têm no mesmo.

“[...] eu vou falar para você um pouco do meu negocio *meu e dos meus amigo*”. (ALEX carta 1)

Essa mesma frase usada já em outro capítulo deste trabalho é empregada aqui para contribuir na reflexão sobre as amizades proporcionadas pelo Projeto da CPS. Na citação feita acima, a palavra *amigo* é utilizada de forma que não permite duvidar o quanto foram importantes as amizades construídas neste período. Porém Aline não os chama de amigos, diz “colegas, guris e os meninos”. Da mesma forma, os meninos em nenhum momento se referiram a ela como amiga. Ela foi a última pessoa a entrar no grupo, portanto não havia um tempo grande de convivência. Já o tempo de convivência entre os meninos foi bem maior, o que pode ter contribuído para fortalecer a amizade entres.

“Quando cheguei no primeiro dia de trabalho não imaginava que seria pouca gente e que seria só com homens, fiquei com vergonha, incabulada, pois se pelo menos tivesse uma menina junto comigo seria mais fácil de me adaptar.” (ALINE carta 1)

Essa fala da Aline associada ao fato dela chamar os meninos de “guris, colegas e meninos” chama muito atenção, parece que ela acaba apartando-se do grupo e ao mesmo tempo anuncia a dificuldade de ser menina entre meninos. A partir disso, podem-se estabelecer duas hipóteses, não necessariamente excludentes: a primeira seria a já citada entrada posterior no grupo; a outra é a de que existe uma diferença no vínculo estabelecido entre os gêneros, tema que este estudo não tem a pretensão de tratar, mas poderá servir para outros estudos com esse foco.

De qualquer forma, a convivência entre eles, é comprometida, solidária, respeitosa. Aline diz:

O convívio com os guris serviu para me mostrar que ninguém é igual ao outro, que cada pessoa age, pensa

diferente, mas que devemos pensar uns nos outros, tentar ajudar, mas cada um fazer sua parte e respeitar o pensamento de cada pessoa. (ALINE carta 2)

Nessa fala, ela traz a necessidade de respeitar as diferenças, a solidariedade no sentido de tentar ajudar o outro, mas, ao mesmo tempo, diz que o outro também tem que fazer a sua parte. Não é somente uma tentativa de ajuda, mas é um convite para que outro faça a sua parte, e quando se diz que o outro tem que fazer, considera-se que este tem importância no e para o grupo. Isso prova, ao mesmo tempo, que há um reconhecimento de que todos possuem algo com que contribuir.

A solidariedade entre eles e a importância do grupo era o que pautava as relações nas falas dos cinco jovens, essas dimensões aparecem, ou melhor, saltam aos olhos. Além das citações já apresentadas, ainda temos a do Adilson dizendo: **“gostaria que os que estão, estejam junto comigo nessa jornada, é de extrema importância.”** (carta 2) e a do José que de certa forma demonstra lamentar a mudança ocorrida de um tempo em que o grupo era unido²⁹: **“Nesse tempo o grupo era forte e unido algo que mudou depois.”** (carta 1).

Alex, em sua carta que conta a sua história de vida, definiu o que considera amigo, ele diz: **“Todo mundo que trabalha comigo na serigrafia que são grandes amigos meus que frequentão a minha casa (...)”**, portanto grandes amigos são aqueles que convivem contigo, para além do espaço do trabalho, participam também no ambiente familiar.

Havia uma preocupação sempre presente com o outro, com o que chega e principalmente com aquele amigo que sai como diz JOSÉ: **“tudo estava indo bem até a nossa primeira perda”** (carta 1). O afastamento do colega é verbalizado por José como a perda de alguém que, segundo ele, desenvolvia um papel fundamental no grupo, pois ele diz: **“perdemos o equilíbrio do grupo”** (carta 1).

²⁹ Refere-se ao tempo presente do Projeto em que, como já descrito no capítulo 7 deste trabalho, o grupo está disperso.

As amizades marcaram tanto no aspecto positivo quanto no negativo. Há as decepções citadas pelos jovens, como o **“ato de traição do Ricardo em mal saber do caso e já ir procurar outro para ocupar o lugar,”** de que o José fala na carta 1. Ambas marcaram a trajetória desses jovens, sendo um dos fatores recorrentes nas falas.

E tinha também os que não foram chamados de amigos, mas de caras, como diz o ADILSON:

Claro que a nossa equipe não estava formada, pois um rapaz que não tínhamos muita afinidade estava supostamente na equipe. Sei o apelido bandidagem, mais de bandido não tinha nada o cara até era gente fina.
(ADILSON, carta 1)

Estar juntos, permanecer unidos, respeitando uns aos outros, ser solidário, ser um bom amigo, ter compromisso com o outro, são princípios fundamentais para os jovens da CPS, como é possível perceber em suas escritas. Parece que todo o resto perde centralidade, pois o centro é o grupo e as outras coisas são frutos desta relação de cumplicidade que existe.

SINGER, na sua análise sobre a pesquisa do Projeto Juventude (2005), salienta que entre as várias perguntas que a pesquisa fez ao jovem uma era “quais os valores mais importantes para uma sociedade ideal? Do primeiro ao quinto lugar por ordem de prioridades, os resultados foram os seguintes: solidariedade (55%), respeito às diferenças (50%), igualdade de oportunidades (46%), temor a Deus (44%) e justiça social (41%)”. (SINGER 2005, p.32).

Considerando o resultado da pesquisa e olhando as falas dos jovens, é possível perceber que de fato a solidariedade, o respeito às diferenças e a igualdade de oportunidades não são apenas preocupações, por isso os jovens do CPS não só dão importância, como também vivenciam na prática esses valores, como mostram as falas até aqui socializadas.

SINGER impressionado pelo destaque dado à solidariedade, por parte dos jovens que participaram da Pesquisa Juventude, onde mais da metade deles

elegeram a solidariedade como um dos valores mais importantes para uma sociedade ideal, se pergunta o que será que “os jovens entendem por uma sociedade solidária”, e ele mesmo responde, dizendo que esta sociedade será:

Possivelmente uma sociedade que não discrimina os diferentes por raça, religião, orientação sexual etc, que oferece a todos os cidadãos igualdade de oportunidades, o que é mais do que igualdade de renda ou de nível de vida, pois trata das oportunidades que cada um deve ter de atingir, pelo próprio esforço, renda e nível de vida decentes. (SINGER, 2005, p. 33).

A fala de Singer me levou para as cartas das histórias de vida de Alex e de Aline, onde eles contam que moram no mesmo pátio em que a família, o Alex mora com mais treze pessoas da família dele no mesmo pátio, Aline mora com as tias e os avós, ou seja, a própria condição de vida deles contribui pra o exercício da solidariedade.

Na (con)vivência com os jovens do CPS, muitas coisas me chamavam atenção, bem como, nas cartas, em que se percebe um misto: de um lado, solidariedade; de outro, insegurança. Havia uma necessidade de ter o outro sempre junto, seja para executar as tarefas que um só poderia fazer tranquilamente, como, por exemplo, trabalhar a arte no computador, que é tarefa para uma pessoa - eles escolhiam a arte juntos e depois teriam que digitalizar, para fazer o acabamento final no programa de computador, e a partir daí, é atividade delicada, que exige concentração - mas ficavam os seis “empilhados” em frente ao computador, nem respiravam, mas ficavam ali como se fossem um só. E assim era para todas as atividades, eles chegavam à escola e não subiam para a Serigrafia enquanto não chegassem os seis. Um proporcionava segurança para o outro, uma completude e, como eles mesmos me diziam: “ele é meu apoio, professora! Não tira o meu apoio.” (Diário de Campo). Esse mosaico, essa mistura, ou relações, de certa forma contraditórias, foram permitindo que a solidariedade pudesse se construir através do apoio mútuo.

Outro aspecto importante que apareceu nas cartas foi a possibilidade de mudança, de transformação dos jovens a partir do convívio no Projeto CPS. Eles se referem a isso dizendo:

“(...) desde então eu mudei para melhor acabei conhece muita gente legal muitos lugares diferentes muita coisa eu aprendi nesse tempo que agente não se fala.” (ALEX, Carta 1)

“Olha o CPS serviu na minha vida para mim ver que temos que ter responsabilidade, admitir os nossos próprios erros, não querer julgar os outros se você também age errado.” (ALINE, Carta 2)

“(...) quem disse pra ti que a vida não sofre transformação, só digo uma coisa a vida é grande metamorfose.” (ADILSON, Carta 1)

Alex e Aline dizem que mudaram e que essas mudanças foram significativas. Alex disse que mudou para melhor e que aprendeu muito. Aline não fala que mudou, mas que o CPS serviu para mostrar coisas que ela ainda não tinha se apropriado, como o autoconhecimento e análise das atitudes dos outros. O Adilson diz que a vida dele se transformou e, na carta que conta a sua história de vida, ele detalha um pouco mais essa transformação, dizendo o que foi essa experiência para ele.

Aline faz um comentário sobre o Projeto dizendo que: **“Pra trabalhar com serigrafia eu não quero mais, não é uma coisa que eu goste de fazer, digamos que eu não tenho o “dom” pra isso.”** (ALINE, Carta1), ela chegou a essa conclusão porque pôde experimentar essa tarefa, e o Projeto permitiu. Portanto o CPS foi um espaço que convidou os jovens para experimentarem, vivenciarem e poderem fazer as suas escolhas. Além disso, proporcionou aos jovens lidar com amizades antigas, experimentar a dor e a delícia da convivência em grupo, de (re)conhecer-se, de se experimentar enquanto profissional, de se envolver no complexo mundo do trabalho, e também no mundo das reflexões como na frase do José na carta 1: **“Alguns seres humanos são de certa forma interessantes...”**, mais do que interessantes, são surpreendentes, são humanos.

O que mais me marcou neste Projeto foi a coragem dos jovens em assumi-lo enquanto algo que era deles, pertencia a eles. Nas falas analisadas até aqui, o que ficou muito forte para mim foi essa dimensão de envolvimento dos mesmos com o

Projeto. A sensação que fica é que parece que eles dormiam e acordavam quase como num deslumbramento. Na fala da Aline, isso não é tão forte, a relação que ela estabelece com o Projeto é mais de “tirar proveito”, como uma oportunidade para a vida dela, em que ela tem que se dedicar, agarrar com as duas mãos e colher os frutos. Nos meninos, isso não é o mais importante, o fundamental é o Projeto dar certo, é o compromisso de que essa ideia tem que funcionar, e o “eu” aparecia sempre acompanhado do outro, dos amigos, tanto que parece que, sem o Projeto, fica um “que fazer?”

Ter objetivos, fazer planos para o futuro como diz Adilson: “(...) **tenho grandes obstáculos e tenho muitos objetivos como ter uma vida estável e tranquila porém movimentada.**” (ADILSON, Carta 2), mesmo tendo grandes obstáculos, em contrapartida a isso tem muitos objetivos como a vida estável, tranquila, sem preocupações, mas alegre, movimentada, sem problemas, e o fundamental planejar, ter a perspectiva de futuro, ser persistente como ele mostra na sequência: “**Eu não penso em desistir para não ter arrependimento depois. Nem que eu seja o último dos moicanos.**” (ADILSON, Carta 1). Adilson reforça isso em outra conversa informal, quando diz: “não vou sair do Projeto porque tenho medo que outro jovem assuma e faça o negócio dar certo, aí eu não vou me perdoar” (Diário de Campo). A ideia de que se desistir poderá parecer a repetição de mais um fracasso, e Adilson em especial mostra na sua história de vida que a sua trajetória é marcada por algumas perdas importantes como a irmã, a namorada, algumas experiências fracassadas no mercado de trabalho, a vida familiar complicada, desistir nesse momento, pode trazer arrependimento mais tarde. Nesse caso, concluo que para ele sair e outro entrar e fazer funcionar aquilo que, na avaliação dele, não está funcionando, seria de fato um desastre, configura para ele um fracasso mesmo. Por outro lado, esse medo de falhar mais uma vez é o que o leva a persistir no Projeto, acreditando que pode dar certo, nem que ele seja o último, vai continuar acreditando, por ele o Projeto não acaba. Para encerrar este capítulo, trago uma fala do Adilson que diz:

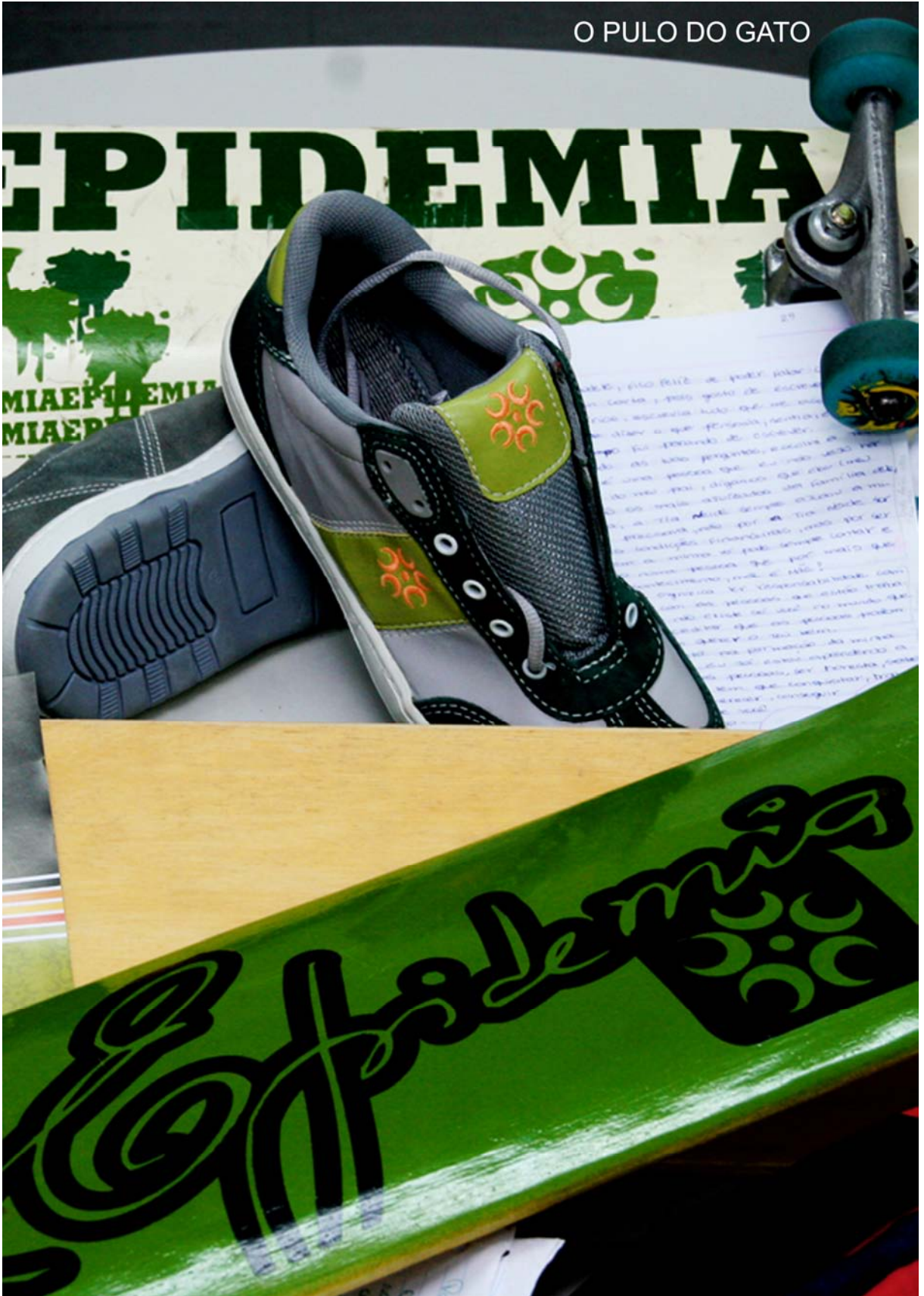
Tive uma experiência inesquecível a oportunidade de montar o próprio negócio como Skate e Serigrafia. Enfelizmente não conclui essa etapa da minha vida. Como pessoa teve muita influencia e mudança na minha vida. A

frustração de não concluir um sonho da minha vida é grande, mais grande é o conhecimento que muitos não teve não digo que meus companheiros e eu erraram mais não se damo conta da importância iria fazer em nossas vida tanto como profissionais e como pessoas. Mais foi a melhor das experiências poderíamos ter um momento único de nossas vidas. (Adilson, Carta da história de vida)

Adilson fala que a frustração de não poder concluir um sonho foi grande, mas que o conhecimento que o Projeto lhe proporcionou foi maior ainda. Para contribuir com o entendimento do que ele quer expressar quando diz que “não concluiu” e não realizou o sonho da sua vida, ele está se referindo ao fato de o Projeto CPS não ter tido a continuidade da segunda parte, que seria a renovação do convênio com o Ministério do Trabalho. Esse é o limite dos projetos que funcionam a partir de recurso público. O fim do recurso na maioria das vezes significa também o fim do projeto.

Essa fala de Adilson traduz o significado do Projeto para ele, mesmo com todas as dificuldades, frustrações por não ter concluído o que para ele seria um sonho, ele salienta que valeu a pena. Quando diz: “não digo que meus companheiros e eu erraram, mas não se damo conta da importância...”, isso foi uma das grandes virtudes do Projeto: possibilitar o encontro desses jovens. A impressão é de que teria que ser com tais jovens mesmo as idas e vindas, as entradas e saídas que, ao mesmo tempo que “chocavam”, também fortaleciam o grupo. Assim, foram amadurecendo e aprendendo nesse movimento. Havia uma aceitação do outro, mesmo com todas as dificuldades individuais dos jovens, era no grupo, no coletivo que eles se fortaleciam.

O PULO DO GATO



6.1 O PULO DO GATO: INSTRUMENTALIZAR-SE PARA O MERCADO DE TRABALHO

“Um homem se humilha se castram seu sonho. Seu sonho é sua vida e vida é trabalho...E sem o seu trabalho o homem não tem honra. E sem a sua honra se morre, se mata...” (Um homem também chora (Guerreiro menino) Gonzaguinha)

“Fui chamado para fazer parte da Cadeia Produtiva do Skate mais uma oportunidade para mim era o pulo-do-gato ao mercado de trabalho”. (Thüran, Carta 1)

Neste capítulo, o objetivo é analisar a relação que os jovens do Projeto CPS estabeleceram com o trabalho, o que este significa em suas vidas. Quais as relações com o mundo do trabalho que a experiência no Projeto permitiu a eles estabelecerem?

Início este capítulo com as palavras do Thüran que, além de dar o título a este capítulo, também traduz a esperança depositada no Projeto e, com os fragmentos de uma música do Gonzaguinha, que revela a importância do trabalho na vida das pessoas. Ele tanto é o centro da vida, o que move, como a falta de trabalho pode significar a morte dos sonhos, a perda da sua honra. O que aumenta sua importância para o ser humano.

O conceito de trabalho, do qual partimos para a análise dos dados, está explicitado no item que trata do mesmo como princípio educativo, e são as reflexões feitas lá que me permitiram fazer a “costura” com as falas dos jovens.

O ponto de partida para as análises a seguir é considerar que, no Projeto da Cadeia Produtiva do *Skate*, os jovens vivenciam o mundo do trabalho de forma concreta. Mesmo sendo uma experiência singular, os jovens estavam em um ambiente de trabalho. Mais do que uma aproximação com tal ambiente, o CPS é a inserção dos jovens neste universo. Nesse sentido, quando os jovens falam do Projeto, estão referindo-se à experiência que tiveram neste espaço. Um embrião do

mundo do trabalho; para alguns, a primeira aproximação com este desafiador universo dos afazeres.

Pode-se afirmar que o CPS foi também a oportunidade de ter uma profissão. FRANZOI contribui com essa reflexão dizendo:

A profissionalização de um indivíduo, ou o processo pelo qual alguém se torna profissional, não se dá apenas na esfera da formação: só pode se completar na esfera da inserção no mercado de trabalho. Isso se explica por dois motivos: em primeiro lugar, pelo fato de que o próprio conhecimento, para se constituir como tal, precisa da teoria e também da prática, pela qual o sujeito reconstrói esse conhecimento a partir de situações concretas. Assim, o conhecimento só se completa no exercício da atividade que lhe corresponde. Em segundo lugar, ser profissional significa desempenhar a atividade para a qual se recebeu a formação. (FRANZOI, 2006, p. 128)

A CPS ofereceu a possibilidade de aprender tanto a parte teórica e colocar em prática essa teoria, quanto de vivenciar as relações de trabalho. Isso levou Adilson a se definir como profissional dizendo: **“(...) meus companheiros e eu erraram mais não se damos conta da importância que iria fazer em nossas vidas tanto profissionais e como pessoas”**. (Adilson, Carta da história de vida), e Alex a falar: **“Uma das coisas que eu aprendi na Cadeia Produtiva foi como se portar perante ao mercado de trabalho o informo além de uma profissão.”** (Alex, Carta 2).

Partindo desse entendimento, é possível concordar com os jovens e concluir que eles se profissionalizaram na área da serigrafia. Também é possível afirmar que aprenderam e praticaram outros conhecimentos, como diz Thüran: **“Na cadeia produtiva eu aprendi a ter autonomia como iniciar um negócio. Na minha opinião eu preciso de oportunidade, pois vontade eu tenho.”**(THÜRAN, Carta 1). São aprendizagens complexas e no caso da autonomia é difícil afirmar que se ensina alguém a ser autônomo, mas é possível afirmar que a prática educativa é uma excelente ferramenta para promover autonomia dos sujeitos. Não falo de qualquer prática educativa, falo de uma prática que prioritariamente reconhece no

educando a sua inconclusão e mais do que isso a consciência de que somos seres inacabados (FREIRE, 1996)³⁰.

O título deste capítulo é composto por um fragmento da escrita de Thüran que diz: **“Fui chamado para fazer parte da Cadeia Produtiva do Skate mais uma oportunidade para mim era o pulo-do-gato ao mercado de trabalho”**. (Thüran, Carta 1), a palavra *oportunidade*, ou mais uma oportunidade que poderia ser um marco que possibilitaria o “salto” derradeiro para que ele pudesse se inserir, ou atingir o mercado de trabalho. Assim como o pulo do gato sempre certo e objetivo, que não deixa escapar, é o caçador e sua caça, o Projeto da CPS lhe permitiria atingir o seu objetivo: uma colocação no mercado. Essa, portanto, não era a preocupação central do Projeto, que tinha como horizonte o mundo do trabalho e a proposta de uma atividade associativa, e não a preparação para um emprego³¹, mecanismo usado no mercado de trabalho.

Assinar a carteira dos jovens não foi uma proposta do Projeto da CPS, ou seja, não está nos objetivos, mas foi uma estratégia, para facilitar a permanência dos jovens no Projeto. Era necessária a dedicação quase que em tempo integral, nesse sentido era preciso garantir um recurso financeiro para que os jovens pudessem se empenhar no Projeto. Uma das formas encontradas foi buscar uma parceria com outra Política Pública que dialogasse com a proposta do CPS. A saída, naquele momento, foi incluí-los no Programa Jovem Aprendiz³², o que propiciou aos jovens, por um período de dois anos, a assinatura da carteira pela Corsan – Companhia Riograndense de Saneamento, meio salário mínimo regional e os vales-transporte.

A visão do Projeto como uma possibilidade de emprego também é traduzida na fala da Aline que diz: **“Assinei a carteira, o contrato e comecei a trabalhar ali mesmo na Escola Mesquita.”** (ALINE, Carta 1), assinar a carteira e o contrato levou Aline a entender que estava empregada, e para ela, que entrou mais tarde no

³⁰ Para saber mais, ler FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra, 3ª Ed. São Paulo, 1996.

³¹ Emprego aqui é entendido como aquele que proporciona não só a carteira de trabalho assinada, mas como aquele que tem uma hierarquia de classe, a classe que manda e a classe que obedece, ou os que pensam e os que executam.

³² Leis N^{os} 10.097/00 e 11.180/05 e o Decreto n^o 5.598/05.

Projeto não passando pelo processo de formação que os demais jovens passaram, foi mais difícil compreender a lógica do trabalho associativo.

“A Corsan nos contratou como aprendizes, talvez uma das piores coisas que aconteceu naquele momento.” (JOSÉ, Carta 1)

Dessa afirmação de José é possível analisar que a assinatura da carteira de trabalho, nesse caso específico do Projeto da CPS, pode ser vista como um fator negativo ou positivo, ou seja, para o bem ou para o mal. Aline falou “assinei a carteira e o contrato e comecei a trabalhar”, essa frase nos remete a sensação de felicidade, de realização por estar fazendo isso, já José diz que, naquele momento, isso atrapalhou mais do que ajudou. Na sequência dessa fala, ele diz que atrapalhou porque deveriam ter esperado um pouco mais, para ver quem dos jovens estaria realmente interessado.

Thüran, na sua carta 1, diz que decidiu participar do Projeto da CPS porque percebeu que **“Algumas pessoas não se adaptaram ao mercado de trabalho e eu comecei a desanimar devido elas”**. (THÜRAN, Carta 1), o medo de não se adaptar às exigências do mercado de trabalho ou como diz Aline: **“Era meu primeiro emprego e eu não tinha e ainda não tenho muita noção de “coordenar um emprego”, sei que de uma certa forma eu também tive culpa”**. (ALINE, Carta 1), a dificuldade de conquistar um emprego aliada a difícil tarefa de, como diz Aline, “coordenar um emprego” assusta o universo dos adultos e principalmente dos jovens. Frigotto contribui com o que estou querendo dizer nesse bloco de análise dizendo:

[...] complexo é o tema do trabalho e do emprego, em torno do qual há simplificações e mistificações de toda ordem. A mais elementar é reduzir o trabalho, de atividade humana vital – forma de o ser humano criar e recriar seus meios de vida – a emprego, forma específica que assume predominantemente o trabalho sob o capitalismo: compra e venda de força de trabalho. (FRIGOTTO, 2004, p. 181)

Na continuação das falas, algumas coisas vão ganhando outro sentido, o que de certa forma contribui para também ir desmistificando o imaginário dos jovens em

relação ao Projeto e ao mundo do trabalho. Isso pode também ter sido resultado dos encontros de formação, que no decorrer foram dando resultado.

“O único problema é que não tinha nada para fazer na maioria das vezes (quase sempre), pois ninguém corria atrás dos trabalhos, divulgava e etc.”
(ALINE, Carta 1)

Nessa fala de Aline aparece o desencanto, ou a decepção com os colegas que em sua percepção, estavam acomodados e também pelo fato de não ter nada para fazer. Ela foi para o projeto em busca de um trabalho, me parece que ela é a única, entre os cinco jovens, que chega ao projeto focada nas tarefas, na produção mesmo, diferente dos meninos que falam das amizades, das perdas, dos desafios, das aprendizagens, mas não falam do trabalho como tarefa para executar. Na continuação de sua fala, ela acrescenta: **“(…) isso de não ter nada para fazer, de só ouvir reclamações (dos colegas), me desanimou sinceramente eu não tinha vontade de ir trabalhar, mesmo agente não indo todo dia.”** (ALINE, Carta 1), o fato de não ter nada para fazer foi um dos fatores alegados por ela como desmotivador, agregado a isso havia as reclamações dos colegas. O fato de não ir todos os dias poderia ser um fator animador, mas para Aline não era isso que poderia animá-la, o senso comum que diz que o problema não é o trabalho que o problema são os jovens que não querem nada com nada, não querem trabalhar, perde significado se visto a partir da fala de Aline.

Na sequência, Aline se manifesta de maneira candente, dizendo que se **“você quer alguma coisa tem que conquistar, correr atrás do seu sonho, não ficar esperando para ver o que vai acontecer”**. (ALINE, Carta 1), o que corrobora a fala anterior dela em relação ao desânimo dos meninos em ficarem só reclamando, como se estivessem conformados com a situação esperando para ver o que poderia acontecer. Por outro lado, Aline não enxerga suas conquistas no campo dos direitos.

Em outras falas de Aline, ela deixa mais claro a concepção do trabalho não como direito, quando diz:

O serviço era praticamente dado, pois tinha lugar para trabalhar.” (ALINE, Carta 1). **“Saber que nada cai do céu,**

que você tem que conquistar, trabalhar e estudar muito para merecer, conseguir o que você quer. (ALINE, Carta 2)

Frigotto traz uma reflexão dizendo: “[...] neste sentido, passa-se a falsa idéia de que se alguém acumula bens e é rico, o é por mérito individual, pelo seu trabalho e esforço; ou se é pobre, é por falta de dedicação e de esforço.” (FRIGOTTO 2005, p. 19).

Compreender o trabalho como direito supõe intuir que a estrutura social em que vivemos é a geradora das desigualdades, e a partir disso os direitos, entre eles o direito ao trabalho, passa para o plano do favor. (FRIGOTTO, 2004). Esta é a ideia que passa a fala de Aline: *merecer, conquistar*. Se essa fala dela me causa quase indignação, por outro lado contém um projeto de futuro, ela sabe o que quer. Quando diz: “nada cai do céu, trabalhar e estudar muito”, isto me faz refutar a ideia de que o universo juvenil é caracterizado pelo imediatismo. A convivência com esses e com outros jovens também me levam a crer que os mesmos estão com os pés no presente, mas com os olhos no futuro. O que diminui a perspectiva de futuro dos jovens é a obrigatoriedade de terem que “matar um leão” por dia para sobreviverem, principalmente os jovens oriundos das classes populares.

O fragmento “Pois tinha lugar para trabalhar” também está ligado à dificuldade para conseguir um espaço para trabalhar, principalmente para os jovens, esta é uma das suas maiores preocupações hoje, como apontam dados citados anteriormente.

“Trabalho para mim é a maneira de atingir os meus objetivos de vida como, carro, casa, diversão e outras coisas.” (ALEX, Carta 2)

Na fala de Alex, o trabalho aparece na perspectiva da ascensão social, como facilitador, ou como meio para a realização dos sonhos de consumo, como carro e outras coisas. O trabalho garantindo felicidade, mais do que o esperado em uma sociedade de consumo, embora isso seja um elemento fundamental do trabalho e uma luta dos trabalhadores - que pouco acesso tem aos bens e serviços que eles próprios produzem, principalmente nesse caso específico - se levamos em conta o desemprego juvenil.

Ao lado da fala de Alex, encontramos a fala de Aline, dizendo que **“Trabalho para mim significa ter responsabilidade com o que você está fazendo, com as pessoas que estão trabalhando contigo, saber que não existe só você no mundo.** (ALINE, Carta 2)

Aos poucos os significados que o trabalho assumiu na vida dos jovens do CPS vão se completando, e diferenciando, traduzindo a complexidade que o mesmo foi adquirindo ao longo da história.

Essa fala da Aline, de certa forma, se contrapõe às suas outras, esse discurso anuncia a responsabilidade que tem que existir com o que se está fazendo, mas também diz que temos que ter responsabilidade com as pessoas que trabalham com ela. A solidariedade demonstrada a partir da preocupação com o outro e a tomada de consciência em saber que ela não é a única no mundo é outro fator que chama atenção, pelo fato de que, nas falas anteriores, a visão dela era mais individualista, como se dependesse só dela, sem reconhecer a importância do outro também. Nesta próxima fala, ela se aproxima mais ainda dessa análise: **“O trabalho contribuiu muito na formação da minha vida, pois desde adolescente eu já estou aprendendo a ter mais compromisso com as pessoas, ser honesta”** (ALINE, Carta 2), ou seja, a falta de compromisso com o próximo é uma forma de desonestidade. Neste sentido o trabalho aparece como elemento formador da vida, que ensina.

6.1.1 Andar com as próprias pernas

Em relação as aprendizagens através do trabalho, os relatos dos jovens contribuem significativamente, trazem uma “lista” de experiências, como a da Aline:

O trabalho está sendo muito bom, pois estou aprendendo a fazer coisas que eu não sabia fazer direito, como pagar contas, depósitos, organizar arquivos, até conhecer melhor o centro sozinha, pois minha mãe nunca me deixou sair para alguns lugares sozinha, principalmente no centro, ela morria de medo, mas agora minha mãe sabe que é o meu trabalho e que eu tenho que andar com as minhas próprias pernas. São com pequenas e simples coisas assim, que

agente vai crescendo na vida e isso irá me trazendo amadurecimento, conhecimento sobre as coisas e os lugares. (ALINE, Carta 2) [grifo meu].

Essa fala remete a um significado muito importante que o trabalho tem na vida dos jovens: um passaporte para o mundo adulto. Outras frases se juntam a essas: “agora minha mãe sabe que é o meu trabalho”. Estar trabalhando é uma chancela que permite aos jovens o direito a fazer coisas características dos adultos. E é isso que vai caracterizando e marcando a passagem para a vida adulta. Esse sentimento de estar fazendo coisas que só adultos fazem que permite à Aline afirmar que já pode andar com as próprias pernas.

Ao referir-se ao CPS, Alex alerta sua destinatária da primeira carta em relação a isso dizendo: “(...) **não fique assustada porque eu continuo muito alegre e brincalhão.**” (ALEX, Carta 1). Como o CPS é um espaço híbrido entre a formação e o mundo do trabalho permite aos jovens continuarem com a alegria característica das juventudes. Essa fala ilustra bem o significado que os jovens têm do mundo do trabalho e os conflitos vivenciados por eles nesse ingresso no mundo adulto. Na continuação da sua fala ele diz para a sua amiga onde considera que mudou: “**Aonde eu to falando e eu mudei foi na parte de se tornar um homem mais serio mais responsável um homem que tenta sempre mais aos seus objetivos na vida.**” (ALEX, Carta 1).

Na segunda carta, ele continua falando das aprendizagens que teve através do trabalho

Uma das coisas que eu aprendi na cps como se portar perante au mercado de trabalho, a escutar a opinião dos colegas de serviso alem de conhecer um outro tipo de mercado de trabalho o informau alem de uma nova profissão. (ALEX, Carta 2)

Assim, a ideia do trabalho é de um lugar em que é preciso conviver e respeitar os outros, como foi visto no capítulo anterior, em que esta foi uma das aprendizagens proporcionada pelo CPS.

A pesquisa realizada pelo Instituto Cidadania, já citada neste trabalho, a qual diz que o trabalho é a maior preocupação dos jovens, passa a ser compreendida a partir da análise feita neste capítulo, onde os jovens falam da importância que o trabalho assume na vida desses jovens.

Encerrando o capítulo gostaria de registrar uma frase de um autor que tem os trabalhadores como fonte de estudo, partindo do pressuposto de que o trabalho é o elemento central para a garantia da cidadania, ele diz: *“Se não tem trabalho nem educação, a tal cidadania é pura embromação.”* (LARA, 2003, p.03).



A RELAÇÃO COM A ESCOLA: O SALTO PARA O FUTURO

6.2 A RELAÇÃO COM A ESCOLA: O SALTO PARA O FUTURO?

A imagem que abre este capítulo é uma metáfora da relação dos jovens com a escola: esta foto foi tirada durante a realização de uma das atividades do Projeto da CPS³³. O princípio básico da prática do *SKATE* é inventar as manobras que possibilitem vencer os obstáculos, nesse sentido, fiz uma relação com a fala dos jovens sobre a escola, que aparece para os mesmos como um obstáculo que precisa ser vencido. A escola ainda é para eles um desafio, principalmente a permanência nela, mas ao mesmo tempo eles falam da escola como sendo o salto para o futuro, por isso também usei essa imagem que aparece o jovem com os braços para o alto, saltando e ao mesmo tempo dominando o *Skate*, vencendo o obstáculo. As cartas nesta imagem também se fazem presentes assim como nas demais imagens usadas neste trabalho, pois foi uma maneira de garantir a presença dos jovens, que já se faziam presentes através de todos os produtos produzidos por eles, mas as cartas garantiram a presença deles e também a relação deles com este momento da pesquisa.

Em relação à escola, os jovens foram muito econômicos nas escritas, este fato por si só é passível de análise: quais os motivos que levaram os jovens a praticamente esquecerem a relação com a escola durante a escrita das cartas? O objetivo deste capítulo é discutir o significado da escola para os jovens do Projeto da CPS. Uma informação que considero importante é que no momento em que os jovens escreveram as cartas, somente o Adilson e a Aline estavam freqüentando a escola, o Alex, o Thüran e o José estavam afastados, e, segundo eles, “não tinham abandonado, apenas se afastaram.” (Diário de Campo).

Curiosamente na medida em que a “inserção no mercado de trabalho” é viabilizada, há um distanciamento dos jovens em relação à escola, é como se a

³³ Esta atividade foi realizada no Parque Marinha, no dia das crianças, em Parceria com a Secretaria de Esportes de Porto Alegre. O nome dado a ela é Clínica de *Skate*, termo usado nesse esporte, a lógica é divulgar e promover a prática do *Skate*. Foram montados todos os obstáculos e a pista, também foi levado todo o equipamento de segurança e os jovens do Projeto da Cadeia Produtiva do *Skate* ensinaram as crianças e os adultos a praticarem o esporte.

escola na percepção dos jovens fosse apenas o passaporte para a inserção no mundo do trabalho, e quando aparece esta oportunidade de inserção é como se a escola perdesse o sentido. Durante as rodas pedagógicas que realizávamos no Projeto da CPS, a principal “cobrança” era em relação ao retorno dos jovens para a escola. Eles combinavam que iriam retornar, alguns até tentaram, mas não conseguiram permanecer.

Nas poucas falas dos jovens em relação à escola, o distanciamento relacionado à precariedade do ensino não aparece, ao contrário há quase um endeusamento da escola, para quem está afastado como o Alex, a escola aparece como algo quase inatingível, ele diz: **“Me arrependo é ainda não tenho terminado o colégio mais pretendo terminar porque é importante para o meu futuro”**. (ALEX, Carta 1), a fala dele demonstra o reconhecimento da importância da escola para o seu futuro. Embora evidencie arrependimento em ainda não ter terminado a escola, não aponta a possibilidade de retorno. Reconhece que é importante para o futuro, mas manifesta também certa indiferença, na medida em que não assume que poderá voltar.

Nas conversas da roda pedagógica, os jovens diziam que: a “escola não dá mais para mim”, “nada a ver mais a escola”, “lá só tem criança, eles não querem nada com nada”, “vou fazer o que lá?”, mas sempre me chamou muita atenção o fato de que, José (que em 2008 se afastou da escola), Adilson e Aline, que durante todo o período do Projeto nunca se afastaram da escola, insistiam constantemente em levar o CPS para a escola deles, eles queriam apresentar a atividade da clínica do *Skate* para fazerem com os colegas. Tentamos várias vezes, mas as escolas não permitiram, o máximo que conseguimos foi descrever os conteúdos de economia solidária para o professor de Sociologia do Adilson. O próprio Adilson durante uma aula comentou com o professor sobre a discussão de economia solidária que eles faziam no Projeto, então o professor pediu que ele levasse os conteúdos para ele trabalhar. Depois esse mesmo professor foi conhecer o Projeto.

Uma coisa me chamou muita atenção nas cartas. Na primeira, onde o objetivo era que eles contassem o que havia acontecido nos últimos três anos, dos cinco

jovens que escreveram o único que falou da escola foi o Alex, que neste período estava afastado da escola.

José referiu-se à escola dizendo, que teve receio do Projeto da CPS atrapalhar os seus estudos: **“(...) eu tava indo bem nos estudo quase do tipo aluno perfeito sabe, notas altas e poucas faltas e eu achava que isso poderia atrapalhar um pouco no colégio.”** (JOSÉ, Carta 1).

Os que estavam estudando não falaram da escola. Será que os jovens passam a dar valor para a escola depois que se afastam dela? Será que o papel da escola só é percebido longe dela?

Antes do Projeto da Cadeia Produtiva do *Skate*, coordenei na Escola Técnica Mesquita mais dois Projetos: o Consórcio Social da Juventude e o Escola de Fábrica³⁴ ambos com características muito semelhantes entre si e em algumas coisas com o CPS também. Nesses projetos a bolsa auxílio estava condicionada à permanência deles na escola. O que chama atenção é que nesses projetos a dificuldade de mantê-los na escola era muito grande, e quando estava próximo ao fim dos projetos eles já começavam a evadir, ainda muitos diziam que só não saiam antes porque não queriam perder a bolsa.

O afastamento dos jovens da escola na medida em que a possibilidade de inserção no mundo do trabalho se torna real, é desafiador e me levou a pensar nos motivos pelos quais isso acontece.

Sobre os motivos que levaram os jovens do CPS a se afastarem da escola durante a execução do mesmo, cabem algumas considerações. No primeiro ano, houve um período intenso de formação no Projeto, essas formações ocorriam semanalmente nos núcleos e uma vez por mês durante todo um final de semana. Nas formações mensais levávamos os 30 jovens para uma casa de retiro e ficávamos lá durante três dias. Toda a equipe de coordenadores, com os jovens,

³⁴ O Projeto Escola de Fábrica era um projeto para jovens de 16 a 24 anos em vulnerabilidade social. A carga horária era de 600 horas, e o jovem recebia uma bolsa auxílio no valor de R\$150,00. Era obrigatório estar na escola e quem coordenava esse projeto era o Ministério da Educação.

chegavam na sexta-feira, no final da tarde, e retornavam no fim da tarde de domingo. Essas formações eram voltadas principalmente para a discussão sobre economia solidária, gestão, enfim, todas as questões que, necessariamente, precisavam ser vistas para execução do Projeto, pois os jovens participavam de toda a gestão do Projeto desde ajudar a montar uma licitação para compra de máquina, fazer orçamento, até a discussão sobre a qualidade das peças. Isso envolvia muito estudo, leitura de textos, atividades em laboratórios de informática, confecção de relatórios.

Nessas formações mensais, também havia um turno destinado à prática do *skate* pelos jovens. O Projeto patrocinava três atletas de *skate*, além disso, dois dos coordenadores também eram atletas. Era uma estratégia de divulgação da marca, pois todos os campeonatos que os atletas participavam usavam os produtos da Epidemia³⁵, e nas formações, eram esses que ensinavam os jovens a praticarem, esses atletas também tinham o compromisso de se reunirem na assembléia geral que ocorria todo mês para avaliarem os produtos juntamente com os jovens.

Somado a isso, tinham as reuniões, que eram muitas, mas fixa era a reunião nos núcleos, semanalmente, com os coordenadores; quinzenalmente, tinha a da coordenação com um jovem representante de cada núcleo; mensalmente, uma reunião do conselho dos jovens, que era só com os jovens. De cada uma dessas reuniões, havia sempre os relatórios.

As atividades foram intensas, além disso, existiam muitas viagens, encontros de jovens de todo o Brasil que estavam envolvidos com projetos do Ministério do Trabalho. Em Brasília, foram dois; em São Paulo, mais dois; um em Florianópolis e um em Salvador. Os eventos sociais também aconteciam através do Projeto, principalmente entre o núcleo da serigrafia e o núcleo do vestuário, visto que, no núcleo da Serigrafia, havia seis meninos e, no núcleo do Vestuário, havia seis meninas. Os demais núcleos eram mistos. Nos finais de semana, quando não estavam em formação, estavam sempre uma na casa do outro. Cabe ressaltar que,

³⁵ Epidemia *Skateboord* é a marca escolhida para os produtos fabricados pela Cadeia Produtiva do *skate*, como já referido na apresentação do objeto de pesquisa.

quando Aline entrou no Projeto, já não havia mais esse ritmo intenso de formação, pois a equipe de coordenadores já não estava mais, porque o primeiro ano do Projeto já estava encerrado, ela entrou no período em que estávamos aguardando a renovação.

Diante disso, percebe-se a dimensão que o Projeto ganhou na vida dos jovens, era muita novidade, muitas atividades, o envolvimento dos jovens no Projeto era imenso. Então me pergunto onde mesmo a escola entrava na vida dos jovens durante este período? Lembro das falas dos jovens que diziam durante as rodas pedagógicas: “escola não dá mais para mim”, “nada a ver mais a escola”, “lá só tem criança, eles não querem nada com nada”, “vou fazer o que lá?”

De fato, pensando na rotina dos jovens no Projeto, parece que a escola perde o sentido, o Projeto não só exigia dos jovens tempo e dedicação, mas ele tinha significado para os jovens. E a escola? Qual o papel dela na vida dos jovens, considerando esse momento pelo qual os jovens estavam passando? Embora não seja a escola o foco deste estudo, mas sim o significado dela para os jovens do Projeto da CPS, algumas pistas surgem, como, por exemplo, o distanciamento da escola com o que estava acontecendo na vida dos jovens, ou mesmo sabendo não dava a importância que os jovens esperavam, pois várias vezes principalmente o Adilson tentou, como ele mesmo dizia: “levar o Projeto para dentro da escola” e essa nunca permitiu.

Outra coisa importante é que a escola, principalmente para os jovens, é um espaço de socialização, de estabelecer relações com outros jovens e então fico imaginando que tudo isso eles estavam vivendo no Projeto da CPS, os amigos estavam ali, os mesmos assuntos, o mesmo divertimento, os mesmos passeios, as paixões, os aprendizados, as exigências em relação a conhecimentos novos estavam no Projeto. Podemos imaginar o que significa para um jovem que mora no bairro Partenon³⁶ ir de avião para Salvador, São Paulo, Brasília?

³⁶ Partenon é um bairro da região leste de Porto Alegre.

A escola não conseguiu acompanhar este universo que se abriu para os jovens do CPS. Eles estavam em uma outra sintonia, e a escola não tinha nem noção do que estava acontecendo com eles, e nem tinha interesse em saber. Segundo o DIEESE:

Um dos fatores mais importantes da análise da inserção do jovem no mercado de trabalho é a relação entre a escola e o trabalho. Barro e Mendonça (1991) afirmam que a compulsoriedade e a atratividade da escola tendem a se reduzir com a idade. Ao mesmo tempo em que a inserção no mercado de trabalho resulta na diminuição da dedicação aos estudos, determinada não apenas pela natureza do trabalho dos jovens, que na maioria das vezes conjugam longas jornadas com frequência à escola, precariedade do ensino oferecido aos mais pobres também representa barreira à continuidade dos estudos. (DIEESE 2007, p. 46)

A precariedade do estudo oferecido pela escola pública pode ser um dos fatores pelos quais o interesse dos jovens diminuiu, além disso todos os outros fatores citados acima, como uma carga horária extensiva, também influenciam, mas, para mim, o centro é como a escola está para esses jovens, o que representa essa escola para eles. Para o DIEESE:

[...] os jovens tendem a identificar o espaço escolar como desinteressante, uma vez que eles não se reconhecem numa instituição onde suas culturas não podem se realizar, nem tampouco podem se fazer presentes. A escola não é considerada pelos jovens um espaço de expressão ao mesmo tempo em que o ensino público não é reconhecido como um instrumento capaz de criar as condições necessárias para a inserção no mercado de trabalho, uma vez que as informações acerca da baixa qualidade da formação oferecida às camadas populares são interpretadas pela sociedade e traduzidas em inserções diferenciadas no mercado de trabalho. (DIEESE 2007, p. 46)

Portanto são esses os fatores pelos quais os jovens se distanciam dessa escola que não atende as aspirações desses jovens, principalmente a partir do momento em que eles passam a fazer parte de um outro espaço que pelas falas dos jovens parece muito mais interessante, na medida em que proporciona uma dinâmica de valorização, de respeito, de formação, de reconhecimento, de criatividade.

Na segunda carta, aqueles que responderam, falaram da escola a partir da provocação que fiz na resposta da primeira carta.

Aline, na segunda carta, escreve:

A escola para mim significa um pedaço do meu futuro, pois se eu não estudar, não me dedicar eu não vou conseguir uma profissão que eu goste e tenha um salário bom, que no futuro eu não passe necessidade, que possa ajudar meus pais. Digo um pedaço, porque não quero fazer só o 2º grau, quanto mais cursos, estágios eu poder fazer, melhor para o meu futuro, para minha vida e eu gosto de estudar. (ALINE, Carta 2)

Os jovens estão impregnados pelo senso comum de que há uma relação linear entre escola e inserção no mundo do trabalho, as condições para se conseguir um emprego “dependem fundamentalmente de mecanismos estruturais e não somente de processos educativos, sejam eles intencionais ou não, escolarizados ou não”. (MANFREDI, 2002, p. 49). Essa ideia de escolarização igual a emprego é a lógica da empregabilidade, que segundo Frigotto é:

A empregabilidade é um conceito mais rico do que a simples busca ou mesmo a certeza de emprego. Ela é o conjunto de competências que você comprovadamente possui ou pode desenvolver dentro ou fora da empresa. É a condição de se sentir vivo, capaz, produtivo. Ela diz respeito a você como indivíduo, e não mais à situação, bom ou ruim, da empresa ou do país. É o oposto do antigo sonho da relação vitalícia com a empresa. Hoje a única relação vitalícia deve ser com o conteúdo do que você sabe e pode fazer. (FRIGOTTO, 2004, P. 197)

A aproximação da escola com a profissionalização na fala de Aline é como se fosse um processo natural, estudar para se profissionalizar, para ter um bom salário que garanta o seu futuro e da sua família. Segundo Manfredi:

As relações entre trabalho, escolaridade e profissionalização resultam de uma complexa rede de determinações, mediações e tensões entre diferentes esferas da sociedade: econômica, social, política e cultural. (MANFREDI, 2002, p. 32)

É justamente esta rede complexa, que não permite aos jovens visualizarem as ligações entre essas estruturas, a mesma autora citada acima contribui com este pensamento, dizendo que:

[...] as correlações entre escolaridade, trabalho e profissão não espelham de modo nítido as ligações existentes entre as estruturas, os processos e os interesses dos sujeitos sociais envolvidos. Requerem um esforço de análise e reflexão que desvende relações insuspeitas, dimensões não previstas, tensões não explicitadas e nexos desconhecidos. (MANFREDI, 2002, p. 32)

Nesse sentido, a expectativa de Aline em relação à escola é de achar que será a escola que garantirá o seu futuro, além disso, voltam em sua fala as mesmas questões analisadas anteriormente. Não adianta a escola preparar pessoas mais empregáveis, pois não há lugar para todos (FRIGOTTO, 2004), portanto só a educação e a escolarização não garantem acesso, não é tão linear como parece ser para a Aline, como se houvesse degraus ou etapas a serem passadas para se chegar aonde desejamos. O que quero dizer é que não depende só dela, pois a questão central nesse jogo: escolarização, profissão, mercado de trabalho não é somente os sujeitos que deles dependem, mas sim um sistema que sumiu com o emprego para todos. Há que se considerar que o desemprego depende mais da estrutura do que do esforço individual.

A fala de Aline é o resultado da crença ideológica que tira a responsabilidade dos problemas sociais da estrutura social e joga para os indivíduos, levando os mesmos a crerem que a responsabilidade do insucesso é deles, e com isso cada um vai se “virando” como pode, carregando a culpa por não ter conseguido um emprego, por exemplo. (FRIGOTTO, 2004).

Em outra passagem, referindo-se ainda sobre a escola, e a importância dela na sua vida, ela escreve: “[...] quero ser alguém na vida, não só pelo dinheiro, mas pelo reconhecimento, para meus pais, minha família, meus amigos e até eu mesma sentir orgulho de mim.” (ALINE, Carta 2). O reconhecimento da escola como a possibilitadora de garantias em relação ao futuro, é marcante na fala de Aline, de Alex também, afinal será a escola capaz de garantir o futuro desses jovens?

Adilson referiu-se à escola como capaz de lhe proporcionar aprendizagens para além dos muros da escola, ele escreveu:

Eu era uma pessoa que era bagunseira na escola, mas porem tímido para falar na frente da turma, as minhas notas em alguns momentos não eram muito boas, hoje em

dia sou mais caumo espontâneo e comunicativo, tenho até mais atitude. (ADILSON, Carta 2)

Interessante que ele refere-se aos aprendizados que facilitam a vida dele no presente, e nesse sentido um aprendizado também para o futuro. Mas, não fala de um aprendizado que poderá garantir uma profissionalização, um salário alto, ou a garantia do futuro, como os outros jovens falaram. Nesse sentido o aprendizado, do qual Adilson se refere, é de saberes que possibilitam uma transformação pessoal.

7 CONCLUSÃO

“[...] dos medos nascem as coragens e das dúvidas, as certezas. Os sonhos anunciam outra realidade possível e o delírio outra razão, outra emoção. Somos enfim, o que fazemos para transformar o que somos – o mundo que não queremos...uma ética que tem como princípio a vida feliz que se tece em teias de relações dialógicas.”

(Eduardo Galeano, 2008, p. 123)

A citação de Eduardo Galeano traduz os sentimentos que me motivaram a fazer a pesquisa ao mesmo tempo em que me ajuda a entender o que sinto neste momento ao encerrar este trabalho.

O Projeto da Cadeia Produtiva do Skate por vários momentos me despertou o medo, talvez, mais do que medo, o pavor de não estar correspondendo às expectativas dos jovens e também pelo fato de ser um Projeto muito complexo e audacioso: Complexo porque envolvia muitas pessoas, outras entidades e por não se ter a governabilidade de todo o Projeto; audacioso porque a proposta de montar um empreendimento juntamente com trinta jovens supõe desafios, não por ser com jovens, mas por ser um empreendimento. Eu achava a proposta grandiosa, mas nada disso me imobilizou, ao contrário, isso e mais a motivação dos jovens me levaram a seguir em frente.

Desse medo nasceu a coragem para fazer a pesquisa e a opção por pesquisar com os jovens, o significado deste Projeto na vida deles, tomando como princípio a base estrutural da formação humana – o trabalho e a escola. Na sequência, vieram as dúvidas, o que foi fundamental para o desprendimento do apego que tenho pelo Projeto, distanciamento que foi necessário para enxergar aquilo que o deslumbramento não permitia ver. Agora, tenho algumas certezas, novas dúvidas e sonhos, mas certamente me transformei, tenho mais clareza daquilo que não quero e sinto-me feliz com a possibilidade de dialogar com os jovens do Projeto da CPS com algumas certezas no coração.

Diante das inúmeras questões que este Projeto suscitava, havia uma certeza: o foco da pesquisa seria os jovens e não Projeto. A partir disso, formulei a pergunta principal, a qual essa pesquisa procurou responder- *Qual o significado do trabalho e da escola na trajetória dos jovens durante os diferentes momentos do Projeto da Cadeia Produtiva do Skate?*- Da pergunta principal, formulei o objetivo geral da pesquisa que procurou *analisar e compreender o significado do trabalho e da escola na vida destes jovens a partir do momento que passam a fazer parte do Projeto da Cadeia Produtiva do Skate.*

Nessa pesquisa, busquei conhecer temas emergentes tais como juventudes, trabalho e escola. Não me mobilizei para conhecer todas as juventudes, mas para conhecer os cinco jovens que fazem parte do núcleo da Escola Mesquita e, a partir de uma leitura mais ampla sobre juventude, poder analisar esses que fazem parte deste estudo. Na discussão sobre trabalho, o objetivo era analisar o significado do trabalho para os jovens a partir da aproximação dos mesmos com o Projeto da CPS. Dessa mesma forma, busco o significado da escola para esses jovens. Para compreender e analisar os significados do trabalho e da escola, fez-se necessário um estudo da literatura que tratava de tais temas.

No início deste estudo, trouxe as minhas perguntas e inquietações, que foram sendo compreendidas a partir da literatura estudada e da minha vivência com as juventudes. A partir de agora, faço uma visita à parte teórica do trabalho, trazendo para as conclusões fatores importantes que contribuíram para este estudo, para a minha prática e para possíveis estudos futuros.

As juventudes anunciadas no plural já supõem que não se pode mais falar em juventude no singular. Para além das questões de classe social, as juventudes se configuram atualmente em um emaranhado de definições até mesmo dentro de uma mesma classe social, dentro de um mesmo grupo, de uma mesma raça. Isso impõe uma nova postura diante desta temática, principalmente em se tratando de propostas para esse segmento. O caminho mais sensato e com maior possibilidade de acertos é ouvir para escutá-los, olhar para enxergá-los, é pensar com os jovens e não pensar por eles, é fazer com eles e não para eles.

A fase transitória pela qual os jovens passam não se configura em uma passagem linear, não é possível naturalizá-la como se fosse uma ponte que leva de um lado para outro. Essa passagem supõe vivências, experimentos que devem estar imersos no movimento do real, e é aí que os jovens vão se experimentando adulto. Portanto essa fase passa por alterações, é um ir e vir, não quer dizer que os jovens passam essa fase e não voltam mais, existe uma transitoriedade onde as variações, principalmente pelas diferenças impostas pela sociedade que se manifestam nas classes sociais, deixam marcas que os jovens podem carregar pela vida toda.

No decorrer da história, algumas abordagens foram se consolidando em relação à visão da sociedade para com os jovens. Duas abordagens ainda estão muito presentes em relação ao jovem: uma concebe as juventudes como um “problema social” (delinqüentes, comportamento de risco, drogadição, entre outros), um vínculo quase direto entre juventude e desordem social; outra como “Fase transitória para a vida adulta” e essa transição é demarcada por etapas que garantem a incorporação pelos jovens dos elementos que caracterizam a entrada na vida adulta (trabalho, chefe de família, pai e mãe).

Nesse sentido, as falas dos jovens que expressam orgulho em fazer parte do Projeto da CPS, o pertencimento ao Projeto, a autoconfiança, a responsabilidade com o mesmo, demonstra a quebra desse paradigma, mostrando que na verdade falta oportunidade para os jovens. Portanto o Projeto da CPS é uma forma de ingresso na vida adulta. Ainda hoje, essas duas concepções: “etapa problemática” ou “fase preparatória” para a vida adulta, estão presentes na nossa sociedade.

Outra conclusão importante, a partir da revisão bibliográfica, é que os “problemas” do comportamento juvenil foram redefinidos, sendo considerados como desvio ou disfunções do processo de socialização. Essa visão permitiu à sociedade ver os jovens como agentes portadores do novo e da transformação. A chamada onda jovem significa um aumento relativo da população em idade ativa, e com isso cada vez mais perde força a conotação problemática do jovem e ganha relevo um enfoque completamente inovador: os jovens são atores estratégicos do desenvolvimento.

A partir dessa visão, ações massivas passam a ser feitas. Há um corte geracional nos vários campos da atuação pública: educação, saúde, qualificação profissional, uso do tempo livre e etc. O incentivo à participação política juvenil, com recurso à noção de protagonismo juvenil, conquista espaço. Surge o prolongamento das juventudes que passam a ser caracterizadas na idade que abrange os 16 até os 29 anos.

Como fruto desses movimentos, os jovens passam a ser vistos como sujeitos de direitos, definidos não mais por suas incompletudes ou desvios, mas por suas necessidades, que passam a ser reconhecidas no espaço público como demandas cidadãs “legítimas”. O próprio Projeto da CPS é resultado dessa concepção, o Projeto parte do pressuposto de que os jovens são os protagonistas das suas histórias, e chama-os para assumirem as “rédeas” dos seus percursos, principalmente em relação ao mundo do trabalho.

Quanto à relação com o Projeto da Cadeia Produtiva do *Skate*, foi uma oportunidade para os jovens vivenciarem uma experiência positiva que permitiu a eles construírem laços de amizade, vivenciar a solidariedade, formar um grupo, sofrer com as partidas, estranhar atitudes de colegas. Esse foi um ponto muito positivo do CPS: a possibilidade de criarem, pensarem, se experimentarem como jovens e também como adultos, permitindo a eles assumirem responsabilidades tanto de forma individual como coletiva.

Este Projeto também se mostrou em especial como um espaço híbrido de formação e aproximação com o mundo do trabalho, permitindo aos seus integrantes vivenciarem as relações de trabalho sem perder as características dessa fase de vida. Nas falas dos jovens, também foi possível perceber o processo de formação pelo qual passaram, principalmente em relação à economia solidária, o que teve um resultado na forma de trabalho que acabaram empregando e, a partir daí, na relação entre eles na prática de valores que estejam na linha da convivência em grupo.

Outro fator importante é a possibilidade de proporcionar aos jovens a profissionalização, ou melhor, a vivência das relações de trabalho em uma área específica como a serigrafia, bem como os outros conhecimentos na área da gestão,

ou como diria o Adilson: ensinar a montar o negócio. Além disso, outros três achados ainda merecem destaque nesta conclusão, a auto-estima dos jovens, a partir da autoconfiança, e ligado a isso os projetos de futuro, o que é muito importante nessa fase.

As aprendizagens, as quais os jovens relacionam nas suas falas com a experiência no Projeto da CPS, extrapolam a esfera do saber fazer e passam para uma aprendizagem integral, quando dizem que além de aprenderem a montar o próprio negócio com as tarefas da serigrafia, também conheceram lugares, pessoas e novas experiências.

No capítulo que tratou do debate sobre as juventudes e o mundo do trabalho, salientou-se que a crise do emprego tornou-se uma ameaça para os jovens, transformando o emprego na principal preocupação dos jovens. Como a colocação passa a ser cada vez mais difícil, os jovens acabam ficando com poucas opções, os de origem social privilegiada adiam a procura por uma colocação profissional e seguem dependendo financeiramente de suas famílias (Moratória Social), retardam a entrada no mercado de trabalho e ficam por longos períodos estudando e se qualificando, e os demais se submetem à ocupação de qualidade e remuneração ruim, ou seja, não tem emancipação econômica.

O trabalho é o elemento central e estruturante na vida dos seres humanos, assim é legítimo afirmá-lo como princípio educativo. A sua forma de organização na sociedade traz transformações sociais. O desafio é encontrar formas onde o trabalho esteja estruturado a partir desse princípio.

Quanto às indagações relacionadas ao trabalho, que se encontram no capítulo 2 deste estudo, foram sendo respondidas a partir das leituras realizadas e da minha vivência. Compreendi que o significado que o trabalho assume na vida dos jovens é múltiplo. Na fala dos jovens isso se confirmou: o significado é realmente diverso, indo desde a possibilidade de fazer amigos e se fortalecer enquanto grupo, até a possibilidade específica de garantir um bom salário e proporcionar uma ascensão social.

Outra constatação é de que o trabalho vale pelos bens a que ele dá acesso. Isto fica claro na fala da Aline e também na do Alex. No entanto é elemento central para a sua permanência no trabalho, que ele seja fonte de prazer.

Constatou-se ainda que a falta de trabalho compromete o desenvolvimento dos jovens tanto nas questões ligadas à renda, mas principalmente nas questões sociais, de ética, de responsabilidade, de compromisso, de afirmação, de reconhecimento e etc. Revelando que o trabalho desenvolvido no Projeto, e as aprendizagens proporcionadas por essa aproximação com o mundo do trabalho, assumiram em suas vidas. Ao mesmo tempo, os jovens falaram do temor em não ter o trabalho. Portanto pode-se concluir que o trabalho pode ser um instrumento de transformação dos sujeitos e esses é que podem transformar o mundo.

Quanto à escola tinha como pressuposto que esta é o espaço privilegiado para a socialização dos jovens. A partir da pesquisa, foi possível constatar a importância desta no projeto de futuro dos jovens. A esperança que eles depositam na escola é muito grande, é como se ela fosse o único meio para garantir um futuro, que segundo eles têm que ser tranquilo, com garantia inclusive de um bom salário. Mas a escola tem mais valor para quem está afastado dela, esses sonham a ela retornar.

A partir disso, pode-se dizer que a escola ainda é um espaço fundamental para a socialização dos jovens. Pelas falas não é possível afirmar que há um distanciamento da escola, embora haja certa negação da escola. Na primeira rodada de cartas ela não apareceu. Na segunda respondendo à minha pergunta sobre a escola, os jovens falaram da importância da mesma para o futuro. Todos, mesmo os que estão fora da escola, demonstram que sabem que a ela teriam que retornar, mas que essa possibilidade parece distante. Para os que estão na escola, ela é a que pode garantir um futuro melhor, permitindo um bom salário e um bom emprego. De qualquer maneira, ambos os jovens traduzem o senso comum de que quanto mais escolarizados mais chances de garantir um emprego, como se a solução para o desemprego fosse somente a escolarização elevada dos trabalhadores.

O último pressuposto em relação à escola, era de que a educação não acontece só aí, mesmo sendo este um espaço definido por excelência para tal. O Projeto da CPS permitiu múltiplas aprendizagens, mas mesmo assim não substitui a educação que a escola deve oferecer, pois os jovens, mesmo dizendo que aprenderam muito no Projeto, acham que precisam da escola, nenhum jovem falou que a escola não tem significado na vida deles, principalmente os que estão afastados têm a consciência da importância dela e dizem que precisam retornar, e quem está reconhecendo que é importante para o seu futuro.

Romper com o paradigma tal qual se vivencia no sistema capitalista passa a ser um desafio tanto no campo da educação como nas relações de trabalho com as juventudes. Nesse sentido, o trabalho associativo pode ser uma alternativa positiva para os jovens, pelos elementos e valores que estão na base do associativismo tais como: solidariedade, protagonismo, respeito às diferenças, oportunidades para todos os envolvidos, bem como uma distribuição justa das sobras financeiras.

Encerrando essa conversa e com vontade de voltar ao começo, fica a sensação de tarefa cumprida apenas por ora, pois a partir do constatado, novas perguntas se enraízam e a vontade de continuar é grande. Na caminhada que virá certamente continuarei trilhando o sinuoso caminho do trabalho e o universo fabuloso das juventudes. A partir daí, nascem duas inquietações para resolver em uma pesquisa futura: acompanhar a trajetória desses jovens que fizeram parte deste estudo, procurando analisar e compreender os significados do trabalho na medida em que vão se inserindo no mercado formal de trabalho; a outra, que me é muito tentadora, é analisar o significado do trabalho associativo na vida de adultos que já possuem a experiência do mercado formal de trabalho e depois entram para um grupo de trabalho associativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAD, Miguel. *Las políticas de juventud desde la perspectiva de la relacion entre convivencia, ciudadanía y nueva condicion juvenil*. Última Década, Viña del Mar, CIDPA, n. 16, p. 119-155, mar. 2002.

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações Sobre a Tematização Social da Juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, número especial sobre Juventude e Contemporaneidade, n. 5/6, p. 25-36, maio-dez. 1997.

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Paulo Martoni (org.). *Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ACOSTA, A. C.G. da. *Protagonismo Juvenil: Adolescência, Cidadania e Participação Democrática*. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

AMORA, Antônio Soares, *Minidicionário Soares Amora da Língua Portuguesa*. 19ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

BALARDINI, Sergio. *Políticas de Juventud en América Latina*. Curso de Formación de Lideres Juveniles en América Latina, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. Petrópolis/RJ, Vozes, 1998.

BORELLI, Silvia Helena Somões; SILVA, Tais Rodrigues da; SILVA, Euzébio Santos. *Juventude e Políticas Públicas: via de mão dupla*. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, UNB, setembro de 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. 24ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BRENNER, Ana Karina; LÂNES, Patrícia y CARRANO, Paulo César R. A Arena das Políticas Públicas de Juventude no Brasil. *Revista de Estudos Sobre Juventude*, México, DF, a. 9, n. 22, jan.-jun. 2005.

BROD, Anelise. *A construção de saberes pelos adolescentes para além do espaço escolar*. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Projeto de qualificação de dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

CAMPOS, Gastão Wagner de Souza. *Um método para análise e co-gestão de coletivos: a constituição do sujeito, a produção de valor de uso e a democracia em instituições: o método da roda*. São Paulo: Hucitec, 2000.

CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber*. Elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

Comunicado da Presidência nº 12, "Pnad-2007: Primeiras Análises (volume 4) - Educação, juventude e raça".

CPS. *Projeto da Cadeia Produtiva do Skate*. Porto Alegre: Escola Técnica José César de Mesquita, 2005.

CRAIDY, Carmem Maria; GONÇALVES, Liana Lemos. *Medidas sócio-educativas: da repressão à educação; a experiência do Programa de Prestação de Serviços à Comunidade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

DESLANDES, Sueli Ferreira. *O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual*. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Sueli Ferreira; GOMES, Romeu (orgs.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 26.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

DIAS, Luciana Campos de Oliveira. *Estratégias de Sobrevivência de Jovens Estudantes e o Programa Agente Jovem*. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2005. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.

DIEESE. *Trajetórias da juventude nos mercados de trabalho metropolitanos: mudanças na inserção entre 1998 e 2007*. São Paulo: DIEESE, 2008.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil. *Estar no Papel: cartas dos jovens do ensino médio*/Luiz Carlos Gil Esteves et al. Brasília: UNESCO, INEP/MEC, 2005.

FONSECA, Cláudia. Quando cada caso NÃO é um caso: Pesquisa etnográfica e educação. *Revista Brasileira de Educação*, n.10, p.58-78, jan.-fev.-mar.-abr. 1999.

FRANZOI, Naira Lisboa. *Entre a formação e o trabalho: trajetórias e identidades profissionais*. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

FREIRE, Ana Maria Araújo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: UNESP, 2001.

FREIRE, Paulo. *Cartas a Cristina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. *Á Sombra desta Mangueira*. São Paulo: Olho d'Água, 1995.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 8.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 31.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FRIGOTTO, Gaudêncio (org). *Educação e crise do trabalho: perspectiva de final de século*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, trabalho e educação no Brasil. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI (orgs.). *Juventude e sociedade*. Trabalho, educação, cultura e participação. Paulo. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A dupla face do trabalho: criação e destruição da vida. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria (orgs.). *A experiência do trabalho e a educação básica*. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. 2.ed. Porto Alegre: L&PM, 2008.

GUIMARÃES, Nadya Araújo. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Paulo Martoni (org.). *Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

IBGE. *Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios*, IBGE, Rio de Janeiro, 2001/2002.

_____. *Indicadores Sociais*, IBGE, Rio de Janeiro, 2002.

KUENZER, Acácia. *Pedagogia da fábrica: as relações de produção e a educação do trabalhador*. São Paulo: Cortez: Autores associados 1989.

LARA, Xico. *Trabalho, educação, cidadania: reflexões a partir de educação entre trabalhadores*. Rio de Janeiro: CAPINA/CERIS/MAUAD, 2003.

LEÃO, Geraldo Magela Pereira. *A Gestão da Pobreza Juvenil: uma análise de um programa federal de inclusão social para jovens pobres*. GT: Movimentos Sociais e Educação, n. 03. Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais, 2004.

LEITE, Elenice Moreira. Juventude e trabalho: criando chances, construindo cidadania. In: FREITAS, Maria Virgínia de; PAPA, Fernanda de Carvalho (orgs.). *Políticas Públicas. Juventude em pauta*. São Paulo: Cortez: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2003.

MALGLAIVE, Edgar. *Ensinar Adultos*. 2.ed. Portugal: Porto Editora Ltda, 1993.

MANFREDI, Silvia Maria. *Educação profissional no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.

MANUAL de Implementação. *Manual de Implementação Junto às Entidades Executoras*. Publicado pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Brasília, 2005. f. 120.

MARX, Karl Heinrich. *O Capital*. 7.ed. São Paulo: Difel, 1982.

_____. Processo de Trabalho e Processo de Valorização. In: MARX, Karl Heinrich. *O Capital*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MAX, Karl Heinrich; ENGELS, Friedrich. *O manifesto do partido comunista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio da pesquisa social*. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu (orgs.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 26.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MOLL, Jaqueline. Os tempos da vida nos tempos da escola. Em que direção caminha a mudança? In: MOLL, Jaqueline. (org) *Ciclos na escola, tempos na vida: criando possibilidades*. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 101 – 110.

MORAES, Marcos Antonio de. *Me escreva tão logo possa*. São Paulo: Salamandra, 2005.

PAIS, José Machado. *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1993.

POCHMANN, Marcio. *Entrevista*. Disponível em <www.vermelho.org.br/diario/2006/0208>. Acesso em 17 de junho de 2007a.

_____. *A batalha pelo primeiro emprego: a situação atual e as perspectivas do jovem no mercado de trabalho brasileiro*. 2.ed. São Paulo: Publisher Brasil, 2007b.

POLÍTICAS Públicas para a Juventude: Programa do Movimento Associativo Juvenil. Disponível em <<http://www.fnaj.pt/docs/pub27.pdf>>. Acesso em 17 de maio de 2009.

RODRIGUES, M.A.M. *Subjetivação da escrita: um desafio psicológico na formação de professores para início da escolarização*. Brasília: UNB, 2003. Tese (Doutorado em Educação), Universidade de Brasília, 2003.

RUA, Maria das Graças. *As políticas e a juventude dos anos 90*. In: *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*, 2 vols., CNPD, Brasília, 1998.

SINGER, Paul. A economia solidária como ato pedagógico. In: KRUPA, Sonia M. (org). *Economia solidária e educação de jovens e adultos*. Portella. Brasília: Inep, 2005.

_____. A Juventude como Coorte: uma geração em tempos de crise social. In: SINGER, Paul. ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Paulo Martoni (org.). *Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

SPOSITO, Marília Pontes (Coord.). *Juventude e escolarização*. Estado do conhecimento. São Paulo, 2000. Disponível em <www.acaoeducativa.org>. Acesso em 16 de maio de 2009.

SPOSITO, Marília Pontes. *Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas*. São Paulo: Ação Educativa, 2003a.

_____. Trajetórias na constituição de políticas públicas de juventude no Brasil. In: FREITAS, Maria Virgínia de; PAPA, Fernanda de Carvalho (orgs.). *Políticas Públicas. Juventude em pauta*. São Paulo: Cortez: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2003b.

SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo César R (2003). Juventude e Políticas Públicas no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, n. 24, p. 16-39, set.-out.-nov.-dez. 2003.

TERMO de Referência do Consórcio Social da Juventude. Publicado pelo Ministério do Trabalho e Emprego. Brasília, 2003. f. 05.

TIRIBA, Lia. Brincando de casinha: fragmentos de economia, cultura e educação .In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria (orgs.). *A experiência do trabalho e a educação básica*. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. *Cultura do trabalho, produção associada e produção de saberes*. Disponível em <http://www.tau.org.ar/upload/89f0c2b656ca02ff45ef61a4f2e5bf24/Cultura_de_trabajo_Tiriba.pdf> Acesso em 16 de maio de 2009.

TIRIBA, Lia; FISCHER, Maria Clara B. *Jovens trabalhadores associados na produção da vida: entre o desemprego, a precarização do trabalho e a economia*

solidária, 2007. Disponível em <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2007/djr/index.htm>> Acesso em 16 de maio de 2009.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Bases Teórico-Methodológicas da Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais: idéias gerais para a elaboração de um Projeto de Pesquisa*. 2.ed. Porto Alegre: Faculdades Integradas Ritter dos Reis, 2001.

_____. *Pesquisa Qualitativa, dialética e educação*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2005. 71. f. (Texto digitado).

TUMOLO, Paulo Sergio. O Trabalho na Forma Social do Capital e o Trabalho como Princípio Educativo: Uma Articulação Possível? *Educ. Soc., Campinas*, v. 26, n. 90, p. 239-265, Jan.-abr. 2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 17 de maio de 2009.

UNESCO. *Políticas Públicas de/para/com as Juventudes*. Brasília: UNESCO, 2004.

VIEIRA, Evaldo. *Democracia e política social*. São Paulo: Cortez, 1992. Coleção Polêmicas do nosso tempo, v.49.

WINKIN, Yves. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Campinas: Papyrus, 1998.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e método*. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ANEXOS

ANEXO A – TABELA DAS CATEGORIAS

Categorias	Aline	Adilson	Alex Charão	Thüran	José Samurio	Achados
<p>Relação dos jovens com a Cadeia Produtiva do skate</p>	<p>“Depois de alguns dias a Claudete me ligou avisando que conseguiu um estágio para aprender a trabalhar em serigrafia. Assinei a carteira, o contrato e comecei a trabalhar ali mesmo na Escola Mesquita. Quando cheguei no primeiro dia de trabalho, não imaginava que seria pouca gente e que seria só com homens, fiquei com vergonha, incabulada, pois se pelo menos tivesse uma menina junto comigo seria mais fácil de me</p>	<p>“Recebi a notícia do Thüran que estavam formulando a idéia da CPS. Encontrei no Mesquita o Pedro, Ricardo e o Manão. Fui convidado para entrar no projeto. Claro que a nossa equipe não estava formada, pois um rapaz que não tínhamos muita afinidade estava supostamente na</p>	<p>“Oi Jessica faz muito tempo que agente não vê exatamente 3 anos e meio eu tenho muita coisa para falar para você eu posso começar pelo curso que comesou a mudar a minha vida o curso que eu fiz foi no Consórcio Social da Juventude a</p>		<p>“Bem eu fui até o Mesquita lugar onde era feito o projeto pra conhecer e encontrei o Pedro lá e ele me explicou como seria o projeto e eu me intereecei um pouco, e ele me disse que por enquanto o ultimo integrante do grupo ainda não tinha</p>	<p>Otimismo em relação à inserção no mercado de trabalho.</p> <p>Insegurança.</p> <p>Amizade.</p> <p>Equipe = afinidade.</p> <p>Orgulho.</p> <p>Pertencimento.</p> <p>Perspectiva de</p>

	<p>adaptar, mas depois de algum tempo eu comecei a perder um pouco da timidez e me adaptei ao meu trabalho". (carta 1) "Os guris sempre foram muito legais comigo, sempre me respeitaram, então é legal trabalhar com eles, o único problema é que não tinha nada para fazer na maioria das vezes (quase sempre), pois ninguém corria atrás dos trabalhos, divulgava e etc." (Carta 1)</p>	<p>equipe. Sei o apelido bandidagem, mais de bandido não tinha nada o cara até era gente fina". (Carta 1)</p> <p>"Se passou um ano nós havíamos trabalhado com a possibilidade de não fazer o truck, era muito complicado o processo. Meses depois já estávamos com a possibilidade de montar no lugar do truck a serigrafia.</p>	<p>onde eu fiz pintura industrial foi La que eu conheci bons amigos e os meus futuros colegas de trabalho e sócios, grassas a esse curso que hoje eu tenho o meu negocio junto com os meus amigos do curso". (Carta 1)</p> <p>"Querida Jessica muita coisa mudou no meu jeito de ser</p>		<p>aparecido e eu virei um membro temporário. Como alguns esperavam o tal integrante não apareceu e eu entrei definitivamente para o grupo"(Carta 1)</p> <p>"Nesse tempo o grupo era forte e unido algo que mudou depois, mas isso eu explico depois". Carta 1)</p> <p>"Por volta de</p>	<p>futuro.</p> <p>Coletivo.</p> <p>Desencanto.</p> <p>Identidade.</p> <p>Identificação com os jovens.</p> <p>Respeito às características juvenis.</p> <p>Mundo adulto = a seriedade.</p>
--	--	--	--	--	---	--

	<p>“Isso de não ter nada para fazer, de só ouvir reclamações (dos colegas), me desanimou, sinceramente eu não tinha vontade de ir trabalhar, mesmo agente não indo todo dia”. (carta 1)</p> <p>“Pra trabalhar com serigrafia eu não quero mais, não é uma coisa que eu goste de fazer, díganos que eu não tenho o “dom”</p>	<p>Conhecemos o Junior, um rapaz com o nosso espírito jovem. O nosso instrutor de serigrafia, o cara era legal apesar de alguns desentendimento, nada que não pudéssemos resolver”. Carta 1)</p> <p>“Renata estamos num processo complicado, uns desesperados com a situação outros calmos, alguns com pensamento de desistir , eu</p>	<p>mais não fique assustada porque eu continuo muito alegre e brincalhão aonde eu to falando e eu mudei foi na parte de se tornar um homem mais serio mais responsável um homem que tenta sempre mais aos seus objetivos na vida”. (Carta 1)</p> <p>“Eu vou falar</p>		<p>abril de 2006, a Corsan nos contratou como aprendizes, talvez uma das piores coisas que aconteceu naquele momento, piores eu digo porque se tivessem esperado um pouco para nos contrata eu acho que o grupo não seria o mesmo, eu tomo por base agora que nos estamos a nada. Eu sempre que</p>	<p>União do grupo.</p> <p>Sonho.</p> <p>Não se acomodar.</p> <p>Desejo de manter a vida movimentada do mundo juvenil.</p> <p>Carteira de trabalho: para o bem e para o mal.</p> <p>Pertencimento.</p> <p>Responsabilidade.</p> <p>Perspectiva de</p>
--	---	--	---	--	---	--

	<p>pra isso”. (carta 1)</p> <p>“Olha o CPS serviu na minha vida para mim ver que temos que ter responsabilidade, admitir os nossos próprios erros, não xquerer julgar os outros se você também age errado”. (carta 2)</p> <p>“O convívio com os guris serviu para me mostrar que ninguém é igual ao outro, que cada pessoa age, pensa diferente, mas que</p>	<p>não penso em desistir para não ter arrependimento depois. Nem que eu seja o último dos moicanos. É Renata quem disse pra ti que a vida não sofre transformação, só digo uma coisa a vida é grande metamorfose”. (Carta 1)</p> <p>“Estou numa fase muito delicada da minha vida tenho grandes obstáculos e tenho muitos objetivos como ter</p>	<p>para você um pouco do meu negocio meu e dos meus amigos. Logo após ter terminado o curso que eu fis como eu falei no comesó da carta eu acabei me afastando um pouco por falta de contato a onde foi uma época que eu tava desempregado não tava estudando mais eu tava fazendo</p>		<p>posso ainda vou lá na serigrafia, o Adilson também. Eu e esse meu outro bom amigo já tivemos muitas idéias, talvez essa ultima a melhor de todas agora é só esperar”. (Carta 1)</p> <p>“Tudo estava indo bem até nossa 1ª perda, apesar de só eu achar isso nos perdemos o equilíbrio do</p>	<p>futuro.</p> <p>Falta de Prazer no e pelo trabalho.</p> <p>Incomodo do não fazer nada.</p> <p>Expectativa. Frustração.</p> <p>Espaço de troca. Construção de novas idéias (criatividade). Autoria.</p> <p>Protagonismo juvenil.</p>
--	--	--	--	--	---	---

	<p>devemos pensar uns nos outros, tentar ajudar, mas cada um fazer sua parte e respeitar o pensamento de cada pessoa”. (carta 2)</p>	<p>uma vida estável e tranqüila porem movimentada não pretendo parar no tempo, meu sonho é ainda ver a Epidemia Skateboard alavancar. Gostaria que os que estão, estejam junto comigo nessa jornada, é de extrema importância”. (Carta 2)</p>	<p>alguns bicos por ai mais por ironia do destino um dos integrantes do negocio saiu a o negocio tem o nome de Cadeia Produtiva do Skate a onde foi escolhido um nome para formar uma marca o nome é Epidemia Skateboard que teve origen da idéia que eu e os meus amigos tivemos de montar uma</p>		<p>grupo: Manão fazendo a coisa mais idiota que eu pensei que veria. Eu acho que pior que isso foi o ato de traição do Ricardo em mal saber do caso e já ir procurar outro para ocupar o lugar”. (Carta 1)</p> <p>“Como já era de se esperar o manão saiu e foi chamado o Charão para ocupar a vaga,</p>	<p>Possibilidades de fazer escolhas.</p> <p>Persistência.</p> <p>Medo do fracasso (motivo que também estimula a não desistir).</p> <p>Autoconhecimento.</p> <p>Aprender a não pré julgar.</p> <p>Aprender a ter responsabilidade.</p> <p>Transformação do individuo.</p> <p>Maturidade.</p> <p>Aceitar a opinião do</p>
--	--	---	---	--	--	---

			<p>marca de Hip Hop”. (Carta 1)</p> <p>“ [...]quando um dos integrantes saiu foi ai que eles me chamarão para participar do projeto isso aconteceu em 2006 mais presisamente no perto do fim do ano desde então eu mudei para melhor acabei conhece muita gente legal muitos lugares</p>		<p>depois disso o grupo entrou numa profunda decadência juntando com as atitudes de nosso técnico que sinceramente queria nos ralar. Nos acabamos todos quase saindo do projeto”. (Carta 1)</p> <p>“Alguns seres humanos são de certa forma interessantes, se eu tivesse</p>	<p>outro.</p> <p>Tolerância com os outros a partir do autoconhecimento.</p> <p>Novos conhecimentos.</p> <p>Solidariedade.</p> <p>Respeito.</p>
--	--	--	--	--	--	--

			<p>diferentes muita coisa eu aprendi nesse tempo que agente não se fala”. (Carta 1)</p> <p>Uma das coisas que eu aprendi na CPS como seportar perante au mercado de trabalho, a escutar a opinião dos colegas de serviso alem de conhecer um outro tipo de mercado de trabalho o</p>		<p>essa mesma habilidade de escrever (mesmo que meio errado) no falar e no fazer eu aposto que sozinha tinha feito um pouco melhor que o grupo todo em todo esse tempo.” (Carta 1)</p>	
--	--	--	--	--	--	--

			informou além de uma nova profissão. (Alex Carta 2)			
Relação dos jovens com o trabalho	“Desde de pequena aprendi que se você quer alguma coisa tem que conquistar, correr atrás do seu sonho, não ficar esperando para ver o que vai acontecer, pois só falar não adianta é bem melhor falar pouco e agir muito. E esse era o problema, todo mundo reclamava		Trabalho para mim é a maneira de atingir os meus objetivos de vida como, carro, casa, diversão e outras coisas. (Alex Carta 2)	“No Mesquita eu fiz o curso de construção civil, lá na quele local eu fiz bastante amigos e foi através dessas pessoas que nós tivemos a idéia de ter nosso próprio negocio em “Hip Hop” que era a fabricação de	“Parece engraçado, mas todos reclamavam que eu era o mais parado o mais distante, mais uma coisa nenhum deles pode negar, eu aprendi melhor o processo da serigrafia do que eles, a parte básica todos aprenderam,	Necessidade de ter Iniciativa. Ascensão social. Autoconfiança. Oportunidade. “Coisa dada”/direito. A experiência é construída

	<p>e ninguém agia, ninguém tomava iniciativa. A Claudete cansou de fazer várias reuniões para tentar ajudar, só que cada um tem que fazer a sua parte e o serviço era praticamente dado, pois tinha lugar para trabalhar, só que as pessoas têm que dar valor as oportunidades que lhe aparecem". (Carta 1)</p> <p>"Bom como era e</p>			<p>roupas, a idéia era boa no começo mas nem tudo deu certo, ao longo do curso eu percebi que algumas pessoas não se adaptaram ao mercado de trabalho e eu comecei a desanimar devido elas". (Carta 1)</p> <p>" 1 ano depois eu fui chamado para fazer parte da</p>	<p>mas tem os extras. Fora o Junior eu sou (era) o único que sabia montar as artes para serigrafia, a principio isso não parece importante, mas uma arte que os outros demoravam mais de meia hora montando eu demorava dez minutos, e como o Junior dizia o cara so faz as coisas certas com</p>	<p>coletivamente.</p> <p>Falta de Adaptação no mercado de trabalho.</p> <p>A importância do coletivo.</p> <p>Trabalho coletivo; solidariedade.</p> <p>Importância de cada um na construção do grupo.</p> <p>O trabalho como principio educativo.</p> <p>A importância do trabalho como</p>
--	--	--	--	---	---	--

	<p>ainda sou inexperiente em algumas coisas eu fiquei digamos “sem reação”, pois era meu primeiro emprego e eu não tinha e ainda não tenho muita noção de “coordenar um emprego”, sei que de uma certa forma eu também tive culpa, eu sei disso e admito por não ter incentivado, mas é que eu também penso que eles já são adultos, não era eu que iria</p>			<p>Cadeia Produtiva do Skate mais uma oportunidade para mim era o pulo-do-gato ao mercado de trabalho, na “cadeia produtiva” eu aprendi a ter autonomia como iniciar um negocio. Na minha opinião eu precisava de oportunidade, pois vontade eu tenho”.</p>	<p>calma”. (Carta 1)</p>	<p>instrumento que possibilita aprender/conhecer.</p> <p>Proporcionar as vivências necessárias para a transição a vida adulta.</p>
--	--	--	--	---	--------------------------	--

	<p>dizer o que eles deveriam ou não fazer, mas como era um trabalho em grupo, todos tinham que se esforçar para fazer o máximo possível". (Carta 1)</p> <p>"Trabalho para mim significa ter responsabilidade com o que você está fazendo, com as pessoas que estão trabalhando contigo, saber que não existe só você no mundo que você tem que</p>			(Carta 1)		
--	--	--	--	-----------	--	--

	<p>confiar, acreditar que as pessoas podem te ajudar, que elas podem querer o teu bem". (Carta 2)</p> <p>"O trabalho contribuiu muito na formação da minha vida, pois desde adolescente eu já estou aprendendo a ter mais compromisso com as pessoas, ser honesta, saber que nada cai do céu, que você tem que conquistar, trabalhar e estudar</p>					
--	--	--	--	--	--	--

	<p>muito para merecer, conseguir o que você quer, ou seja, o que você deseja, sonha para o seu futuro”. (Carta 2)</p> <p>“O trabalho está sendo muito bom, pois estou aprendendo a fazer coisas que eu não sabia fazer direito, como pagar contas, depósitos, organizar arquivos, até conhecer melhor o centro sozinha, pois minha mãe nunca</p>					
--	--	--	--	--	--	--

<p>me deixou sair para alguns lugares sozinha, principalmente no centro, ela morria de medo, mas agora minha mãe sabe que é o meu trabalho e que eu tenho que andar com as minhas próprias pernas. São com pequenas e simples coisas assim, que agente vai crescendo na vida e isso irá me trazendo amadurecimento, conhecimento</p>					
--	--	--	--	--	--

	<p>2)</p> <p>“A escola para mim significa um pedaço do meu futuro, pois se eu não estudar, não me dedicar eu não vou conseguir uma profissão que eu goste e tenha um salário bom, que no futuro eu não passe necessidade, que possa ajudar meus pais. Digo um pedaço, porque não quero fazer só o 2º grau, quanto mais cursos,</p>	<p>comunicativo, tenho até mais atitude”. (Carta 2)</p>	<p>Carta 2)</p>		<p>princípio eu não queria mas acabei acatando as ordens da velha, eu tava indo bem nos estudo quase do tipo aluno perfeito sabe, notas altas e poucas faltas e eu achava que isso poderia atrapalhar um pouco no colégio”. (Carta 1)</p>	<p>futuro.</p>
--	--	---	-----------------	--	---	----------------

	<p>estágios eu puder fazer melhor, para meu futuro, para minha vida e eu gosto de estudar”. (Carta 2)“Sou nova e não quero me acomodar só com o 2º grau, quero ser alguém na vida, não só pelo dinheiro, mas pelo reconhecimento, para meus pais, minha família, meus amigos e até eu mesma sentir orgulho de mim”. Carta 2)</p>					
--	--	--	--	--	--	--

NEXO B – CARTAS DOS JOVENS

ANEXO B – CARTAS DOS JOVENS

Clodete!

ouve muitas mudanças na minha vida pessoal e escolar em relação a Cadeia Produtiva do Skate,

Eu era uma pessoa que era bagunzeira na escola mas, porém tímido para falar na frente da turma, as minhas notas em alguns momentos não eram muito

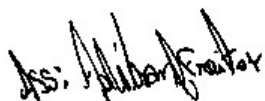
boas, hoje em dia sou mais calmo espontâneo e comunicativo, tenho até mais atitudes.

Estou numa fase muito delicada da minha vida, tenho grandes obstáculos e tenho muitos objetivos como ter uma vida estável e tranquila porém movimentada não pretendo parar no tempo meu sonho é ainda ver a Epidemia Skate board alavancar, gostaria que os que estão estagão junto comigo nessa jornada é de extrema importância.

Bom Claudete desculpa, pela demora da minha resposta, fico muito contente em lhe escrever em com partilhar a minha história e uma parte da minha vida com você.

Bom a Renata é minha prima somos muito amigos ela é uma das minhas primas que tenho mais afinidade ela mora perto do meu bairro mas ultimamente não mantemos tanto contato.

Mudanças são repentinas mais temos que saber administramos essas mudanças.

Ass: 

"Senhora"
 Estou com saudades, por isso vou
 lhe escrever esta carta contando
 como estão as coisas, eu vejo a minha
 vida.
 Foi faz quase quatro meses que não
 nos vemos, e há algumas lembranças do curso
 que eu estava fazendo, já concluí
 naquele curso conheci ótimas pessoas
 fiz novas e grandes amizades, claro
 que algumas já eram meus amigos
 de infância, lembrando um José Carlos
 mais também foi o conhecido um bom
 tem o Miran, mais isso outra história,
 como avia lhe contado no curso tinha
 nos criado uma marca de xaxap volta
 da para o Hipop até certo tempo
 a ideia não se desenvolveu então
 lhe disse bom depois de ter concluído
 o consorcio certo foi para seu lado,
 tomar um rumo na vida trabalhei de
 quator por alguns meses e lá o meu
 pai mais faltava algo não sei bem
 o que era no momento pois eu não
 estava satisfeito com a coisa em 2005
 recebi um telefonema, era do pai
 me perguntando se eu estava
 trabalhando, no momento eu estava

parada sem trabalhar, bem foi parceiro
 o Barbato. Lá encontrei um grande
 amigo Charão, bem grande mesmo ele
 é meio gorducho. Fomos colegas
 de serviço durante um mês.
 Logo recebi a notícia de Thiron
 que estavam formulando a ideia
 da cadeia produtiva do skate
 encontra na mesquita o Pedro Ricardo
 e a Mariana foi convidada para
 entrar no projeto. Claro que
 a nossa equipe ainda não estava
 formada pois ~~era~~ ~~era~~ ~~era~~ rapaz
 que não tínhamos muita afinidade
 de estava supostamente na equipe
 mas a atitude bondadosa mais
 de bondados não tinha nada a
 ver até era gente fina, bem foi
 feita uma imediata substituição. José
 Carlos acabou indo para nossa equipe
 sobre o Charão, nós conseguimos
 nos manter a contento.

Se passou um ano nós tivemos
 trabalhado sem a possibilidade de
 não fazer o Truck era muito
 complicado o processo. meses depois
 foi estabelecido com possibilidade de
 manter no lugar truck o Sergio Affonso
 conhecemos o Junior um rapaz
 com o nome escrito Joviano.

A nossa intenção de serigrafia, a
 coisa era legal apesar de alguns
 desentendimentos, nada que não pode
 ser resolvido voltando a um mês
 atrás tínhamos perdido uma grande
 amiga e colega de serviço. Manoã
 amigo nós não perdermos mais
 colega, amigo ainda somos a tempo
 merito calma, calma até de mais
 gostava de festa mais o serviço que
 era bom nada mais o cara é
 gente fina. Logo após perdermos o
 Pedro um legal não vou falar mal
 do cara o que vou falar era profi
 mal não pessoal de era um cara
 com a ponta forte de liderança mais
 ele usava esse ponta forte negativa
 falava em coisas desnecessárias, nesse
 meio tempo o Charão avia
 entrado na equipe no lugar do
 Manoã antes do Pedro sair.
 Bom o Pedro não foi tirado
 mais ele quis sair por conta
 se passou um 8 meses mais
 ou menos que o Pedro avia
 saído, entrou a Aline uma menina
 legal, bonita, simpática e amigável, ela
 entrou propósito de dar olegamos
 que um toque feminino organizar os
 marmanjos.

Penso, portanto, que processo simplifica
 tudo desapercebendo de qual a situação
 entre algumas coisas com frequência
 de um detetive eu não penso em
 existir para não ter o conhecimento
 de si mesmo que eu sei a última
 das coisas e penso quem sabe
 pensaria que a vida não seja
 transformação se não fosse isso
 a vida é grande metamorfose

José Antônio Freitas

[Faint, mostly illegible handwritten text on lined paper, possibly bleed-through or very light writing.]

Minha História de Vida:

Meu nome é Adilson e minha trajetória neste mundo é longa ~~mas~~ há ~~alguns~~ momentos marcantes na minha vida.

Hoje em dia sou mais sábio nas minhas decisões principalmente quando envolve o meu futuro.

Eu já passei por muitas dificuldades, em geral quando algo em geral quer dizer financeira, profissional e assuntos do coração em si são coisas difíceis de resolver, mas não impossível.

Já tive muita ingenuidade na minha vida ~~mas~~ o tempo ~~aprendeu~~ a ser mais ambicioso. Sim tem que ter ambição mais para as coisas boas.

Tive muitas perdas importante na minha vida. Uma das perdas foi a minha companheira minha querida irmã. Foi sinto muita falta dela é uma dor que não cicatriza por um tempo diziam que da para amenizar só amenizar por que a falta sempre vai tá lá no fundo do meu coração.

Com um tempo conheci uma menina nome Dalane ~~me~~ ela marcou muito a minha vida pois foi com ela que eu tive a experiência de ser casado. Foi parte complicada da minha vida. Ficamos juntos 2 anos, aprendi muito com a vida ~~mas~~ ela está aprendendo ela.

José Carlos, teve muita coisa importante
venho acontecer, conheci muitas pessoas com elas
apreciei bastante.

Tive uma experiência inesquecível a oportunidade
de dar motar o próprio negócio como skate
e serigrafia, felizmente não conclui essa
etapa da minha vida, como pessoa. Tive
muita influência e mudança na minha vida.

A frustração de não concluir um sonho
da minha vida é grande, mais grande é
conhecimento que muitos não têm, não
digo que meus companheiros e eu erraram
mais não se dá a conta da importância

de fazer em nossas vidas tanto como família
mais e como pessoas, mais foi a melhor das
experiências poderíamos ter um momento único
de nossas vidas, pareceria contato por tempo

do Pedro nessa jornada foi aí que eu
conheci a Aline, uma garota delicada, tímida,
bonita e super gentil, fina a única garota

do nosso grupo, creio que o nosso grupo
teve falhas mais digo melhor não pode
não ser o grupo era bom tinha união era
mas de ser uma equipe falta pouco para

ser ótimo mais ninguém é perfeito e hoje
em dia sou mais aguçado e firme nas minhas
decisões e com tempo alcançarei o meu sonho
com sucesso.

Ass. Ailton Freitas Data: 26/04/09

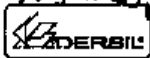
/ /

Oi Jessica, faz muito tempo que
 agente não se - ve exatamente 3 anos
 e mais eu tenho muito coisa para
 falar para você eu posso começar pelo
 o curso que comecei a mudar a
 minha vida o curso que eu fiz foi
 no curso social da Juventude
 a onde eu fiz pintura Industrial
 foi lá que eu conheci ~~os meus~~ amigos
 e os meus futuros colegas de
 trabalho e ~~de~~ ~~essa~~ ~~essa~~ ~~essa~~
 cursos que hoje eu tenho o meu negócio
 junto com os meus amigos de curso.
 Querida Jessica muita coisa mudou
 no meu jeito de ser mais não fiquei
 assustada porque eu continuei muito
 alegre e ~~trabalho~~ a onde eu ~~trabalho~~
 que eu mudei foi na parte de se tornar
 um Homem mais esse mais responsável
 um Homem que tenta se empenhar mais
 em seus objetivos ~~com~~
 Uma coisa que eu me arrependo é ainda
 não tenho terminado o curso mais
 pretendo terminar porque é importante
 no meu futuro.
 Eu vou falar para você um pouco
 do meu negócio meu e dos meus
~~meus~~ amigos logo após ter terminado
 o curso que eu fiz como eu ~~te~~
 falei no começo do curso eu


 DERBIL

acabei me aborrecendo um pouco por falta de contato e onde foi uma época que eu tinha desempregado não estava estudando mais eu estava fazendo algumas coisas por aí mas por um erro de destino um dos integrantes do negócio saiu e o negócio tem o nome de Cadeia produtiva do Skate e onde foi escolhido um nome para formar uma marca o nome é Epidemia Skate Board que tem origem da ideia que eu e os meus amigos tivemos de montar uma marca de Hip Hop mas isso eu escrevi em outras cartas falando de eu que eu estava falando quando um dos integrantes saiu que foi aí que eles me chamaram para participar do projeto isso aconteceu em meados de 2006 mais precisamente no fim de maio de 2006 desde então eu mudei para melhor acabei conhecendo muita gente legal muitas coisas diferentes muita coisa eu aprendi nesse tempo que agente não sabe se fala a eu vou pedindo coisas Jessica logo logo eu vou escrever outras cartas para você e espero a resposta.

Nome: Elton Thomas Machado Chaves



A carta parte 2

O que significa trabalho para mim é a maneira de atingir os meus objetivos de vida como, carreira, casa, diversão e outras coisas...

Mudando de assunto uma das minhas atividades na cadeia produtiva era trabalhar na serigrafia e aprender um pouco de administração do ~~nos~~ nosso empreendimento.

Uma das coisas que eu aprendi na cadeia produtiva foi como ~~separar~~ seportar perante o mercado de trabalho, a escutar a opinião dos colegas de serviço além de conhecer um outro tipo de mercado de trabalho e informar além de uma nova profissão.

A escola para mim a parte para a chance de um emprego melhor dessa vez eu optei por uma carta mais firme do que a outra carta. A última reunião trimestral o quanto ~~em~~ nos fomos imaturas perante ao projeto coisa que eu acho que não aconteceria Hoje em dia.

Nome: Alex Tomaz Machado Charão

A História da minha vida ~~na~~ Versão reduzida

A minha História de vida não é muito longa ainda, mais já tem alguma coisa.

Uma vida muito sofrida graças a Deus eu nunca tive porque a minha mãe nunca deixou faltar comida, roupa, carinho e uma boa educação eu nunca tive luxo nenhum a não ser depois de eu começar a trabalhar e comprar as minhas primeiras coisas. Aqui em casa uma coisa que eu aprendi foi a conviver com família grande porque a minha avó teve 11 filhos 56 netos 20 Bisnetos so aqui no patio são 13 pessoas que eu de muito valor. Na minha vida eu conheci pessoas muito importante na minha vida como um exemplo o meu cunhado o Ricardo que medeu a honra de ser padrinho da filha dele todo mundo que trabalhava comigo na serigrafia que são grandes amigos meus que frequentam a minha casa e se espelham na minha mãe no meu pai e na minha família e que eu formei o meu caráter eu tive muitos momentos na minha vida nesse momento eu to um pouco parada na minha vida pessoal e profissional mais eu to

Tentando mudar essa situação
esse foi a minha História de vida
resumida. Fim por enquanto

Nome: Alex Tomaz Machado Chirão

19

/ /

Oi Tia Nêch, faz tempo que eu não te vejo, olto-
cu muitas coisas por aqui.

Uma pessoa (2002), depois de mais 15 anos, (em
setembro consegui um trabalho, através do meu pai,
passei a estudar de noite na escola Mesquita e a coor-
denadora (Claudete) perguntou se meu pai não teria um(a)
filho(a) que gostaria de trabalhar se ele lembrava de
mim, pois sabia que eu queria fazer alguma coisa,
porque eu queria estudar em casa e não poderia ir
comprar as coisas que eu preciso e não depender só
da genêro do meu pai. Minha mãe não pode mais traba-
lhar com faxina, pois ela sofreu uma lesão no tornozelo
e não pode fazer força, mas ela não conseguiu se apo-
sitar ainda, enquanto isso, ela estava fazendo
croché, tricô e em planos de prato, etc, para ajudar em
casa.

Bom, voltando ^{a falar} do emprego que consegui, antes eu tinha
ideia de ir na escola falar com a Claudete, isso aconteceu
numa terça-feira, não me lembro o dia, mas foi no final
do mês de Agosto, ela queria me colocar na função de
Assistente de limpeza, mas naquela época eu não tinha
todos os documentos que era preciso.

Depois de alguns dias, a Claudete me ligou de novo
e me entregou um endereço para aprender a traba-
lhar em serigrafia, assinei a carteira, o contrato e
comecei a trabalhar ali mesmo na escola Mesquita.

Quando cheguei no primeiro dia de trabalho, não
imaginava que seria para gente e que seria só
com homens, fiquei com vergonha, encabulada, pois
era tarde, se tivesse uma menina, junto, amigo.

Sônia Maria

/ /

Seria mais fácil de me adaptar, mas depois de um tempo eu comecei a perder um pouco de timidez e me adaptei ao meu trabalho, as girls sempre foram muito legais comigo, sempre me respeitaram, então foi legal trabalhar com elas, o único problema é que não tinha nada para fazer na maioria das vezes (quase sempre), pois ninguém carria coisas dos trabalhos, divulgava, etc.

Desde pequena aprendi que se não quer alguma coisa tem que conquistar, correr atrás da sua conta, não ficar esperando para ver o que vai acontecer, pois só falar não adianta e bem melhor falar pouco e agir muito e estar em o problema, toda vez reclamava e ninguém fazia, ninguém dava a iniciativa, a Claudete pensou de fazer várias reuniões para tentar ajudar, só que cada um tem que fazer sua parte e o serviço era praticamente dado, pois tinham lugar para trabalhar, só que as pessoas tem que dar valor as oportunidades que lhe apareçam.

Bom, como era e ainda sou inseguro em algumas coisas eu fiquei digno "sem reação", pois era meu primeiro emprego e eu não tinha e ainda não tenho muita noção de "conquistar um emprego", sei que de uma certa forma eu também tive culpa, eu sei disso e admito por não ter incentivado, mas acho eu também penso que eles já são adultos, não era eu que iria dizer o que eles deveriam ou não fazer, mas como era um trabalho em grupo, todos tinham que se esforçar para fazer o máximo possível.

Até de não ter nada para fazer, de só ouvir

/ /

reclamações, me desanimou, sinceramente eu não tinha vontade de ir trabalhar, mesmo a gente não indo todo dia.

Bom, agora em 2008, em setembro fez um ano de contrato, irei renovar para mais um ano, e estou trabalhando diretamente com a Clarice e com o Jair, ali eu faço de tudo um pouco, arrumo arquivos, atendo telefone, entrego documentos, pago contas, etc. Eu estou gostando, agora eu tenho animo de trabalhar, tenho vontade de ir para lá e além de tudo eles são pessoas muito legais, me tratam muito bem.

Para trabalhar com serigrafia, eu não quero mais, não é uma coisa que eu gosto de fazer, digamos que eu não tenho "a paciência" pra isso.

É é isso, estou bem, feliz e espero que os meus ex-colegas de trabalho também consigam um emprego bom, que eles consigam ter uma vida melhor do realidade em que vivem, que estudem e alcancem seus objetivos.

Bom, isso é um pouco do que aconteceu comigo durante esse 2 anos.

Espero que você e todos aí estejam muito bem.

Beijos e Abraços

para todos.

Saudades

Aline Aires Menezes.

2 Novembro de 2008.

Olá Claudete, fico feliz de poder falar com al-
 quem, assim, em carta, pois gosto de escrever, desde
 pequena tive diários, escrevia tudo que me acontecia
 era um jeito de dizer o que pensava, sentia, etc. Mas
 depois com o tempo fui parando de escrever.

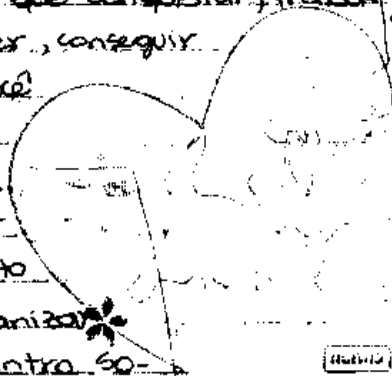
Bom, respondendo as tuas perguntas, escolhi a Tia
 Neide, porque ela é uma pessoa que eu não vejo há
 anos, ela é irmã do meu pai, digamos que eles (meu
 pai e Tia Neide) são os mais afetados da família dele,
 eu gosto muito dela, a Tia Neide sempre ajudou a mi-
 nha mãe no que ela precisava, não por a Tia Neide ter
 a quem tem mais condições financeiras, mas por ser
 uma filha com quem a minha mãe pode sempre contar e
 isso que eu valorizo numa pessoa que por mais que
 seja a situação, o acontecimento, mãe é Mãe!

Trabalho para mim significa ter responsabilidade com
 que você está fazendo, com as pessoas que estão traba-
 lhando contigo, saber que não existe só, você no mundo que
 você tem que confiar, acreditar que as pessoas podem
 te ajudar, que elas podem querer o teu bem.

O trabalho contribui muito na formação da minha
 vida, pois desde adolescente eu já estou aprendendo a
 ter mais compromisso com as pessoas, ser honesta, saber
 que nada cai do céu, que você tem que conquistar, traba-
 lhar e estudar muito para merecer, conseguir.

O que você quer, ou seja, o que você
 deseja, tanto para o seu futuro.

O Trabalho está sendo muito
 bom, pois estou aprendendo a fazer
 coisas que eu não sabia fazer direito
 como pagar contas, depósitos, organizar
 arquivos, até conhecer melhor o Centro So-



Zinha, pois minha mãe nunca me deixou sair pa-
 ra alguns lugares sozinho, principalmente no centro, ela
 temia de medo, mas agora minha mãe sabe que é o
 meu trabalho e que eu tenho que andar com as minhas
 próprias pernas, são com coisas e simples coisas, porém,
 que a gente vai crescendo na vida e isso irá me trazendo
 amadurecimento, conhecimento sobre as coisas e os lugares.

Olha, a Escola Produtiva do exato serviu na minha vida
 para mim ver que tem que ter responsabilidade, admitir os
 erros próprios e não querer julgar os outros se
 você também está errado.

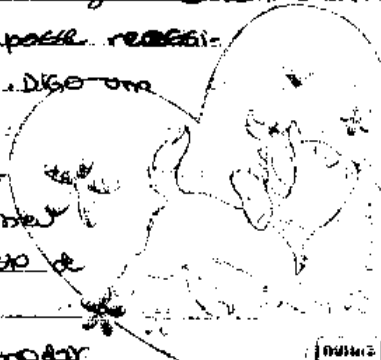
O convívio com os guru serviu para me mostrar que nin-
 guém é igual ao outro, que cada pessoa age, pensa dife-
 rente, mas que devemos pensar um na outra, tentar ajudar,
 mas cada um fazer sua parte e respeitar o pensamento
 de cada pessoa.

Digo que eu entrei para a serigrafia e que mudou
 na minha vida, foi que aprendi a dar mais valor às
 coisas, aos professores, ficar mais maduro, tomar decisões
 bem pensadas e saber ver o lado dos professores, que
 não é fácil, tem que gostar muito desse profissão.



A escola para mim significa um pedaço do meu fu-
 turo, pois se eu não estudar, não me dedicar eu não
 vou conseguir uma profissão que eu goste e tenha um
 salário bom, que no futuro eu não possa realisti-

dade, que possa ajudar meus pais. Digo um
 pedaço, porque não quero fazer só
 o 2º Grau, quero mais cursos, es-
 tágios eu poder fazer, melhor para meu
 futuro, para minha vida e eu gosto de
 estudar.

Sou novo e não quero me acomodar



BRUNO



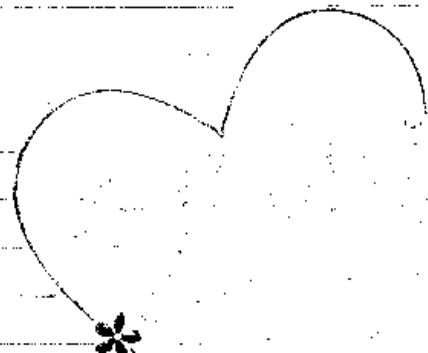
Só com o 2º grau, quero ser alguém na vida, não só pela diábolos, mas pelo reconhecimento, para meus pais, minha família, meus amigos e até eu mesma sentir orgulho de mim.

Então era isso, fico muito feliz em poder compartilhar um pouco da minha vida, do que eu penso, e do que eu quero para o meu futuro.

Um abraço,

Aline Aires Meneses

Porto Alegre 5 de novembro de 2008





AS DATARNAS DA VIDA

Nasci no dia 23 de abril de 1992, às 10:40 da manhã. Meus pais são Joel Oliveira Moraes e Juliana Aives ~~Moraes~~, tenho dois irmãos mais velhos, Claudio (por parte de mãe) e Rodrigo (por parte de pai), eu sou a única filha do casal.

Bom o que eu me lembro da minha infância, foi que meus pais sempre me deram o melhor que estava no alcance deles, foi uma infância boa, criada com meus primos e que me cuidou, criou, foi minha vó por parte de mãe. Minha mãe ficou comigo até 1 aninho, depois até os 3 anos foi minha vó.

Morei até meus 7 anos mais ou menos no mesmo sítio que meus avós, tiaó, só em casas diferentes, no bairro Fátima Berta. Mas não era muito harmoniosa a vida, ali, morando todos no mesmo sítio, pois digamos meu avó não gostavam muito do meu pai e sempre quando havia discussões entre meus pais, meus avós se metiam e acabava sempre meu pai saindo de casa, indo para a mãe dele e assim eu fui criada, vendo meus pais irem e voltarem.

Até que um dia eu tinha 7 para 8 anos, minha mãe tomou a decisão de sair dali, ela e meu pai perceberam que tinham que começar de novo, minha mãe percebeu que tinha que viver com mais liberdade, com ninguém se metendo em sua vida.

Fomos morar de aluguel, em duas quadras da onde morávamos, ficamos 2 anos ali.

Porém um dia uma amiga de minha

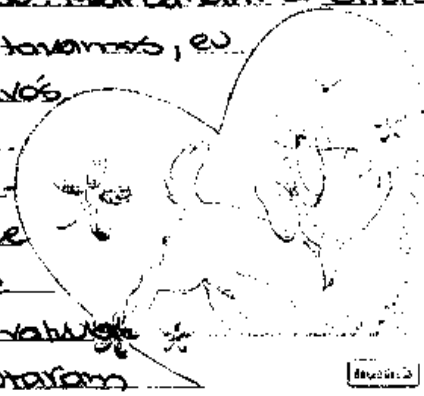


meu mãe ligou para ela, pedindo que fossemos morar na sua antiga casa, se meus pais não gostavam de comprar a casa, pois ela (Sônia) estava morando do outro lado do mundo em Porto de Galinhas e quem estava cuidando a casa dela aqui na Leopoldina, era um "companheiro" que vivia com ela a tempos.

Meus pais aceitaram, pois estavam saindo do aluguel, para ter uma casa própria. No começo foi meio apertado a situação, pois tinha muita coisa para arrumar na casa e meu pai trabalhava como pedreiro e minha mãe só estava fazendo faxina, são empregos que as vezes não tem serviço, mas depois melhorou.

Em 2006, minha mãe não estava se sentindo muito bem e foi ao médico, depois de exames, diagnosticaram que estava com a aveiaorta dilatada e que teria que fazer cirurgia, colocar uma válvula, se não fosse poderia viver, dias, meses, anos, o médico não sabia ao certo.

Mas minha mãe ficou com muito medo de não sair da mesa de cirurgia, de morrer ali mesmo, mas depois de todas conversarem com ela, tomou a decisão de fazer a operação. Marcaram a cirurgia. Eu me lembro bem, estávamos, eu, meu pai, minha dinda, meus avós e meu irmão, aguardando a hora de acabar. Bom a operação durou menos tempo do que o previsto e descobrimos que além de terem que botar a válvula na aveiaorta os médicos botaram



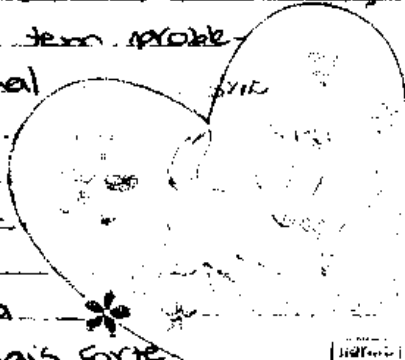
uma no coração, mas graças a Deus ocioneu tudo bem.

Como minha mãe iria ficar uma a duas semanas no máximo no hospital se recuperando, mas ela começou a ter febre e depois de exames descobriram que estava com infecção urinária, os médicos deram antibióticos, e depois de uma semana, a febre cessou, mas teria que aguardar mais uns 4 dias, sem tomar o antibiótico para ver se não iria voltar, mas a febre voltou e fazendo exames descobriram que minha mãe estava com infecção hospitalar. Nesse período todo, durou 3 meses, minha mãe ficou 3 meses dentro daquele hospital. Fui meu aniversário de 13 anos com minha mãe, passei com ela.

Depois de tomar os antibióticos, retornaram a fazer novos exames e viram que a bactéria não estava mais ali, então minha mãe retornou para casa.

Durante esse período eu fiquei na casa de minha avó, até porque o meu colégio era ali perto.

Um ano depois (2006), minha mãe ficou muito nervosa com alguns problemas, e o médico recomendou, disse, que ela não poderia se estressar, ficar nervosa, mas minha mãe tem problemas de nervos, então, passou mal e levamos ela ao médico e depois de exames descobriram que a bactéria não tinha morrido e sim estava escondida e que teria que baixar, para tomar novos antibióticos, mais forte.



e se se estes não adiantassem, teria que fazer uma nova operação, foram mais 2 meses e meio no hospital, sem ter minha mãe ao meu lado, sem poder vê-la todos os dias. Mas, felizmente conseguiram manter a bactéria e minha mãe voltou para casa.

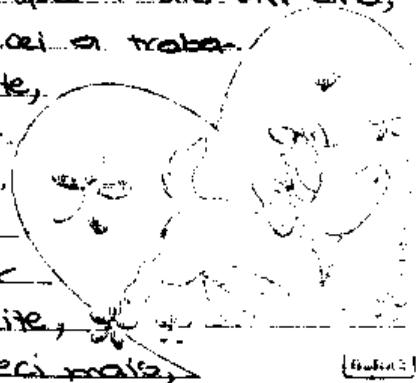
Em 2007, fiz 15 anos, foi uma festa simples, mas linda, no começo eu não queria, mas como eu sou a única filha do casal, a única menina, era o sonho de minha mãe fazer uma festa, então aceitei, mas não me arrependi, pois foi um dos dias mais bonitos, felizes da minha vida.


Antes disso, no final de 2006 me formei no Ensino fundamental, meus pais se separaram, pois não estava mais dando certo, eu aceitei tranquilamente, pois já não havia paz, só discussão, eu não estava feliz, ninguém estava.

Bom, em 2007, também fui para um novo colégio, fazer o Ensino Médio, onde estou até hoje.

Em setembro de 2007 comecei a trabalhar na Escola Mesquita, consegui esse trabalho através do meu pai que conhecia a Claudete. Comecei na parte da serigrafia, fiquei durante 1 ano, depois a empresa não renovou meu contrato por mais um ano, como jovem aprendiz e comecei a trabalhar diretamente com a Claudete, organizando arquivos, atendo telefone, digitando, pagando contas.

Onde estou até hoje e esse ano (2009), comecei a trabalhar o dia inteiro e estudar de noite, muita coisa mudou, amadureci mais,





meus pensamentos estão diferentes, o trabalho, não está me ajudando só financeiramente mais, também como pessoa.

Grças a Claudete que me ajudou, conseguindo que eu trabalhasse o dia inteiro, para poder ganhar mais, pois minha mãe não tem mais condições de fazer faxina, não está conseguindo se aposentar e está tendo que pagar INSS.

Estou morando com minha mãe no mesmo prédio que meus avós, voltamos para onde tínhamos saído. Minha família depois de Deus é o mais importante em minha vida, meus avós se dão bem com meu pai e são pessoas que eu amo e admiro muito pois são pessoas guerreiras, batalhadoras e que sempre ajudaram eu e minha mãe.

Meus pais são tudo para mim, são pessoas guerreira, que nunca desistiram de lutar, de conquistar o que queriam, são exemplos de vida para mim, são pessoas que estiveram sempre ao meu lado, que querem sempre o meu bem.

Bom, isso é o resumo da minha vida, apesar de ter apenas 17 anos, já passei por bastante situações, mas sei que nada é fácil, que tem que lutar, conquistar para se ter e que ainda irei passar por muita coisa, mas sei que Deus irá me ajudar.



Para meu amigo Samir

É aí meu amigo a quanto tempo não nos vemos quase 6 anos, muitas coisas boas aconteceram nesses últimos anos e também muitas coisas ruins.

Bem vou falar nos últimos 3 anos onde os estragos e benefícios foram maiores, bem vamos começar.

Se não me engano tudo começou entre fevereiro e Abril de 2005, uma amiga da minha mãe que trabalha com essas paradas sociais veio aqui em casa e falou com minha mãe sobre alguns cursos, bom e ela fez com que eu me interessasse a princípio eu não queria mais acabar acatando os ordens da velha, eu tentei indo bem nos estudos quase do tipo aluno perfeito sabe, notas altas e poucas faltas e eu achava que isso poderia atrapalhar um pouco na escola.

Bem os cursos começaram e eu conheci muita gente bacana logo na primeira semana o pessoal q tá interessado e projetado uma marca de roupas "Tu pegando" era o nome, eu era da criação nessa eu nunca existo, eu tanto nunca tive tantas ideias diferentes, mas infelizmente não rolou e as ideias ficaram mais que esquecidas, e os meses se passaram e o curso de Pintura industrial acabou.

Chega Novembro de 2005, eu consegui um emprego temporário no Ministério Público, foi o mês mais duro que eu passei nesse ano, a carga horária nem os afogados ajudaram e foi difícil.

Chega Janeiro de 2006, eu voltei ao Ministério das 11h as 19h, foi mais leve o serviço era só entrega de processos e um pouco mais de apremendiadas.

Nos últimos dias meus no Ministério eu encontrei a Adilson na rua e ele me falou sobre o projeto e eu fiquei de ir pra conhecer.

Bem eu fui até a Merquita lugar onde era feito o projeto pra conhecer e encontrei o Pedro lá e ele me explicou como seria o projeto e eu me interessei um pouco, e ele me disse que por enquanto o último integrante do grupo ainda não tinha aparecido e euerei um membro temporário.

Como alguns esperavam o tal integrante não apareceu e eu entrei definitivamente no grupo.

Com o calor e a estrada pegando nos ramos todos os dias a tarde pra Merquita, e cara nos exames foram muito bons, claro cada um dentro de suas limitações.

Nesse tempo o grupo era forte e unido algo que mudou depois, mais isso eu explico mais pra frente.

Por volta de Abril de 1906, a Coresan nos con-
 tratou como aprendizes, talvez uma das piores coisas
 que aconteceu naquele momento, piores eu diria porque
 se tivessem esperado um pouco pi nos contrata em
 acho que o grupo não seria o mesmo, eu tomei por
 base agora que nos estamos a nada, eu sempre que
 passo ainda me dá na cabeça, a Adilson tam-
 bém, como esse meu outro amigo amigo já tivemos
 muitas ideias talvez essa última a melhor de todas
 agora e só esperar.

Tudo estava indo bem até nessa 1ª queda
 apesar de só eu achar isso nos perdemos o equi-
 líbrio do grupo: ~~o~~ HAVÃO fazenda a coisa
 mais idiota que eu pensei que ~~o~~ Alvia, eu
 acho que pior que ~~o~~ ~~o~~ ~~o~~ de traição
 da decadência em mal ~~o~~ ~~o~~ ~~o~~ de ver e foi ir procurar
 outra para ocupar o lugar.

Como foi eu de se espera e mamãe saiu e foi
 chamado o Chavão para ocupar o vago, depois
 disso o grupo entrou numa profunda decadência
 quitando com as atitudes de nossa técnica que
 sinceramente queria nos salvar, mas acabamos
 todas quase rando de profeta.

Alguns seres humanos são de certa forma in-
 terrantes, se eu tivesse essa mesma habilidade de escu-
 sa (mesmo que meio escudo) no falar e no fazer
 eu oposto que se já tinha feito um pouco melhor
 que o grupo todo em todo esse tempo.

Nunca engasgado, mas todos reclamavam
 que eu era o mais parado e mais distante, mais
 uma coisa nenhuma delas podia negar, eu apren-
 di melhor o processo da serigrafia do que eles,
 a parte técnica todos aprenderam, mas tem os ex-
 traos, ~~essa~~ ~~essa~~ essa é quem eu sou (era) e
 nunca que sabia manter os antes pt serigrafar,
 a principal isso não parece importante, mas uma
 arte que os antes demoravam mais de meia ho-
 ra mantendo eu demorava dez minutos, e como
 o quem dizia o cara se faz as coisas certas
 com calma.

Dezembro de 2006, Duas perdas ou melhor duas
 falas que levaram o grupo em definitivo pra
 fundo do ~~poço~~ poço.

A saída do Vidro foi para alguma hora
 pois buscaram uma certa "liberação", para eu
 ter foi como perder o pulmão de time, o cara
 que fazia o negócio andar.

O outro fato foi o encerramento da Budget,
 onde todos tiveram de mostrar ~~o~~ ~~que~~ aprenderam
 durante o ano e mostrar o que até ali seria uma
 marca e grande marca de sorte EPOXIDEA.

A no mês, todos problemas, o ano de 2007 me
 require sem nada de mais sem dinheiro nem pra
 compra lá, mas pegamos um apelo da sindicato
 onde foi comprada algumas camisetas para fazer,
 mas faltou vontade dos "líderes" de lado.

Para não dizer que o ano foi totalmente per-
 dido (porque foi) nos fizemos algumas camisetas
 para assinatura.

Chega 2008, e acaba nosso contato com a
 Coleson, e aí que eu digo que o contato di-
 via esperar, porque se tivesse esperado um pouco
 mas iam saber quem eram os querreiros, quem
 realmente queria aquilo.

O horário parou de ir pra lá antes de acabar o
 contato de e já faz tempo que eu não o vejo. O
 Ricardo que era o que todos achavam que seria
 o mais querreiro foi o primeiro a pular fora
 quando o contato acabou. Assim ficou os três
 caras que ninguém apostava 1 real, eu, Thuram
 (que seria o rei), e meu parceiro de guerra
 Adibon.

Agora se nos resta 1 carta na manga, a car-
 ta que se nos reunirmos um, vai nos dar a vi-
 tória nesse jogo. Deixe eu explicar, junto com o
 Pedro nos montamos uma nova marca que é o
 nosso As na manga, e que diferente das outras
 tem tudo pra dar certo porque está todos nos
 suas áreas, cada um fazendo o que sabe fazer
 melhor. Por isso eu digo. A esperança.

E na história experiential, a história é
em breve contada como história passada e
quase suas condições, não há nada de

que se possa dizer sobre o futuro, a história
é contada como história passada e quase suas
condições, não há nada de que se possa

dizer sobre o futuro, a história é contada
como história passada e quase suas condições,
não há nada de que se possa dizer sobre o

futuro, a história é contada como história
passada e quase suas condições, não há nada
de que se possa dizer sobre o futuro,

a história é contada como história passada
e quase suas condições, não há nada de que
se possa dizer sobre o futuro, a história

é contada como história passada e quase
suas condições, não há nada de que se possa
dizer sobre o futuro, a história é contada

como história passada e quase suas condições,
não há nada de que se possa dizer sobre o
futuro, a história é contada como história

passada e quase suas condições, não há nada
de que se possa dizer sobre o futuro, a
história é contada como história passada e

quase suas condições, não há nada de que
se possa dizer sobre o futuro, a história
é contada como história passada e quase

Bem, Samir é um amigo muito importante para mim, que eu não vejo a alguns anos, porque ele se mudou para Brasília.

A minha definição de trabalho é fazer o que se gosta ou fazer aquilo que se sabe melhor.

No ministério eu buscava e entregava processos, andava por vários lugares. Já no Projeto eu estava no meio de várias pessoas assim eu não tinha tanta coisa para me preocupar eu acho que essa é a grande diferença.

Eu acho que nada que aprendi na serigrafia eu aproveitei fora de lá, o meu grande aprendizado foi no consórcio.

O cadeia eu achei que seria a melhor oportunidade da minha vida.

História da minha vida

Eu sou José Carlos Samurço filho de José Ferreira P. e Simone Samurço P.

É sou o filho mais velho de cinco irmãos, nós nascemos em Porto Alegre mas moramos em Uruguaiana por algum tempo já que meu pai é de lá.

Nós voltamos p/ Porto Alegre quando eu tinha 3 anos foi quando vemos morar no Partenon.

Eu estudei na escola Mariana Martins até a 8ª série, quando eu estava na 4ª eu conheci o Adilson, nós eramos colegas de classe.

Minha mãe era de uma igreja evangélica e eu ia às vezes com ela, e uma vez eu fui em um retiro dessa igreja foi quando eu conheci o Samer e ele era o cantor dos grupos jovens da igreja e eu comecei a falar com ele limpando o banheiro.

Eu depois que terminei o ensino fundamental passei por três escolas, não sei porque mas depois que terminei o 1º ano do médio eu fui perdendo a vontade de estudar e acabei parando.

Após terminar o consorcio eu fui trabalhar no Ministério e no início de 2006 comecei a fazer parte da Cadeia Produtiva.

Tudo começa quando eu fui chamado para fazer o Consócio nacional da juventude.

No começo eu fui para o lugar errado pois eu deveria fazer o curso em um lugar, mas o tempo que eu fiquei lá foi bom.

No mesquita eu fiz o curso de construção civil, lá na quele local eu fiz bastante amigos e foi através dessas pessoas. Nós tivemos a ideia de ter nossa própria negocio em "Hip Hop" ~~que~~ era a fabricação de roupas, a ideia era boa no começo mas nem tudo deu certo, ao longo do curso eu percebi^{ae} algumas pessoas não se adaptavam ao mercado de trabalho e eu comecei a desanimar devido elas, ~~mas~~ depois eu fui chamado para fazer parte da "Cadeia produtiva" do sinate mais uma oportunidade para mim era o polo -do-gato ao mercado de trabalho, na "cadeia produtiva" eu aprendi a ~~de~~ ter autonomia como iniciar um negocio, ~~da~~ minha opiniao eu precisava de oportunidade, pois vontade eu tenho.

Quero que saiba que uma das

grande protagonista de História
foi uma grande amiga claudete

[Faint, mostly illegible handwriting on lined paper]

criada